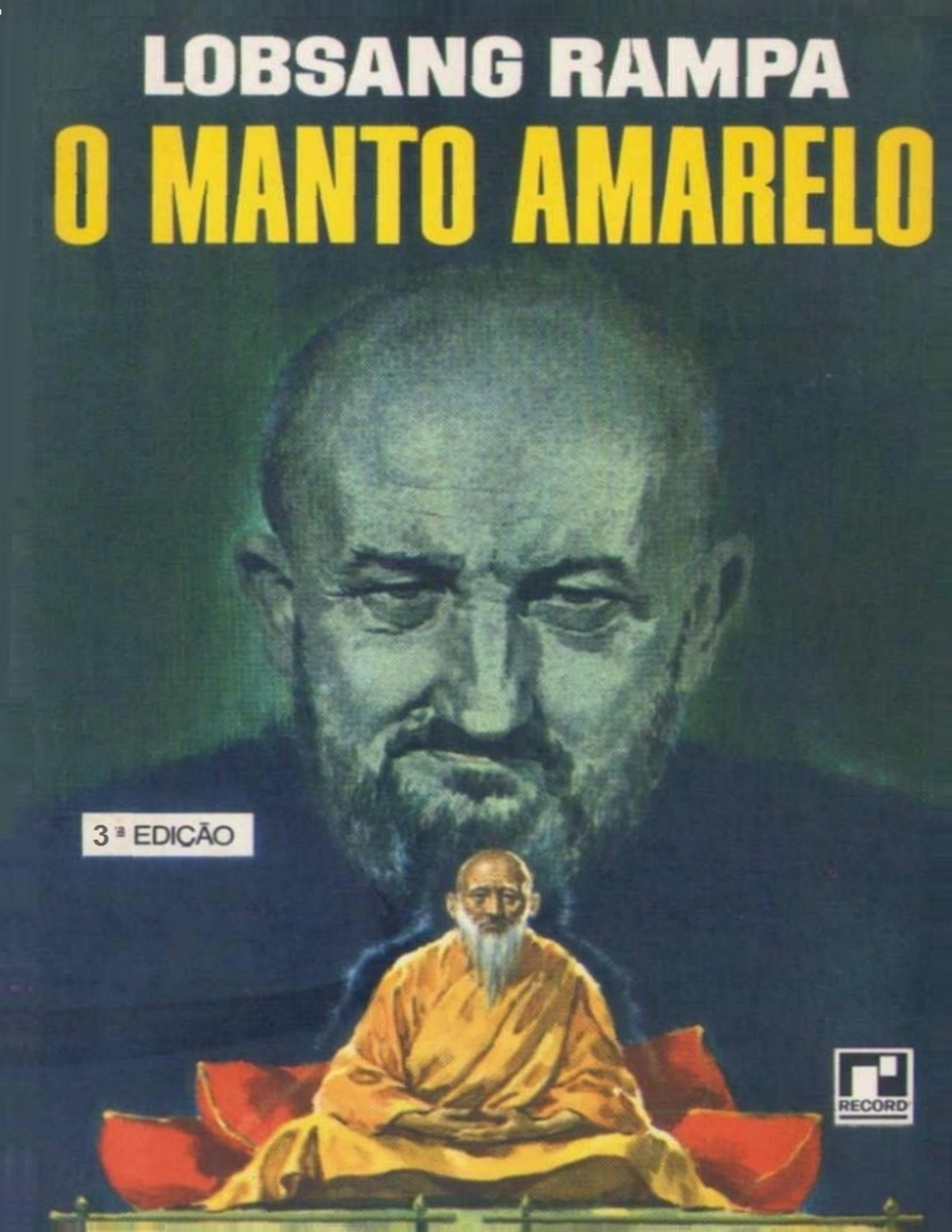
LOBSANG RAMPA

O MANTO AMARELO



3ª EDIÇÃO

RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

T. Lobsang Rampa

O Manto Amarelo

3ª. Edição

Tradução de
RUY JUNGMANN

DISTRIBUIDORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

1

Estranhas sombras encresparam-se diante de meu olhar distraído, ondulando em minha direção como coloridos fantasmas de algum remoto e agradável mundo. A água, matizada de sol, estendia-se tranquila a alguns centímetros do meu rosto.

Cuidadosamente, mergulhei o braço abaixo da superfície, observando as pequenas ondas preguiçosas provocadas pelos meus movimentos. Apertando os olhos, examinei as profundidades. Sim, era sob aquela grande e velha pedra que ele vivia — e ele estava saindo para cumprimentar-me! Preguiçosamente, passei os dedos pelos flancos do peixe, agora imóvel. Imóvel, salvo pelos movimentos fáceis das barbatanas enquanto ele se "mantinha em posição" entre os meus dedos.

Éramos velhos amigos. Frequentemente, eu vinha e atirava alimentos na água antes de acariciá-lo. Sentíamos a compreensão completa que nasce apenas da ausência total de medo recíproco. Naquela ocasião, eu nem mesmo sabia que os peixes poderiam constituir alimento para o homem. Os budistas jamais tiram a vida ou infligem sofrimento a outros seres.

Inspirei profundamente e mergulhei o rosto abaixo da superfície, ansioso para examinar mais de perto esse outro mundo. Sentia-me como um deus observando uma estranha forma de vida. Altas frondes ondulavam levemente, tangidas por alguma corrente invisível. Robustas plantas aquáticas postavam-se eretas como árvores gigantescas de alguma floresta. Um fio arenoso abria meandros como uma serpente estúpida, ladeado por umas plantas verde-pálidas, cuja extensão lembrava um gramado bem cuidado.

Minúsculos peixes, multicoloridos, de grandes cabeças, arremetiam em rápidos movimentos por entre as plantas na busca contínua de alimentação e diversão. Um grande caracol aquático desceu penosamente pelas bordas de uma grande rocha cinzenta para dar início à tarefa de limpar a areia.

Os meus pulmões, porém, estavam a ponto de explodir. O quente sol do meio-dia queimava-me o pescoço e as ásperas pedras da praia penetravam-me na carne. Com um último olhar em torno, coloquei-me de joelhos e com alívio respirei o ar perfumado. Aqui, em Meu mundo, as coisas eram muito diferentes do plácido

mundo que eu estivera estudando. Fora havia agitação, perturbação e movimento contínuo. Vacilando um pouco, devido ao ferimento mal sarado na perna, ergui-me, encostei-me na árvore favorita e olhei em volta.

O Norbu Linga era uma explosão de cor, com o verde-vivo dos salgueiros, o escarlate e o dourado do Templo da Ilha e o céu azul, profundamente azul, realçado pelo branco puro das nuvens alvíssimas que corriam em atropelada, vindas das montanhas da Índia. Aqui, tudo era pacífico, quieto. Além das muralhas, eu observava condições muito diferentes.

Monges de mantos avermelhados passavam carregando pilhas de roupa para lavar. Outros se agachavam ao lado da corrente faiscante e torciam e batiam as roupas até estas ficarem ensopadas. Cabeças raspadas brilhavam ao sol, e, à medida que passava o dia, gradualmente se tornavam vermelhas. Pequenos acólitos, recém-chegados à lamaseria, andavam aos pulos e, em frenética excitação, batiam os mantos com grandes pedras maciças para que eles parecessem mais velhos, mais usados, e dessem a impressão de que o usuário era acólito há mais tempo!

Ocasionalmente, o sol tirava reflexos brilhantes de luz dos mantos dourados de algum augusto lama que fazia a viagem entre a Potala e o Pargo Kaling. A maioria era composta de homens de aparência séria, homens que haviam envelhecido a serviço do Templo. Outros, muito poucos, eram realmente jovens, alguns deles Encarnações Reconhecidas. Outros haviam progredido e avançado pelos próprios méritos.

Andando com grandes passadas, parecendo muito alerta e ferozes, vi os monges-policiais, os poderosos homens da Província de Kham, encarregados da manutenção da disciplina. Grandes e eretos, conduziam grandes bastões, insígnias de seus cargos. Não eram intelectuais, mas homens de coragem e integridade, escolhidos apenas para aquele trabalho. Um deles aproximou-se e encarou-me interrogativamente. Reconhecendo-me tardiamente, afastou-se em grandes passadas em busca de transgressores mais dignos de sua atenção.

Atrás de mim erguia-se a altaneira massa da Potala — "O Lar do Deus" — projetando-se em direção aos céus, uma das mais gloriosas obras do homem. A rocha brilhava suavemente em grande número de nuanças e enviava reflexos multicoloridos e trêmulos sobre as águas. Graças a algum truque da luz cambiante, as figuras esculpidas e coloridas da base pareciam imbuídas de vida, oscilando e movendo-se como um grupo de pessoas em animada discussão. Grandes colunas de luz, refletidas pelas Tumbas Douradas situadas no telhado da Potala, formavam vívidas manchas nos recessos mais sombrios das montanhas.

Ouvindo um súbito ruído e o estalar de um ramo que dobrava, levantei a

cabeça e examinei a nova fonte de atração. Uma ave antiga cinzenta e palradora, mais velha do que o mais velho acólito, havia pousado na árvore atrás de mim. Observando-me com olhos notavelmente brilhantes, disse "cruaak" e subitamente virou-se, dando-me as costas. Estendeu as asas ao máximo e sacudiu-as violentamente, expelindo, ao mesmo tempo, com espantosa força e pontaria, um indesejável "presente" em minha direção. Somente com um desesperado salto para o lado consegui evitar servir de alvo. A ave voltou-se e encarou-me novamente, dizendo "cruaak! cruaak" antes de desviar a atenção para alguma coisa mais digna de interesse.

As asas da brisa suave trouxeram os sons amortecidos de uma caravana de mercadores procedentes da Índia. Ouvi os mugidos dos iaques que protestavam contra as tentativas dos condutores de apressá-los, o estalar e o chiar asmático de arreios de couro seco e antigo, o ruído e o arrastar de muitos pés e o tilintar musical de pequeninos seixos atirados para os lados pela caravana. Pouco depois, consegui distinguir as pesadas bestas, carregadas de grandes sacos exóticos. Os grandes chifres balançavam sobre as sobrancelhas peludas, subiam e desciam enquanto os gigantescos animais prosseguiam com passadas lentas e incansáveis. Alguns mercadores usavam turbantes; outros, velhos chapéus de peles. Alguns cobriam as cabeças com barretes esmolambados.

— Uma esmola, uma esmola pelo amor de Deus — choramingavam os mendigos. — Ah! — gritavam, quando os mercadores passaram indiferentes. — Sua mãe é uma vaca e se casou com um javali, seus filhos são parentes do Sheitam e suas irmãs são vendidas na praça do mercado!

Estranhos odores fizeram cócegas nas minhas narinas e levaram-me a tomar uma profunda respiração — e, em seguida, espirrar violentamente. Cheiros do coração da Índia, tabletes de chá da China, pó antigo sacudido dos fardos carregados pelos iaques, vieram todos em rajadas em minha direção. À distância, sumiu o som dos chocalhos dos iaques, a animada conversação dos mercadores e as imprecações dos mendigos. Dentro em breve, as senhoras de Lhasa teriam às portas, ricos visitantes. Logo os lojistas estariam discutindo sobre os preços exigidos pelos mercadores. Sobrancelhas erguidas e vozes ainda mais altas comentariam os preços inexplicavelmente aumentados. Sem perda de tempo eu teria de voltar à Potala.

Minha atenção vagueou. Preguiçosamente, observei os monges entregues às suas abluções, dois deles preste a se engalfinharem porque um ameaçara jogar água no outro. Rapidamente, os monges-policiais intervieram no alvoroço. Os dois monges, repreendidos, foram conduzidos nas mãos de ferro dos "Guardiões da Paz".

Mas o que era aquilo? Olhei fixamente para os arbustos. Dois pequeninos olhos

brilhantes encaravam-me ansiosamente quase do nível do chão. Duas pequenas orelhas cinzas inclinavam-se atentamente em minha direção. Um corpo diminuto agachava-se, pronto a partir em desabalada carreira ao menor gesto meu. Um pequeno rato cinzento ponderava a possibilidade de passar entre mim e o lago a caminho de casa. Enquanto eu o olhava, ele correu rapidamente para a frente, sem tirar os olhos de mim. O cuidado foi mal empregado. Não olhando aonde ia, chocou-se de cabeça com um galho caído e — com um guincho de terror — saltou alguns centímetros no ar. Saltou mal, longe demais, para um dos lados. Voltando ao chão, falseou os pés e caiu no lago. O pobre animalzinho espadanava sem sair do lugar e estava em perigo de ser capturado por um peixe quando mergulhei na água até os joelhos e o retirei com as mãos.

Secando-o cuidadosamente com a bainha de meu manto, voltei à praia e coloquei a pequenina e trêmula trouxa no chão. Vi apenas uma mancha desmaiada de cor — e ele mergulhou num buraco, sem dúvida, aliviado pela salvação. Acima de mim, a ave antiga emitiu um "cruaak" de desprezo e alçou-se penosamente no ar, batendo com ruído as asas em direção a Lhasa.

Em direção de Lhasa? Isso me lembrou que eu devia tomar também a direção da Potala! Lá em cima, nos muros do Norbu Linga, os monges se curvavam, examinando as roupas estendidas no chão. Era preciso examinar tudo cuidadosamente antes de fazer alguma coisa. A pequena Irmã Barata talvez estivesse passeando sobre as roupas e dobrá-las poderia esmagá-la — ato esse que faria qualquer monge budista tremer e empalidecer.

Talvez um pequeno verme se tivesse abrigado do sol sob as roupas de um alto lama. Neste caso, o Pequeno Verme devia ser removido para lugar seguro, evitando-se que o seu destino fosse alterado pelo Homem. Por toda parte os monges se curvavam, observavam e suspiravam de alívio à medida que uma pequena criatura após outra era poupada da morte certa.

Gradualmente, as pilhas de roupas aumentaram e foram preparadas para serem levadas à Potala. Pequenos acólitos vacilavam sob os fardos das roupas recém-lavadas. Alguns não podiam ver coisa alguma acima das trouxas. Inesperadamente, ouviam-se exclamações quando algum jovem escorregava e atirava as roupas ao chão empoeirado ou mesmo na lama da margem do rio.

Do alto do teto vieram o ribombo das conchas e o clangor das grandes cornetas, em sons que ecoavam e ressoavam pelas distantes montanhas, de tal modo que, quando as condições eram propícias, as vibrações pulsavam em torno de nós e as sentíamos bater no peito durante minutos. Em seguida, subitamente, tudo ficava silencioso, quieto, tão quieto que podíamos ouvir as batidas do próprio coração.

Deixei a sombra da árvore amiga e abri caminho penosamente através de uma fenda na cerca. Minhas pernas tremiam. Sofrera havia algum tempo uma grave queimadura na perna esquerda — que não cicatrizara bem — e quebrara depois as pernas quando uma grande golfada de vento me erguera do telhado da Potala e me lançara montanha abaixo. Eu coxeava e durante algum tempo fui dispensado de minha parte nos trabalhos domésticos. A minha alegria por esse motivo foi algo diminuída por ter de estudar mais "para que a dívida fosse paga", conforme me informaram. Hoje — dia de lavagem — eu ficara livre para vaguear e descansar no Norbu Linga.

Não voltaria, porém, pela estrada principal, onde altos lamas e abades se acotovelavam. Não subiria os duros degraus onde costumava contar "noventa e oito, noventa e nove, cem, cento e um". Postei-me ao lado da estrada enquanto lamas, monges e peregrinos passavam. Rareando um pouco o movimento, arrastei-me para o outro lado da estrada e mergulhei nos arbustos. Segurando-me na íngreme encosta, subi por cima da Aldeia de Sho e tomei um atalho entre as Cortes da Justiça e a Potala.

O caminho era acidentado, mas belo, com uma profusão de pequenas plantas nascidas entre as rochas. Caíra a temperatura e as minhas pernas quebradas começaram a doer intoleravelmente. Apertei mais o velho manto contra o corpo e sentei-me numa rocha conveniente para recuperar as forças e o fôlego. Na direção de Lhasa, eu podia ver pequenas fogueiras crepitantes — os mercadores indianos acampavam a céu aberto, como faziam frequentemente, de preferência a ficar numa das hospedarias. Mas à direita, no rio brilhante, que partia da jornada imensa em direção à Baía de Bengala.

"Ur-rorr, ur-rorr!" — rosnou uma profunda voz de baixo e uma dura cabeça pelada bateu-me nas pernas.

"Ur-rorr, ur-rorr!!" — respondi amigavelmente. Uma mancha indistinta moveu-se, um grande gato preto saltou-me sobre as pernas e aproximou o focinho de minha face. — Honrado Gato! — disse eu através do espesso pêlo. — Você está-me sufocando com suas atenções.

Gentilmente, segurei-o pelos ombros e empurrei-o um pouco para trás para olhá-lo de frente. Grandes olhos azuis, ligeiramente estrábicos, encararam-me fixamente. Os dentes eram tão brancos como as nuvens lá em cima. As orelhas distendidas estavam alertas ao menor som.

O Honrado Puss Puss era um velho e querido amigo. Frequentemente, ficávamos aconchegados sob o abrigo de um arbusto e conversávamos a respeito de nossos receios, desapontamentos e as dificuldades de nossas duras vidas. Agora, ele

demonstrava sua afeição por mim, abrindo e fechando as grandes patas, ronronando cada vez mais alto. Por algum tempo, ficamos sentados juntos e, juntos, decidimos em seguida que era tempo de partir.

Enquanto me arrastava montanha acima, tropeçando, com a dor a lancear as pernas doentes, o Honrado Puss Puss corria à frente, com a cauda rigidamente vertical. Mergulhava sob a vegetação rasteira e, quando eu me aproximava, saltava e mordia alegremente o meu manto ondulante.

— Ora, ora! — exclamei numa dessas ocasiões — não é assim que se comporta o líder dos Gatos Guardiães das Joias.

Em resposta, ele baixou as orelhas para trás, saltou em direção a mim, subiu-me nos ombros e mergulhou para o lado dos arbustos.

Divertia-me observar os gatos. Nós os usávamos como guardas, pois um gato siamês devidamente treinado é mais feroz do que qualquer cão. Eles ficavam em repouso, aparentemente adormecidos, ao lado dos Objetos Sagrados. Se um peregrino tentasse tocar ou roubar os objetos, os gatos — sempre aos pares — os agarravam e mantinham-nos imóveis ameaçando estraçalhar-lhe a garganta. Eram FEROZES. Eu, porém, podia fazer o que quisesse com eles e, sendo telepata, conversávamos sem dificuldade.

Alcancei a entrada lateral. O Honrado Puss Puss já lá estava, arrancando energicamente grandes cavacos do poste de madeira ao lado da porta. Ergui o ferrolho, ele empurrou a porta com a forte cabeça e desapareceu na escuridão enfumaçada. Eu o segui muito mais lentamente.

Este era o meu lar temporário. Os ferimentos na perna eram tais que eu fora enviado de Chakpori à Potala. Penetrando no corredor, odores familiares disseram-me que eu estava em "casa". Senti o aroma sempre presente do incenso, os perfumes sempre diferentes segundo a ocasião e a finalidade para que estava sendo queimado. Feriu-me as narinas o cheiro amargo, rançoso e "pungente" da manteiga de iaque que usávamos em nossas lâmpadas, no aquecimento de pequenos objetos, como chaleiras, ou para fazer esculturas nos dias mais frios. As recordações persistiam. Por mais que esfregássemos (e não esfregávamos com muito entusiasmo!) o cheiro estava sempre presente, saturando tudo. Cheiro menos agradável era o de estrume de iaque que, seco, empregávamos no aquecimento dos quartos dos velhos e doentes. Eu continuava a descer o corredor, passando pelas trêmulas lâmpadas de manteiga que tornavam ainda mais sombrias as escuras passagens.

Outro "perfume" pairava sempre em todas as lamaserias, um "perfume" tão conhecido que não o notávamos a menos que a fome nos aguçasse a percepção.

Tsampa! O cheiro de cevada torrada, o cheiro de tabletes de chá chinês, o cheiro de manteiga quente. Misture-os e o resultado é o inevitável e eterno tsampa. Alguns tibetanos jamais provaram outro alimento; são criados para saboreá-lo e é o último alimento que provam. É alimento, bebida e consolação. Proporciona o sustento nos mais duros trabalhos manuais e alimento para o cérebro. Eu, porém, sempre acreditei que amortece o apetite sexual e o Tibete não tem problemas em ser um Estado casto, uma terra de monges, com uma decrescente taxa de natalidade.

A fome havia-me aguçado a percepção e eu podia apreciar o aroma de cevada torrada, manteiga quente e tabletes de chá chinês! Desci cansadamente o corredor e dobrei à esquerda no lugar onde o cheiro era mais forte. No aposento, junto a grandes caldeirões de cobre, monges-cozinheiros punham conchas de cevada torrada e moída dentro do chá borbulhante. Um deles cortou diversos quilos de manteiga de iaque e lançou-os dentro do caldeirão; outro despejou um saco de couro cheio de sal que havia sido trazido dos lagos das montanhas por membros das tribos. Um quarto monge, com um remo de três metros, mexia e agitava a massa. O caldeirão borbulhava e espumava. Pequenos ramos dos tijolos de chá subiam à superfície e eram retirados com o remo pelo monge.

O estrume de iaque que queimava sob o caldeirão produziu um mau cheiro acre e nuvens e nuvens de fuligem preta. Todo o lugar estava coberto de fuligem. Os rostos dos monges-cozinheiros, com o suor a abrir sulco nos rostos sujos, podiam ter pertencido a entidades de algum profundo inferno. Vez por outra, o monge do remo levantava pedaços flutuantes de manteiga do caldeirão e as atirava no fogo. Ouvia-se um chiar, uma fulguração de chamas, e sentia-se novamente o mau cheiro!

— Ah, Lobsang! — gritou um monge abafando o ruído dos pratos e o clamor. — Com fome novamente, hem? Sirva-se, rapaz, sirva-se.

Retirei de dentro do manto a pequena sacola de couro onde nós, monges, guardamos o suprimento diário de cevada. Sacudindo o pó, enchi-a até a borda com cevada recentemente torrada e moída. Da frente do manto retirei a tigela e examinei-a cuidadosamente. Estava um pouco suja, com restos de comida. De um grande caixão, colocado contra a parede mais distante, tirei uma mancheia de areia muito fina e cuidadosamente esfreguei a tigela. A areia serviu também para limpar-me as mãos! Finalmente fiquei satisfeito. Outra coisa, porém, teria de ser feita. O meu saco de chá estava agora vazio, ou melhor, continha somente pequenos gravetos, um pouco de areia e outras sujidades encontradas no chá. Desta vez, virei a sacola pelo avesso e tirei os restos. Desvirando-a novamente, apanhei um martelo e com um golpe tirei um torrão do tablete de chá mais próximo.

Agora era a MINHA VEZ. Mais uma vez segurei a tigela — a tigela recém-

lavada — e a estendi. Um monge segurou uma concha e encheu-a até as bordas com tsampa. Agradecido, procurei um canto, sentei-me sobre um saco e saciei a fome. Enquanto comia, olhava em volta. A cozinha estava cheia dos habituais parasitas, indivíduos ociosos que mandriavam contando mexericos, comentando o último escândalo, e exagerando os boatos recentemente ouvidos. "Sim, o Lama Tenching vai para a Cerca Rosada. Dizem que ele teve uma discussão com o Senhor Abade. O meu amigo disse que ouviu tudo…"

As pessoas têm ideias estranhas a respeito das lamaserias e dos mosteiros. Pensa-se frequentemente que os monges passam todo o dia em orações, contemplação, ou meditação — "parecendo bons e fazendo apenas boas ações." A lamaseria é um lugar onde, oficialmente, homens de pendor religioso se congregam com a finalidade de orar e meditar para que o espírito seja purificado. Oficialmente! Extra-oficialmente, o hábito não faz o monge. Numa comunidade de vários milhares de pessoas, forçosamente deve haver aqueles que se encarregam dos afazeres domésticos, reparos e manutenção. Outros cuidam das contas, policiam as classes inferiores, ensinam, pregam… A lamaseria pode ser uma grande cidade, com uma população exclusivamente masculina. Os trabalhadores, monges da classe mais inferior, não mostram interesse pelos aspectos "religiosos" da vida, respeitando-os apenas hipocritamente. Alguns monges jamais entram no Templo, salvo para varrer o chão!

As grandes lamaserias têm locais de culto, escolas, enfermarias, armazéns, cozinhas, hospedarias, prisões e quase tudo que existe numa cidade "leiga". A principal diferença é que, na lamaseria, todos, todos, são homens e — superficialmente — todos se devotam à "instrução e ação religiosas." As maiores lamaserias são cidades, com numerosos edifícios e parques espalhados por larga área. Algumas vezes, a comunidade é cercada por extensas e altas muralhas. Outras são pequenas, contando apenas com uma centena de monges, que vivem num único edifício. Em algumas áreas remotas, uma lamaseria muito pequena talvez não tenha mais de dez membros. Elas variam, portanto, de dez a dez mil, de altos a baixotes, de gordos a magros, de bons a maus, de indolentes a ativos. É a mesma coisa que nas comunidades leigas, nada pior, e amiúde não muito melhor, salvo que a DISCIPLINA talvez seja quase militar — tudo dependendo do abade encarregado. Ele pode ser um homem bondoso e cheio de consideração ou um tirano.

Abafei um bocejo e voltei ao corredor. Um movimento, numa das alcovas que servia de depósito, chamou-me a atenção. Cheguei a ver uma cauda preta desaparecer entre sacos de louro cheios de cereais. Os gatos "guardavam" o cereal e, ao mesmo tempo, capturavam o jantar (ratos). Em cima de um saco, vi um gato de expressão contente, limpando as suíças e virtualmente SORRINDO de satisfação.

As cornetas soaram, reverberando pelos corredores, e ressoaram. Voltei-me e dirigi-me para o Templo Interior acompanhado pelo som do arrastar de numerosas sandálias e da batida de pés nus.

Do lado de dentro, aprofundava-se a escuridão do começo da noite, com sombras púrpuras que deslizavam pelo chão e decoravam as colunas de ébano. Os caixilhos das janelas emolduravam-se de ouro à medida que os dedos do sol se estendiam e faziam a última e gentil carícia em nosso lar. Nuvens revoluteantes de incenso corriam pelo aposento e, quando atravessadas por um raio de sol, pareciam conter uma miríade de libélulas de pó, de cores vivas, quase dotadas de vida.

Monges, lamas e acólitos humildes entraram em fila e tomaram lugar no chão, cada um deles acrescentando a sua própria mancha de cor, a ser refletida no ar vibrante, aos mantos dourados dos lamas da Potala, o amarelo-açafrão e o vermelho de outros, o marrom-escuro e os trajes descorados pelo sol dos que trabalhavam habitualmente ao ar livre. Todos se sentaram em fileiras, na posição aprovada. Eu — uma vez que os graves ferimentos nas pernas me impediam de sentar da maneira prescrita — fui relegado a uma posição lá no fundo, oculto por uma coluna envolvida em fumaça, para não "destruir o padrão".

Olhei em torno, observando os rapazes, os homens e os sábios muito idosos que faziam as devoções, cada um de acordo com sua compreensão. Pensei em minha mãe, a mãe a quem nem mesmo havia dito "adeus" quando parti — como parecia distante aquele momento — para entrar na Lamaseria de Chakpori. Homens, todos homens. Eu conhecia apenas homens. Com que se pareciam as mulheres? Eu sabia que, em algumas regiões do Tibete, havia mosteiros onde monges e freiras viviam juntos, casavam e criavam famílias.

O incenso continuou a subir em redemoinhos, o serviço a se arrastar e a penumbra a aprofundar-se em escuridão, mal penetrada pelas bruxuleantes lâmpadas de manteiga e as brasas das varetas de incenso. Homens! Seria certo que os homens vivessem sozinhos, que não tivessem ligação com mulheres? O que eram as mulheres, afinal de contas? Será que elas pensam como nós? Tanto quanto eu sabia, pairavam apenas sobre modas, estilos de penteados, e coisas assim. Pareciam horrendas, também, com toda aquela baboseira com que besuntavam a face.

Terminou o serviço. Levantei-me penosamente sobre pernas trêmulas e encostei-me na coluna com receio de ser derrubado pela primeira onda que saía. Finalmente, cheguei ao corredor e dirigi-me ao dormitório.

Pelas janelas abertas soprava um vento frio, vindo diretamente dos píncaros do Himalaia. As estrelas brilhavam intensa e friamente no claro ar da noite. De uma janela, abaixo da minha, subia uma voz trêmula, recitando:

"Esta é a Nobre Verdade sobre a origem do sofrimento. É a sede insaciável que causa a renovação das reencarnações…"

Lembrei-me de que, no dia seguinte, e talvez durante mais alguns dias, iríamos ter aulas especiais de budismo ministradas por um dos grandes mestres indianos. A nossa versão do budismo — o lamaísmo — havia se desviado das rigorosas linhas ortodoxas do "budismo indiano", da mesma maneira que a fé cristã possui várias seitas, tais como a quacre e a católica. À noite, porém, ia avançada e eu deixei a janela coberta de geada.

Em torno de mim dormiam os acólitos. Alguns roncavam. Outros remexiam-se inquietamente no sono, talvez pensando no "lar", como eu havia feito recentemente. Algumas almas resolutas tentavam praticar a postura lamaísta "correta" de dormir — sentadas na posição de lótus. Não tínhamos cama e, naturalmente, tampouco colchões. O chão era a nossa mesa e a nossa cama. Despi o manto, tremendo no frio ar da noite, envolvi-me no cobertor que todos os monges tibetanos carregam em volta de um ombro e prendem na cintura. Abaixando-me cautelosamente para que as pernas fraquejantes não me traíssem, fiz uma trouxa do manto, coloquei-a sob a cabeça e mergulhei no sono.

2

— Você, rapaz, você — sente-se corretamente. Sente-se da maneira prescrita.

A voz parecia um trovão ribombando. Em seguida, duas mãos pesadas golpearam-me de rijo as orelhas, a esquerda e a direita. Por um momento, pensei que todos os gongos do templo haviam tocado em uníssono. Vi mais estrelas do que eram visíveis até mesmo nas noites mais claras. Uma mão segurou-me pela gola do manto, pôs-me de pé e sacudiu-me como um espanador que é limpo numa janela.

— RESPONDA-ME, rapaz, RESPONDA-ME! — gritou a voz furiosa. Mas não me deu oportunidade de responder e continuou a sacudir-me até que meus dentes chocalharam e a tigela caiu e rolou pelo chão. A sacola de aveia tombou, os cadarços se soltaram e uma chuva de cereal derramou-se no ar sufocante. Satisfeito, finalmente, o Homem Feroz atirou-me para os lados como um boneco de pano.

Desceu um tenso silêncio e senti um ar de expectativa. Cuidadosamente, apalpei o manto na parte de trás da perna esquerda. Um fio de sangue minava de uma cicatriz aberta. Silêncio! Olhei para cima. Um abade postado na porta olhava o Homem Feroz.

— O rapaz esteve gravemente ferido — disse ele — e tem permissão do Mais Sagrado para sentar-se de maneira mais confortável. Tem igualmente permissão de responder às perguntas sem levantar-se.

O Abade dirigiu-se a mim, examinou meus dedos tintos de sangue e disse:

— A hemorragia deve parar logo. Se não parar, procure o enfermeiro. — Com essas palavras, fez um movimento de cabeça em direção ao Homem Feroz e deixou o aposento.

— Eu — disse o Homem Feroz — vim especialmente da Mãe Índia para contar-lhe a Verdade do Budismo. Vocês neste país afastaram-se dos nossos dogmas e formaram a sua própria versão, denominada "lamaísmo". Vim contar-lhes as Verdades Originais.

Olhou-me furiosamente como se eu fosse seu inimigo fidagal. Em seguida, ordenou a um rapaz que me entregasse a tigela e a sacola de cevada, agora vazia. Durante alguns momentos, enquanto assim se fazia e a cevada derramada era

varrida, ele percorreu a sala em grandes passadas, como se a procurar outra vítima. Era um homem alto, magro, de pele marrom muito escura, com um grande nariz adunco. Envergava o manto de uma velha Ordem Indiana e nos olhava como se nos desprezasse!

O Mestre Indiano dirigiu-se em passos duros até a extremidade da sala e subiu numa pequena plataforma elevada. Cuidadosamente, ajustou a estante de leitura de acordo com suas exatas necessidades. Enfiou os dedos numa sacola de couro de lados rígidos e quadrados, tirou algumas notáveis folhas de papel, bem finas, mais ou menos de um palmo de altura por dois de largura, inteiramente diferente das folhas longas e grossas que usávamos. As folhas eram delgadas, translúcidas, quase tão flexíveis como pano. A estranha sacola de couro fascinava-me. Era muito polida e no centro de um dos lados estreitos havia uma brilhante peça de metal que se abria com um estalido ao ser pressionado um botão. Uma peça de couro formava uma alça muito conveniente. Resolvi que, um dia, eu teria uma sacola exatamente igual àquela.

O indiano arrumou os papéis ruidosamente, crispou o rosto em severa carranca e contou-nos a velha história que todos conhecíamos há tanto tempo. Observei, profundamente interessado, a maneira como a ponta de seu nariz tremia quando falava, e as sobrancelhas, que formavam uma nítida crista quando ele examinava as páginas com os olhos apertados. A história que nos contou? A velha e conhecidíssima história!

"Há dois mil e quinhentos anos, o povo da Índia vivia desiludido com a religião que professava. Os sacerdotes hindus haviam degenerado e pensavam apenas em prazeres terrenos e vantagens pessoais. As pessoas a quem deviam ajudar abandonavam as velhas crenças e apegavam-se a tudo que lhes oferecesse uma migalha de esperança. Profetas e adivinhos vagueavam pela terra fazendo profecias de mortes e torturas. Os amigos dos animais decidiram que os animais eram melhores do que seres humanos e os adoraram como deuses.

"Os indianos mais cultos, os grandes pensadores, temerosos pela sorte do país, abandonaram a religião dos antepassados e meditaram profundamente sobre o infortunado estado da alma do homem. Um desses homens era um poderoso rajá hindu, um rei guerreiro imensamente rico. Ele se preocupava e se consumia pensando no futuro do filho único, Gautama, que havia nascido recentemente em um mundo tão conturbado.

"O pai e a família queriam ardentemente que Gautama crescesse e se tornasse um príncipe guerreiro e, mais tarde, herdasse o reino do pai. Um velho adivinho, chamado a dizer o futuro, augurou que o jovem seria um renomado profeta. Para o

infeliz pai, isso constituía "um destino pior do que a morte". Ele conhecia numerosos exemplos de jovens da classe superior que haviam renunciado ao conforto e partido como peregrinos, de pés descalços e envolvidos em frangalhos, em busca de uma nova vida espiritual. O pai resolveu fazer tudo para contrariar a profecia do adivinho. Traçou os seus planos.

"Gautama era um jovem de temperamento artístico e sensível, dotado de um intelecto agudamente alerta, que lhe permitia dissipar os subterfúgios e penetrar no âmago dos problemas. Autocrático de nascença e criação, ele, ainda assim, manifestava consideração pelos inferiores. As suas percepções eram de tal ordem que logo sentiu que cuidadosamente o orientavam, protegiam, permitindo-lhe contatos apenas com os serviçais pessoais ou iguais à casta.

"À época da profecia do adivinho, o pai deu rigorosas ordens para que o filho fosse, em todas as ocasiões, protegido dos males e sofrimentos de que padeciam aqueles que moravam além dos confins do palácio. O jovem não teria permissão para sair sozinho, as viagens seriam supervisionadas e ele não poderia encontrar pessoa alguma pobre ou sofredora. O luxo e somente o luxo seria o seu destino. Seu seria tudo o que o dinheiro pudesse comprar. O que houvesse de desagradável era impiedosamente excluído.

"A vida, porém, não podia continuar assim. Gautama era um jovem de coragem e dotado de extrema determinação. Certo dia, sem que os pais e mestres soubessem, escapuliu do palácio e, acompanhado de um serviçal cuidadosamente escolhido, deixou as terras senhoriais. Pela primeira vez na vida, observou como viviam as demais castas. Quatro incidentes despertaram-lhe os mais profundos pensamentos e, destarte, mudaram o curso da história religiosa.

"No início da jornada, viu um homem muito idoso, trêmulo e doente, apoiado pesadamente sobre dois bastões, com os quais se arrastava penosamente. Sem dentes, cego por uma catarata, senil, o velho voltou o rosto vazio para o jovem príncipe. Pela primeira vez na vida, Gautama compreendeu que todos envelheciam e que com o peso crescente dos anos, o homem não mais seria ativo e ágil.

Profundamente perturbado, o jovem príncipe continuou o passeio, com a mente repleta de pensamentos estranhos e mórbidos. Outro choque, porém, lhe estava reservado. No momento em que os cavalos diminuíram a marcha para fazer uma volta, o olhar horrorizado de Gautama pousou acidentalmente sobre uma figura miserável, sentada no chão, balançando-se e gemendo à margem da estrada. Um homem coberto de feridas supuradas, emaciado e profundamente doente, lamentava-se enquanto arrancava cascas amarelas das ulcerações.

"O jovem Gautama sentiu-se abalado no mais profundo do ser. Nauseado no

coração — e talvez fisicamente, também —, meditou sobre a questão enquanto prosseguiu na viagem. DEVE o homem sofrer? Sofram todos? Será o sofrimento inevitável? Olhou para o servidor da boleia da carruagem. Por que estava ele tão calmo? — perguntou-se o jovem príncipe. O cocheiro permanecia indiferente, como se esses espetáculos fossem comuns. Deveria ser por isso, então, que o pai o protegia.

"Continuaram a jornada, pois Gautama, demasiado atordoado, não ordenou a volta. Os fatos, ou o destino, não haviam ainda terminado, porém. A uma exclamação de Gautama, os cavalos foram contidos e, em seguida, pararam. À margem da estrada, estendido, um cadáver despido, grotesco e inchado pelo feroz calor do sol. Com o estalo do chicote do cocheiro, uma densa nuvem de moscas, a cevar-se no corpo, subiu num enxame. O corpo, descorado e mal cheiroso, revelou-se inteiramente à vista do jovem. Olhando-o, viu uma mosca sair da boca do defunto, zumbir e pousar novamente.

"Pela primeira vez na vida, Gautama viu a morte, soube que HAVIA morte no fim da vida. Com um gesto mudo, o jovem ordenou ao cocheiro que retornasse enquanto pensava na impermanência da vida, da beleza de corpos que apodrecem. Seria a beleza tão passageira, perguntou-se?

"As rodas giraram e a poeira levantou nuvens atrás da carruagem. O jovem príncipe meditava, melancólico, recolhido. Por acaso, ou porque o Destino o determinou, ergueu os olhos e viu um monge bem vestido e sereno caminhando pela estrada. O monge, calmo e tranquilo, irradiava uma aura de paz interior, de bem-estar, de amor ao próximo. O pensativo Gautama, chocado até o mais íntimo do seu ser pelo que havia visto, recebeu outro choque. Seriam a paz, o contentamento, a tranquilidade, enfim, todas as virtudes, encontradas apenas se o homem se retirasse da vida e se tornasse religioso? Monge? Membro de alguma ordem mística? Resolveu, naquele momento, que seria como aquele monge. Retirar-se-ia da vida do Palácio, da única vida que conhecida.

"O pai ficou furioso e levantou a voz em altos brados, a mãe chorou e suplicou. O servidor foi banido do reino. Gautama, sozinho no quarto, meditava. Meditava interminavelmente sobre o que vira. Meditava que, se vira tanto em uma simples excursão — a sua ÚNICA excursão — como deveria haver miséria e sofrimento! Recusou os alimentos, definhou, consumiu-se de tristeza enquanto se perguntava o que fazer, de que modo escapar do Palácio, e tornar-se monge.

"O pai tudo tentou para levantar o fardo de tristeza e depressão que afligia o jovem príncipe. Os melhores músicos receberam ordem de tocar constantemente para que o jovem príncipe não tivesse silêncio para meditar. Foram experimentados prestidigitadores, acrobatas e artistas de todos os tipos. O reino foi esquadrinhado

na busca das donzelas mais belas, jovens versadas nas mais exóticas artes do amor para que Gautama fosse despertado da paixão e salvo do desalento,

"Os músicos tocaram até cair de exaustão. As donzelas dançaram e praticaram exercícios eróticos até que, elas, também, desmaiaram de cansaço. Somente então Gautama acordou. Olhou, horrorizado, para as estranhas posturas dos músicos caídos. Observou, chocado as donzelas nuas, empalidecidas pelo desmaio, com os cosméticos vívidos e horrendos, agora que o brilho da saúde havia desaparecido.

"Mais uma vez, meditou sobre o efêmero da beleza; como era temporária a beleza, como rapidamente desaparecia. Triste e horrenda era a vida. E as mulheres espalhafatosas e de mau gosto, quando cessavam suas atividades imediatas. Resolveu partir, evitar tudo o que conhecera e procurar a tranquilidade onde pudesse encontrá-la.

"O pai deblaterou em altas vozes, duplicou e triplicou a guarda do palácio. A mãe chorou e tornou-se histérica. A esposa, pobre mulher, desmaiou e todas as senhoras do palácio choraram de simpatia. O pequeno filho de Gautama, jovem demais para compreender o que se passava, berrou e gemeu diante de tanta tristeza. Os conselheiros do palácio torceram as mãos e despejaram torrentes de palavras inúteis.

"Durante dias, ele estudou a maneira de escapar. Os guardas do palácio o conheciam bem. O povo do reino não o conhecia absolutamente — pois raramente deixava os confins do palácio. Finalmente, quase desesperado, ocorreu-lhe que bastava disfarçar-se e não seria reconhecido. Com um serviçal amigo, bem remunerado, e que imediatamente deixou o reino, Gautama obteve roupas velhas e dilaceradas, como as usadas pelos mendigos. Certa noite, ao escurecer, antes que se fechassem os portões do palácio, vestiu as velhas roupas, cortou os cabelos e, com as mãos e a face cobertas de lama, acompanhou os mendigos que eram expulsos ao anoitecer.

"Penetrou na floresta, longe das principais estradas e do povo. temeroso de que o traísse sua ignorância dos costumes da vida diária. Toda a noite vagueou, esforçando-se para alcançar as fronteiras do reino do pai. Não temia os tigres e outros animais selvagens que rondavam a noite. Tivera uma vida tão protegida que DESCONHECIA o perigo.

"No palácio, fora descoberta a fuga. Procedeu-se uma revista no edifício, nos prédios externos, nos parques. O rei corria de um lado para outro gritando ordens. Homens armados postaram-se em estado de alerta. Em seguida, foram todos dormir, a esperar pelo amanhecer, quando seria iniciada a busca. Nos aposentos das mulheres gemia-se e lamentava-se a fúria do rei.

"Gautama arrastou-se pela floresta, evitando encontrar pessoas quanto possível e mantendo-se silencioso às perguntas quando não podia ignorá-las. Das lavouras, no campo, tirou o alimento e viveu de cereais, cerejas e frutos. Bebia nas fontes frias e claras. A estranha história do vagabundo que não se comportava como um vagabundo, porém, acabou chegando ao palácio. Os homens do rei partiram em grandes contingentes, mas não puderam capturar o fugitivo, que sempre se ocultava em bosques onde os cavalos não podiam penetrar.

"Por último, o rei decretou que as dançarinas deviam ser levadas à floresta para tentar atrair Gautama. Durante dias, elas dançaram e percorreram as clareiras, sempre à vista de Gautama, executando as danças mais sedutoras. Finalmente, quase nos limites do reino do pai, Gautama apresentou-se e disse que percorreria o mundo em busca de espiritualidade, e que não voltaria. A esposa correu para ele, com o filho nos braços. Gautama ignorou-lhes as súplicas, deu-lhe as costas e continuou a jornada".

O mestre indiano, tendo chegado a tal trecho na história, que conhecíamos tão bem, disse:

— Da então decadente religião hindu, uma nova Crença nasceu naquele momento, uma Crença que daria consolo e esperança a inúmeras pessoas. Terminamos aqui a sessão desta manhã. Continuaremos à tarde. Debandar!

Os garotos ergueram-se, curvaram-se respeitosamente diante do Mestre e partiram. Eu tive dificuldade. Descobrira que o sangue seco havia colado o manto à cicatriz. O Mestre partiu sem olhar-me sequer. Continuei sentado, sofrendo muito, perguntando-me o que fazer. Nesse momento, um velho monge faxineiro entrou, mancando, e fitou-me surpreso.

— Oh! — disse ele. — Vi o Mestre partir e vim limpar a sala. O que é que está acontecendo?

Contei-lhe tudo, mostrei-lhe que a grande cicatriz estava aberta, que o sangue havia escorrido, e que eu "tapara o buraco" com o manto. O velho murmurou "Tsk! Tsk" e saiu com tanta pressa quanto lhe permitiam as pernas deformadas. Pouco depois, voltava acompanhado do Enfermeiro.

A dor queimava como fogo violento. Parecia-me que a carne estava sendo arrancada dos ossos.

— Ah, meu filho! — disse o Enfermeiro. — Você nasceu para sofrer com tanta certeza como as fagulhas sobem para os céus. — Suspirou e murmurou: — Mas POR QUE alguns desses Grandes Mestres, que deviam saber melhor do que nós, são tão ásperos e tão insensíveis? Vamos — disse ele — enquanto colocava uma

compressa. Dar-lhe-ei um novo manto e destruirei este.

— Oh! Reverendo Mestre! — exclamei algo amedrontado, os joelhos tremendo com o choque. — Eu não posso ganhar um NOVO MANTO, ou todos vão pensar que eu sou um rapaz recém-chegado. Prefiro ficar com este mesmo! — O velho Enfermeiro riu gostosamente e em seguida disse:

— Vamos, meu rapaz, venha comigo e veremos o que fazer a respeito desse difícil assunto.

Juntos descemos lentamente o corredor até o local onde o Enfermeiro tinha o consultório. No lado de dentro, mesas, grandes livros e prateleiras, com recipientes de ervas, alguns minerais em pó e alguns itens que não consegui identificar. Os tibetanos procuram ajuda médica somente nos casos de emergência extrema. Não são para nós as caixas de primeiros socorros do Ocidente. Vivíamos como mandava a natureza! O membro quebrado teria a fratura reduzida, naturalmente, e eram costuradas as feridas profundas. Usávamos longos cabelos de cauda de cavalos nas suturas. Quando bem fervidos, são bastante convenientes. Na costura das camadas mais profundas utilizávamos longas fibras de bambu, reduzidas a fios. O bambu era também empregado quando se precisava drenar o pus de uma ferida interna. Musgo limpo e bem lavado de sphagnum constituía esponja muito útil e era também usado em compressas ou como unguentos de ervas.

O Enfermeiro conduziu-me a um aposento lateral, que me passara despercebido. De uma pilha de mantos velhos e remendados, retirou um. Estava limpo, bem remendado e bastante descorado pelo sol. Os meus olhos brilharam, pois tal manto demonstraria que eu estava havia muito, muito tempo, na lamaseria! O Enfermeiro indicou-me com um movimento que eu devia tirar a roupa. Obedeci e ele me examinou, procurando outros ferimentos.

— Hummm! Magro, de pequena estatura. Você devia ser mais alto para sua idade. Que idade tem, rapaz? — Contei-lhe. — Verdade? Oh, pensei que você fosse três anos mais velho. Hmmm! Já homem, hein? Agora experimente este manto.

Enchi o peito e tentei ficar mais alto — parecer maior e mais alto, mas as pernas não esticavam. O manto era algo grande para mim e eu tentei ocultar o fato.

— Ah! — disse o Enfermeiro. — Você brevemente crescerá e o encherá. Guarde-o. Adeus!

Era tempo de comer, porém, antes das aulas da tarde. Eu já perdera muito tempo. Arrastei-me até a cozinha e expliquei a dificuldade.

— Coma, coma rapaz, e acabe logo! — disse o amigável cozinheiro, de rosto sujo de fuligem, servindo-me generosamente. O sol penetrava em raios pela janela.

Mantive os cotovelos sobre o caixilho da janela enquanto comia. Às vezes, a tentação era forte demais e eu lançava um pouco de tsampa pela borda da tigela sobre algum pobre e descuidado monge lá em baixo.

— Mais, rapaz? — perguntou espantado o monge-cozinheiro. — Mais? Você deve ser oco por dentro ou — ele piscou astutamente o olho para mim — você está jogando massa nas cabeças dos Irmãos?

Eu devo ter corado ou parecido culpado, porque ele riu ruidosamente e disse: — Então vamos misturar um pouco de fuligem com a comida.

A diversão, porém, não duraria para sempre. A tigela estava novamente vazia. Lá em baixo, um grupo crescentemente furioso de monges limpava as cacholas manchadas de preto e olhava suspeitosamente em volta. Um deles começou a subir em nossa direção. Apressadamente, retirei-me da cozinha e, tão indiferentemente como pude, ganhei o corredor. Dobrava uma esquina quando apareceu o monge furioso. Ele hesitou quando me viu.

— Deixe-me ver a sua tigela — rosnou ele.

Adotando a mais inocente das expressões, tirei o artigo do manto e o estendi para inspeção.

— Há alguma coisa errada, senhor? — perguntei. — Esta é realmente a minha tigela. — O monge examinou-a cuidadosamente, procurando vestígios da fuligem, que havia removido completamente. Olhou-me fixamente, com a maior das suspeitas, e em seguida devolveu-me a tigela, dizendo:

— Oh! Você é o rapaz que está ferido. Você não poderia ter galgado o telhado. Alguém estava atirando fuligem úmida sobre nós. Ele está no TELHADO. Eu o agarrarei! Com essas palavras, voltou-se e partiu apressadamente em direção ao telhado. Respirei fundo e continuei a caminhar descansadamente.

Ouvi uma risadinha e a voz do monge-cozinheiro:

— Muito bem feito, rapaz, você devia ser ator. Eu não o denunciarei, pois poderia ser a próxima vítima!

E passou apressado por mim, a caminho de alguma misteriosa missão ligada ao fornecimento de alimentos. Continuei a caminhar relutantemente em direção à sala de aula. Fui o primeiro a chegar. Aproximei-me da janela e fiquei olhando para fora. Sempre me fascinava olhar a paisagem destas alturas. Eu poderia passar horas, dias, observando os mendigos na Pargo Kaling (ou Porta Ocidental) e sentindo a emoção sempre renovada que me provocava a espuma eterna da neve soprada dos picos mais altos do Himalaia.

As montanhas formavam um grande "U" em torno do distrito de Lhasa — o

poderoso Himalaia, a espinha dorsal do continente. Tendo bastante tempo, demorei a vista, distraindo-me. Abaixo de mim, os muros esfregados a cal da Potala fundiam-se imperceptivelmente com a rocha viva que fora, há uma eternidade, um vulcão. A estrutura artificial, branca como cal, fundia-se com o cinzento e o marrom da montanha. Ninguém podia dizer onde uma terminava e a outra começava, tal a perfeição com que se misturavam. As encostas mais baixas da montanha estavam recobertas de pequenos arbustos onde nós, rapazes, rastejávamos quando queríamos evitar ser localizados. Mais abaixo ainda, estendiam-se os edifícios que formavam a Aldeia de Sho, com os grandes edifícios das cortes de justiça, as repartições do governo, a imprensa oficial, os tabelionatos e a prisão.

Era uma cena animada. Os penitentes percorriam o "Caminho dos Peregrinos", esperando adquirir virtude ao se estenderem no chão, rastejarem alguns metros e novamente se deitarem. A cena certamente parecia distraída desta altura. Alguns monges caminhavam energicamente entre as casas — deviam ser os monges-policiais em busca de algum transgressor, pensei — enquanto os lamas passavam à cavalo a caminho de suas cerimoniosas funções. Um abade e sua comitiva ganharam a estrada e lentamente subiram o largo caminho de degraus em direção à entrada principal. Um grupo de quiromantes fazia excelentes negócios e exaltava as virtudes de seus horóscopos. — Abençoado por um Senhor Abade, prestem atenção, e com garantia de lhes trazer sorte!

O verde dos salgueiros no pântano do outro lado da estrada atraiu-me a atenção. As copas das árvores ondulavam suavemente na brisa. Poços de água refletiam as nuvens apressadas e mudavam de cor segundo a cor das roupas dos pedestres. Um adivinho, postado na margem de uma grande poça, fingia "ler o futuro" dos clientes "na água sagrada aos pés da Potala." O comércio estava animado, sem dúvida!

O Pargo Kaling parecia congestionado. Pequenas barracas haviam sido erguidas e mercadores itinerantes faziam grandes negócios vendendo alimentos e doces aos peregrinos. Uma profusão de amuletos e caixas de encantamento eram exibidos num dos lados de uma barraca. Os ornamentos de ouro e turquesa faiscavam ao sol. Indianos de turbantes de cores alegres, de espessas barbas e olhos brilhantes, andavam em torno do lugar procurando pechinchar e tirar proveito dos vendedores.

À frente erguia-se Chakpori — a Montanha de Ferro — ligeiramente mais alta do que a Potala, mas não tão ornamentada e com tantos edifícios. Chakpori era austera, algo cinzenta e sombria. Mas Chakpori era o Lar da Cura, enquanto a Potala era o Lar do Deus. Além de Chakpori, o Rio Feliz faiscava e ria enquanto descia velozmente em direção à Baía de Bengala. Sombreando os olhos e apertando

um pouco a vista, eu podia ver os barqueiros transportando passageiros de um lado para outro. Os barcos de couro de iaques sempre me fascinaram e eu começava a me perguntar se não seria mais feliz como barqueiro do que como um pequeno acólito em uma grande lamaseria. Mas não havia ainda oportunidade de tornar-me um barqueiro, eu bem sabia, e teria de terminar primeiro os meus estudos. E quem é que já ouviu falar de um monge tornar-se barqueiro?

Muito longe, à esquerda, o teto dourado da Jo Kang, a Catedral de Lhasa, ofuscava a vista, refletindo os raios de sol. Observei o Rio Feliz que se contorcia pela terra pantanosa, cintilando através dos bosques de salgueiros, e o pequeno tributário a correr sob a bela Ponte Turquesa. Muito longe, distingui uma brilhante fita de prata, diminuindo na distância à medida que o rio seguia o seu curso em direção às planícies.

Era um dia muito movimentado. Debruçando-me na ajuda — sem algum perigo de despencar numa longa queda — vi que outros mercadores chegavam pela estrada de Drepung, procedentes dos altos passos das montanhas. Mas passaria ainda muito tempo antes que eu pudesse distinguir os detalhes. As aulas começariam antes disso.

As encostas das montanhas estavam pontilhadas de lamaserias, umas, grandes, quais cidades auto-suficientes; outras, pequenas, apegando-se precariamente à ilharga dos íngremes pináculos rochosos. Algumas das lamaserias menores, colocadas nas posições mais perigosas, eram as hermidas de monges que renunciaram ao mundo e se haviam emparedado em suas pequenas celas, onde passariam o resto da vida. Seria REALMENTE bom, perguntei-me, viver assim tão isolado? Beneficiaria a alguém o jovem e sadio que resolvesse emparedar-se em uma pequena cela e lá permanecer talvez quarenta anos em total escuridão, em total silêncio, enquanto meditava sobre a vida e tentava libertar-se dos laços da carne? Devia ser estranho, pensei, jamais enxergar novamente, jamais falar outra vez, jamais andar, e alimentar-se apenas dia sim, dia não.

3

Pensei no meu Guia, o Lama Mingyar Dondup, que fora obrigado a seguir subitamente para o distante Pari. Pensei em todas as perguntas que tomavam forma dentro de mim e que somente ele podia responder. Não importa. Amanhã ele voltaria e eu teria o prazer de retornar a Chakpori. Aqui, na Potala, havia excesso de cerimônia, excesso de burocracia. Sim! Havia muitas perguntas que incomodavam e eu mal podia esperar pelas respostas.

Um ruído crescente invadia desde algum tempo minha consciência. Agora, o volume de som lembrava um rebanho de iaques em tropel. Na sala de aula irromperam os rapazes — sim — eles brincavam de rebanho de iaques! Desviei-me cuidadosamente para o fundo da sala e sentei-me junto à parede, fora do caminho dos garotos.

Correram em torno da sala, pulando carniça um após o outro, os mantos voando, as vozes elevadas em gritos esganiçados de alegria. Subitamente, ouviu-se um alto "HUUUMPF!" e um ruído de ar violentamente expelido. Um silêncio mortal caiu sobre a sala, congelando os rapazes nas posições em que se encontravam, como se fossem figuras esculpidas do Templo. Vi horrorizado o Mestre Indiano sentado no chão, com os olhos estrábicos e incertos com o choque. A sua tigela e a cevada haviam sido agora derramadas, pensei com certa satisfação. Lentamente, ele se moveu, levantou-se, apoiado na parede e olhou em torno. Eu era o único sentado. Evidentemente, eu não tomara parte na brincadeira. Ó! O estranho e maravilhoso sentimento de ter uma consciência perfeitamente tranquila. Senti-me inchar de virtude enquanto permanecia sentado no mesmo lugar.

No chão, meio atordoado ou petrificado de terror, jazia o rapaz que havia mergulhado diretamente na barriga magra do Mestre Indiano. O nariz do garoto sangrava. O indiano, porém, empurrou-o com um pé cruel e berrou: — LEVANTE-SE! — Curvando-se, agarrou o menino pelas orelhas e ergueu-o.

— Desgraçado, horrenda gentalha tibetana — mugiu, acompanhando cada palavra com uma palmada nos ouvidos do rapaz. — Eu lhe ensinarei a comportar-se diante de um cavalheiro indiano. Eu lhe ensinarei uma yoga que lhe mortificará a

carne para que o espírito seja libertado.

Perguntaria ao meu Guia, pensei, POR QUE alguns desses Grandes Mestres de outras terras eram tão selvagens.

O carrancudo Mestre interrompeu o castigo do rapaz e disse:

— Teremos um longo período de aula para ensinar-lhes o que vocês deviam estar aprendendo, em vez de serem tão mal educados. Vamos começar.

Eu falei:

— Oh! Mas Honrado Mestre, — nada fiz e não é justo que seja obrigado a ficar.

O indiano virou o rosto feroz na minha direção e respondeu:

— Você… você deve ser o pior do grupo. Apenas porque está aleijado e inútil isto não significa que deva escapar da punição pelos seus pensamentos. Você ficará como os demais.

Apanhou os papéis espalhados pelo chão. Fiquei triste ao ver que a bela sacola de couro, com a alça na parte superior e o botão brilhante que a abria, fora arranhada pelo contato com alguma áspera pedra do assoalho. O indiano notou o fato e resmungou: — Alguém vai pagar por isso. Exigirei outra da Potala. — Abriu a pasta, folheou e separou alguns papéis. Finalmente, satisfeito, disse: — Terminamos a aula esta manhã no momento em que Gautama anunciou que renunciava à vida no Palácio e que continuaria na busca da verdade. Continuemos, então.

"Ao deixar o palácio do pai, o rei, a mente de Gautama estava profundamente perturbada. Experimentara súbita e desnorteante experiência de ver um doente quando não conhecia a doença, de ver a morte quando nada sabia da morte, de ver a paz profunda, a total tranquilidade e o contentamento. Pensava que, como o homem contente vestia também um manto de monge, o contentamento e a paz interior seriam talvez encontradas nos trajes de monge. Com esses pensamentos, partiu em busca da tranquilidade interior e do significado da vida.

"Continuou a vaguear sem destino, através de reinos situados além daquele que seu pai governava, seguindo os boatos da existência de monges sábios e de eruditos eremitas. Estudou com os melhores Mestres que pôde encontrar, absorvendo tudo o que havia para aprender. Assimilando dos Mestres tudo aquilo que podiam ensinar-lhe, continuava a jornada, sempre em busca de conhecimento, na procura das coisas mais enganosas da Terra — a paz de espírito e a tranquilidade.

"Gautama era um aluno muito capaz. Fora abençoado pela vida, que lhe dera um cérebro alerta e viva consciência das coisas. Recolhia as informações, classificava-as na mente e rejeitava o que era inútil, retendo apenas os ensinamentos úteis e

benéficos. Um dos Grandes Mestres, impressionado pela vivacidade e aguda inteligência de Gautama, pediu-lhe que permanecesse ao seu lado e ensinasse; que se associasse a ele na transmissão, como iguais, dos conhecimentos a outros alunos. Isso, porém, era totalmente estranho à crença de Gautama, pois — raciocinava ele — como poderia ensinar o que não compreendia totalmente? Como podia ensinar a outros quando ele próprio ainda buscava a Verdade? Conhecia as Escrituras, os comentários da Escritura, mas, conquanto as Escrituras proporcionassem certa paz, havia sempre perguntas e problemas que perturbavam a tranquilidade que desejava. Gautama prosseguiu na busca.

"Era um obcecado, um homem impelido por uma energia ardente que não lhe dava repouso, a acicatá-lo a prosseguir na descoberta do conhecimento, na faina da Verdade. Um eremita levou-o a acreditar que somente a vida ascética podia conduzi-lo à tranquilidade. Homem impetuoso, Gautama tentou a vida do asceta. Havia muito tempo, ele renunciara a todas as coisas materiais, não o interessavam mais as coisas do mundo, e vivia somente para descobrir o significado da vida. Agora, porém, esforçou-se para comer menos e menos e, segundo as velhas histórias, conseguiu subsistir com um único grão de arroz por dia.

"Passou todo o tempo em profunda meditação, permanecendo imóvel à sombra de uma árvore de banyam. Finalmente, porém, a magra dieta o traiu: desmaiou de fome, de desnutrição e de falta dos cuidados mais elementares. Durante muito tempo ficou entre a vida e a morte. Não lhe veio, porém, iluminação alguma. Ainda não encontrara o segredo da tranquilidade, o significado da vida.

"Alguns "amigos" reuniram-se em torno dele durante os dias de jejum, pensando haver ali uma sensação, um monge que subsistia com um único grão de arroz por dia. Pensaram que obteriam grandes vantagens associando-se a um homem tão sensacional. Mas, à semelhança de "amigos" em todo o mundo, eles o desertaram na hora da necessidade. Enquanto Gautama jazia quase moribundo de fome, os amigos, um a um, o deixaram; partiram em busca de sensações em outras paragens. Gautama estava novamente só, livre da distração dos amigos, dos discípulos, livre para meditar novamente no significado da vida.

"Este episódio constituiu o momento decisivo na carreira de Gautama. Durante anos, havia praticado ioga para conseguir, pela mortificação da carne, libertar o espírito dos grilhões do corpo. Nesse momento, concluiu que a ioga lhe era inútil; representava apenas um meio de se obter um pouco de disciplina sobre o corpo recalcitrante, sem nenhum mérito para por o homem na estrada da espiritualidade. Descobriu também a inutilidade de levar uma vida tão austera, porquanto a austeridade contínua provocar-lhe-ia simplesmente a morte, enquanto

permaneciam de pés as perguntas e ainda por concretizar a busca. Ponderou também esse problema e concluiu que o que estivera fazendo equivalia a tentar esgotar o Rio Ganges com uma peneira, ou dar nós no ar.

"Mais uma vez Gautama meditava, sentado sob a árvore, fraco e trêmulo, com a fraqueza comum àqueles que passaram fome por tempo demasiado longo e que mal conseguiram evitar os portais do reino da morte. Sob a árvore, meditou profundamente sobre os problemas da infelicidade e do sofrimento. Tomou a resolução solene de, desde que passara já mais de seis anos na busca do conhecimento sem obter resposta, ficar sentado em meditação e não se erguer até descobrir a solução do problema.

"Continuou Gautama, sentado, o sol se pôs e as trevas caíram sobre a terra. As aves noturnas começaram a cantar e os animais a rondar em busca de alimentos. Gautama continuou sentado. As longas horas da noite se arrastaram e os primeiros pálidos raios de luz apareceram no céu. Amanhecia. Gautama continuava sentado a meditar.

"Todas as criaturas da Natureza haviam testemunhado os sofrimentos do cansado Gautama no dia anterior, sentado sob a grande árvore. Despertou-lhe a simpatia e a compreensão, e todas as criaturas da Natureza pensaram como poderiam ajudar a humanidade a lutar para sair da situação difícil em que havia caído.

"Os tigres deixaram de rugir para que seus rugidos não perturbassem o meditativo Gautama; os macacos deixaram de pairar e de saltar de ramo em ramo. Em vez disso, ficaram silenciosos, cheios de esperança. As aves pararam as suas canções, interromperam os seus trinados e ficaram imóveis, batendo as asas, na esperança de ajudarem Gautama, enviando-lhe ondas de amor e de ar frio. Os cães, que normalmente latiam e se caçavam uns aos outros, ficaram silenciosos e foram esconder-se nos arbustos onde os raios de sol não podiam atingi-los. O rei dos caracóis, olhando em torno de si, observou os cães a desaparecer nas sombras e perguntou-se como ele e seu povo podiam ajudar a humanidade por intermédio de Gautama. Reunindo o povo, o rei dos caracóis lentamente liderou a marcha até as costas de Gautama, subindo-lhe pelo pescoço; e todos se concentraram em torno da cabeça avermelhada (aquela cabeça mergulhada em meditação tão profunda) tão queimada pelos ardentes raios de sol. Os caracóis se reuniram e com seus corpos frios protegeram Gautama do calor do sol do meio-dia, e, quem sabe, ao lhe manterem fria a cabeça, ajudaram-no na busca final. Os povos da natureza foram certa vez amigos do homem, não o temiam, e, enquanto o homem não se comportou traiçoeiramente, sempre o ajudaram.

"O dia se arrastava e Gautama permanecia imóvel, tão imóvel como uma estátua de pedra. Novamente vieram a noite e as trevas. Uma vez mais, com o alvorecer, surgiram os tênues raios de luz no céu e o sol roçou o horizonte. Desta vez, porém, o sol trouxe iluminação ao Buda. Como se atingido por um raio, ocorreu-lhe um pensamento. Tinha a solução, ou, pelo menos, a solução parcial dos problemas que o afligiam. Fora iluminado por um novo conhecimento, havia-se tornado "O Iluminado", que em indiano significa "O Buda".

"O seu espírito fora iluminado pelo que ocorrera durante a meditação no plano astral. Nela, havia despertado a intuição e ele se lembrava das coisas que havia visto no astral. Agora, sabia, estaria livre da infelicidade da vida na terra e não mais voltaria num ciclo interminável de nascimento, morte, e renascimento. Compreendera por que o homem deve sofrer, o que ocasionava o sofrimento, qual a sua natureza e como podia ser evitado.

"A partir daquele momento, tornou-se Gautama, o Iluminado, ou, para usar a fraseologia indiana, Gautama, o Buda. Novamente meditou sobre o curso da ação a tomar. Sofrera e estudara. Deveria apenas ensinar aos outros ou deixar que encontrassem a verdade pelos mesmos métodos que descobrira? Ficou preocupado. Acreditaria alguém nas experiências que suportara? Decidiu, porém, que a única maneira de obter a resposta era conversar com outras pessoas, contar-lhes a boa nova da sua iluminação.

"Erguendo-se, comeu um pouco, saciou a sede e partiu em direção a Benares, onde alimentava a esperança de encontrar cinco dos antigos associados que o abandonaram nos momentos em que mais necessitava de ajuda — que partiram quando ele decidira alimentar-se novamente.

"Após uma longa jornada, pois Gautama, o Buda, estava ainda fraco em virtude das privações por que passara, chegou a Benares e encontrou os cinco companheiros. Conversou com eles e pronunciou o que, na história, é conhecido como "O Sermão Sobre o Girar da Roda da Lei". Explicou à platéia a causa, a natureza, e a superação do sofrimento. Descreveu-lhes uma nova religião, conhecida por nós como budismo. Budismo significa religião daqueles que querem ser iluminados.

Então Gautama sabia o que era a fome, pensei. Eu também sabia! Gostaria que esse Mestre fosse mais compreensivo, pois nós, rapazes, jamais tínhamos o suficiente para comer e nunca bastante tempo para ficarmos a sós. A voz continuava, arrastada, muito tempo depois da hora. Ficamos famintos, cansados, enjoados de tudo aquilo, quase incapazes de absorver a importância das palavras do Mestre.

O rapaz que havia colidido com o Mestre Indiano continuava sentado, fungando, com o nariz evidentemente ferido, talvez quebrado. Mas era obrigado a

ficar sentado enquanto tentava deter o sangue com os dedos e evitava enfurecer ainda mais o Mestre. Perguntei-me, então, qual a finalidade de tudo aquilo, por que havia tanto sofrimento, por que os que podem demonstrar piedade, compaixão e compreensão — POR QUE eles, ao contrário, se comportavam de maneira tão sádica? Resolvi, tão logo o meu Guia chegasse, aprofundar-me no estado desses problemas que, realmente, me perturbavam. Observei, porém, com considerável prazer, que o Mestre Indiano parecia também um tanto cansado, faminto e sedento, ora num pé, ora no outro. Nós, rapazes, sentávamo-nos no chão, com as pernas cruzadas, todos menos eu. E eu tinha de ficar tão apagado quanto possível. Os demais sentavam-se de pernas cruzadas em fileiras bem organizadas. O Mestre normalmente patrulhava a sala por trás de nós, de modo que não podíamos saber onde ele se encontrava num dado momento. O homem, porém, mudava de um pé para outro, olhava para fora da janela, observando as sombras que se moviam pelo chão com a passagem das horas. Finalmente, chegou a uma decisão. Endireitou-se e disse:

— Muito bem! Teremos agora um descanso. A atenção de vocês está divagando. Vocês não estão prestando atenção às minhas palavras, palavras que podem influenciar as suas vidas agora e nas eternidades que virão. Teremos um recreio de meia hora. Podem fazer suas refeições. Em seguida, voltem aqui, quietamente, e eu continuarei a palestra.

Rapidamente, colocou os papéis na sacola de couro. A sacola fechou com um alegre "click". Em seguida, com uma rabanada de seu manto amarelo, saiu da sala. Ficamos algo atordoados pela subitaneidade de tudo aquilo. Logo depois, os garotos levantaram-se alegremente de um salto. Eu, porém, ergui-me dolorosamente. As minhas pernas estavam rígidas e fui obrigado a amparar-me na parede. Saí, empurrando, mais ou menos, uma perna depois da outra. Último a partir, dirigi-me aos domínios do amigável monge-cozinheiro e expliquei-lhe minha situação: eu, inocente, estava sendo punido pelo pecado dos demais. Riu, e respondeu:

— Ah! Bem, o que dizer do jovem que estava jogando bolinhas de fuligem pela janela? Não será o caso de seu *karma* emparelhar-se com você? E não será o caso de que, se suas pernas não estivessem feridas, você poderia ter sido o chefe do bando?

Riu, novamente, com benevolência. Era um homem velho e bondoso. Logo depois, acrescentou:

— Entre. Sirva-se! Você não precisa de ajuda. Você vem se servindo há muito tempo. Coma bastante e volte antes que aquele homem horrendo perca a paciência outra vez. — Tomei o meu chá e o mesmo alimento que havia comido pela manhã, o mesmo que tivéramos no almoço — *tsampa*, o mesmo que eu comeria durante

anos — *tsampa*.

Nós, tibetanos, não possuímos relógios de parede ou de pulso. No Tibete, no meu tempo, nem sequer sabíamos da existência de relógios de pulso. Sabíamos, porém, as horas, graças a alguma coisa que havia dentro de nós. As pessoas que somente podem contar consigo mesmos, e não com dispositivos mecânicos, desenvolvem certos estranhos poderes. Eu e meus colegas, por exemplo, podíamos saber as horas com tanta exatidão como os que usam relógio. Muito antes de transcorrida a meia hora, voltamos à sala cautelosamente, tão silenciosamente como os camundongos que se alimentavam de nossos cereais nos depósitos.

Entramos em ordem, um após outro, salvo o rapaz, que ferira o nariz. O pobre garoto fora receitar-se com o Enfermeiro e se descobrira que quebrara o nariz. Coube-me a tarefa de apresentar ao Mestre Indiano um ramo fendido ao meio onde estava preso um pedaço de papel explicando o motivo por que o rapaz — doente agora — não podia estar presente.

Os outros se sentaram no chão e esperaram. Permaneci de pé, apoiado na parede, com o ramo na mão, preguiçosamente brincando com o pedaço de papel numa das extremidades. Subitamente, o Mestre Indiano apareceu na porta, olhou-nos furiosamente e, em seguida, voltou-se e fez uma carranca em minha direção.

— Você… rapaz… você! O que é que você está fazendo aí, brincando com esse ramo? — perguntou.

— Senhor — respondi com certo receio. — Trago uma mensagem do Enfermeiro. — Estendi-lhe o ramo. Durante um momento, pareceu que ele não tinha a menor ideia do que fazer. Subitamente, porém, arrancou-me das mãos o ramo com tal sacudidela que quase caí de rosto no chão. Deixando cair o ramo, retirou o papel e leu-o. A carranca aprofundou-se. Amassando o papel nas mãos, atirou-o longe, numa grave ofensa a nós, tibetanos, que consideramos o papel como sagrado, porquanto é através dele que aprendemos a história. E esse homem, esse sábio indiano, havia atirado para os lados o papel sagrado!

— Muito bem! Por que é que você está aí me olhando estupidamente?

Olhei-o, ainda mais "estupidamente", porque não via sentido na maneira como se conduzia. Se era um Mestre, decidi, eu não queria ser um Mestre. Asperamente, fez-me sinal para sair de suas vistas e sentar-me. Obedeci, e ele novamente postou-se diante de nós e começou a falar.

Segundo nos contou, Gautama encontrara uma maneira diferente de abordar a realidade, que ele chamou de "O Caminho do Meio". As suas experiências haviam certamente sido duplas. Nascido como príncipe, no maior luxo e conforto, com

amplo suprimento de dançarinas (os olhos do Mestre Indiano brilharam de desejo) e todos os alimentos que podia comer e todos os prazeres que podia observar, experimentara depois a pobreza abjeta, o sofrimento, chegando quase a morrer de privações e de fome. Mas, como logo compreendeu, nem a riqueza nem os frangalhos constituíam a solução do problema eterno do homem. A resposta, por conseguinte, devia forçosamente situar-se no meio-termo.

O budismo é amiúde considerado uma religião, mas não o é no sentido estrito da palavra. O budismo é um estilo, um código de vida. Se o código for seguido rigorosamente, certos resultados poderão ser alcançados. Por questão de conveniência, o budismo pode ser chamado de religião, embora para os autênticos monges budistas "religião" seja a palavra errada. A única expressão certa é "O Caminho do Meio".

O budismo foi fundado com base nos ensinamentos da religião hindu. Os filósofos e mestres religiosos hindus haviam ensinado que a senda para o conhecimento do eu, do espírito e da missão que cabia à humanidade era como o caminhar sobre o gume de uma navalha, onde a menor inclinação para um lado ou para o outro provocaria a queda.

Gautama conhecia todos os ensinamentos hindus, pois no começo da vida fora hindu. Graças à sua perseverança, porém, havia descoberto o "Caminho do Meio".

A abnegação extrema é má porque produz no homem ideias destorcidas; a indulgência extrema é igualmente má, pois, da mesma maneira, provoca um ponto de vista destorcido. Pode-se, com proveito, considerar tais condições como quando se afina um instrumento de corda. Se for apertada demais a cravelha do instrumento, como uma guitarra, chega-se finalmente ao ponto do rompimento e o menor toque parte a corda. Há, por conseguinte, no aperto excessivo, falta de harmonia.

Se for eliminada toda tensão das cordas, descobre-se novamente falta de harmonia. A harmonia é conseguida apenas quando as cordas estão corretas e rigidamente afinadas. O mesmo ocorre no caso da humanidade, onde a indulgência e o excesso de sofrimento provocam falta de harmonia.

Gautama formulou a crença no Caminho do Meio e elaborou os preceitos mediante os quais o homem pode atingir a felicidade, pois uma de suas máximas era: "Aquele que procura a felicidade pode atingi-la se persistir na busca".

Uma das primeiras perguntas que a pessoa se faz é: "Por que sou infeliz?" É a pergunta feita com maior frequência. Gautama, o Buda, perguntou-se por que era infeliz. Meditou, meditou, pensou na coisa e em torno da coisa. Chegou à conclusão

de que o próprio recém-nascido sofre, chora devido ao sofrimento de nascer, de dor e da falta de conforto de nascer e de deixar o mundo confortável que conhecia. Quando os bebês se sentem pouco à vontade, eles choram. Quando crescem, talvez não chorem mais, mas ainda encontram meios de manifestar o desprazer, a falta de satisfação e a dor real. O bebê, porém, não pensa quando chora, chora apenas, reage simplesmente como um autômato. Certos estímulos levam a pessoa a chorar, outros a rir, mas o sofrimento — e a dor — tornam-se problemas apenas quando a pessoa pergunta por que sofre, por que é infeliz?

As pesquisas revelam que as pessoas em sua maioria já sofreram até certo ponto quando chegaram aos dez anos e se perguntaram também por que teriam de sofrer. No caso de Gautama, porém, ele se fez a pergunta apenas à idade de trinta anos, pois os seus pais lançaram mão do possível para evitar-lhe todas as formas de sofrimento. As pessoas excessivamente protegidas e que têm todos os prazeres satisfeitos não sabem o que é enfrentar a infelicidade. No dia em que finalmente ela as aflige não sabem como resolver o problema e frequentemente sofrem um colapso nervoso.

Todos os homens, em algum momento da vida, têm de enfrentar o sofrimento e perguntar-se a razão do sofrimento. Todos têm de sofrer dor física, mental ou espiritual, pois sem dor não haveria cultura na terra, nem purificação, nem expulsão da escória que atualmente envolve o espírito do homem.

Gautama não fundou uma nova religião. Todos os seus ensinamentos, toda a sua contribuição à totalidade dos conhecimentos humanos, focaliza-se em torno do problema da dor e da felicidade. Nas suas meditações, enquanto as criaturas da natureza permaneciam silenciosas para que ele pudesse meditar em paz e enquanto os caracóis lhe esfriavam a cabeça aquecida pelo sol, Gautama compreendeu a dor, compreendeu a razão do sofrimento, acreditou saber como se poderia evitá-lo. Ensinou tais coisas aos cinco amigos e eles se transformaram nos quatro princípios sobre os quais repousa toda a estrutura do budismo. Eles são as Quatro Nobres Verdades, de que trataremos mais tarde.

Caíam as sombras da noite, as trevas desciam tão velozmente que mal podíamos nos ver. O Mestre Indiano postava-se contra a janela, com o perfil recortado pela difusa luz das estrelas. Continuava a falar, esquecido ou indiferente ao fato de que teríamos de nos levantar para o serviço da meia-noite, acordar para o serviço das quatro da manhã, e estar de pé novamente às seis.

Finalmente, pareceu compreender que também ficava cansado, que postar-se lá, na escuridão, com as costas voltadas para a luz das estrelas, talvez fosse perder tempo porque não conseguia ver-nos, não sabia se estávamos prestando atenção, ou se

dormíamos sentados.

Subitamente, bateu na estante de leitura com um ressoante "THWANG!" O barulho foi ensurdecedor — inesperado — e todos nós nos levantamos tão amedrontados que deve ter havido um espaço de vários centímetros de ar entre os nossos corpos e o assoalho. Em seguida, caímos com uma pancada surda e resmungos de surpresa.

O Mestre Indiano permaneceu na sala ainda por alguns momentos. Em seguida, disse apenas "Debandar", e deixou o aposento. Era fácil para ele, pensei. Ele era apenas um visitante, gozava de privilégios especiais, ninguém lhe pediria para fazer coisa alguma. Podia ir agora para a sua cela e dormir a noite inteira se quisesse. Nós — bem, tínhamos de comparecer ao serviço no Templo.

Levantamo-nos rigidamente e eu era o mais rígido de todos. Em seguida, saímos da sala escura e entramos no corredor. Não era comum que as aulas fossem ministradas tão tarde assim. Não havia luzes. Os corredores, porém, eram conhecidos. Caminhamos penosamente até chegarmos a um dos principais corredores que, naturalmente, estava iluminado pelas inevitáveis e bruxuleantes lâmpadas de manteiga, colocadas em nichos na parede ao nível da cabeça. Dois monges as enchiam constantemente de manteiga e cuidavam dos pavios que flutuavam na superfície líquida.

Arrastamo-nos até o dormitório onde caímos no chão sem mais bulha, tentando dormir um pouco antes de as cornetas e conchas nos chamarem para o serviço da meia-noite.

4

Agachei-me sob a grande muralha, enrodilhei-me como uma bola e tentei espiar através de uma pequena abertura. Minhas pernas doíam e pareciam línguas de fogo. Temia que de um momento para outro começassem a sangrar. Mas tinha de ficar, TINHA de suportar o incômodo de permanecer ali, comprimido, amedrontado, vasculhando o horizonte. Nessa posição, estava quase no telhado do mundo! Não podia subir mais sem asas ou — e o pensamento atraiu-me — se não fosse transportado por uma grande pipa. O vento fazia redemoinhos e uivava em torno de mim, rasgando as Bandeiras de Oração, gemendo sob o telhado das Tumbas Douradas e, vez por outra, soprando uma chuva de fino pó da montanha sobre a minha cabeça desprotegida.

Bem cedo, pela manhã, escapulira furtivamente, temeroso e trêmulo através dos corredores e passagens raramente usadas. Parando a curtos intervalos para escutar, chegara, finalmente, com grande cautela, ao Telhado Sagrado, o telhado onde apenas O Mais Sagrado e seus amigos mais íntimos tinham liberdade de ir. Ali estava eu, em perigo. O coração batia-me descompassadamente quando pensava nos riscos. Se fosse surpreendido, seria expulso da Ordem na mais extrema desgraça. Expulso? O que faria, então? O pânico subiu dentro de mim e durante um longo momento estive prestes a fugir às pressas para as regiões inferiores, onde era o meu lugar. O bom-senso impediu-me. Descer agora, com a missão por cumprir, seria um autêntico fracasso.

Expulso desonrosamente? O que DEVERIA fazer? Eu não possuía um lar. O meu pai me prevenira de que o "Lar" não seria mais lar para mim — cabia-me organizar meu próprio estilo de vida. Com o olhar inquieto captei a cintilação do Rio Feliz, procurei o barqueiro na canoa de pele de iaque. A minha mente se iluminou. Era AQUILO o que eu faria. Seria barqueiro! Buscando maior segurança, esgueirei-me ao longo do Telhado Dourado, protegido agora até mesmo da vista do Mais Sagrado, caso ele decidisse arriscar-se a enfrentar o vento aqui fora. As pernas me tremiam de esforço e a fome rosnava dentro de mim. O tamborilar da chuva resolveu um dos problemas. Curvei-me e umedeci os lábios em uma pequena poça

que a chuva havia formado.

Não mais voltaria ele? Ansiosamente inspecionei o distante horizonte. Eu… sim. Esfreguei os olhos com as costas da mão e olhei fixamente. SUBIA uma pequena nuvem de poeira! E vinha na direção da Pari! Esqueci por um momento a dor nas pernas e o perigo sempre presente de ser surpreendido. Levantei-me e apurei a vista. Lá longe, muito longe um pequeno grupo de cavaleiros aproximava-se do vale de Lhasa. A tempestade ganhava ímpeto e a nuvem de poeira levantada pelas patas dos cavalos desaparecia quase com tanta rapidez como era formada. Forcei a vista, procurando proteger os olhos da chuva cortante para não perder detalhe algum.

As árvores se curvavam sob a força da tempestade. As folhas farfalhavam loucamente, soltavam-se dos galhos e eram levadas pelo vento ninguém sabe para onde. O lago do Templo da Serpente perdera a placidez de espelho. Ondas espumantes levantavam-se e se quebravam contra as margens distantes. As aves, boas conhecedoras de nossas condições atmosféricas, voavam cautelosamente à procura de abrigo, com a cabeça contra o vento. Através das fitas das Bandeiras da Oração, agora quase esticadas pela pressão do vento, vinha um horrendo tamborilar, enquanto as grandes cornetas presas ao telhado produziam um mugido áspero quando o vento crescia e rodopiava em torno dos bocais. Aqui, na parte mais alta do Telhado Dourado, eu ouvia tremores, estranhos rangidos e as súbitas lufadas de pó antigo arrancado dos caibros lá em baixo.

Senti uma horrível premonição. Voltei-me amedrontado justamente a tempo de entrever uma horrenda figura negra correndo em minha direção. Braços pegajosos me envolveram, sufocaram-me, pespegaram-me violentos golpes. Eu não podia gritar. Faltava-me o fôlego! Uma malcheirosa nuvem negra envolveu-me, e o vil odor fez-me vomitar. Nenhuma luz, somente as trevas gargalhantes, e o CHEIRO! Não era mais ar, e sim um nauseante gás!

Estremeci. Meus pecados haviam-me denunciado. Um Espírito do Mal atacava-me e estava prestes a raptar-me. Oh! murmurei. POR QUE havia desobedecido à lei e subido até o Terreno Sagrado? Em seguida, dominou-me o meu mau temperamento. Não! Eu não seria raptado por Demônios. Lutaria, LUTARIA contra tudo e contra todos. Freneticamente, cego de pânico e fúria, ataquei, arrancando grandes pedaços do "Demônio". Senti um grande alívio e ri com o riso agudo da quase histeria. Amedrontara-me com uma velha e esmolambada tenda de pele de cabra, apodrecida pelos anos, que o vento atirara contra mim. Agora, os farrapos eram conduzidos na direção de Lhasa!

A tempestade, porém, disse a última palavra. Com um triunfante uivo, uma

grande lufada de vento empurrou-me pelo telhado escorregadio. Minhas mãos ansiosas procuraram em vão um apoio. Tentei alçar-me no telhado! Debalde. Cheguei até à borda, vacilei, hesitei e caí nos braços espantados de um velho lama boquiaberto diante do que parecia — segundo pensou — um ser caído do céu, trazido pelo vento.

Como era comum com as tempestades em Lhasa, o tumulto e comoção desapareceram logo em seguida. O vento se acalmara e agora meramente suspirava melancolicamente em torno dos beirais dourados, brincando gentilmente com as grandes cornetas. Lá em cima, as nuvens ainda se atropelavam sobre as montanhas e eram reduzidas a frangalhos pela velocidade com que corriam. Eu, porém, não estava tão calmo. Havia ainda MUITA "tempestade" dentro de mim. DESCOBERTO! Murmurei para mim mesmo. DESCOBERTO como o maior parvo da Lamaseria. Agora teria de ser barqueiro ou guardador de iaques. Estava REALMENTE em dificuldades.

— Senhor! — disse com voz trêmula. — Lama Guardião das Tumbas, eu estava…

— Sim, sim, meu rapaz, — disse o lama procurando acalmar-me. — Vi tudo. Vi você ser erguido do chão pela tempestade. Você é um abençoado dos deuses!

— Honrado Guardião! — berrou uma voz. — Viu um jovem voando sobre a Montanha? Os Deuses o levaram. Paz à sua alma!

Voltei-me. Emoldurado contra a pequena porta vi um monge simples, chamado Timon. Timon era um dos que varriam os templos e faziam pequenos trabalhos. Éramos velhos amigos. Ele me fitou e me reconheceu. Os seus olhos se abriram de espanto.

— A Abençoada Mãe Dolma o proteja! — exclamou. — Então era VOCÊ!!! Há alguns dias uma tempestade o lançou telhado abaixo e agora outra o traz de volta. É realmente um milagre.

— Mas eu estava… — comecei a dizer. O velho lama me interrompeu:

— Sim, sim. Nós sabemos, nós vimos tudo. Vim até aqui para ver se tudo estava bem e você VOOU PELO TELHADO DIANTE DOS MEUS OLHOS!

Senti-me um tanto deprimido. Pensavam, portanto, que a velha e podre tenda de pele de cabra, esmolambada e esfiapada, era EU! Bem, pensassem o que quisessem. Em seguida, lembrei-me de que sentira medo e pensara que espíritos maus me atacavam. Cautelosamente, olhei em torno, procurando ver se a velha tenda ainda estava à vista. Não, rasgara-a na luta e os pedaços foram levados pelo vento.

— Olhe! Olhe! — gritou Timon em voz aguda. — Eis a prova! Olhe-o, olhe-o!

Examinei-me e notei uma fita das Bandeiras de Oração enrolada em torno de mim. Presa à mão, ainda, uma meia bandeira. Cacarejando, o velho lama tomou a frente e desceu — enquanto eu me voltava abruptamente e corria mais uma vez até a muralha para espiar de novo da plataforma, na esperança de ver o meu amado Guia, o Lama Mingyar Dondup, aparecendo a distância. O distante horizonte, porém, estava inteiramente oculto pela tempestade furiosa que havia nos deixado e varria agora os vales lá embaixo, depositando pó, rolhas carregadas pelo vento e, sem dúvida, os restos da velha tenda de pele de cabra.

O velho Guardião das Tumbas voltou e espiou também de cima das muralhas.

— Sim! Sim! — disse ele. — Vi você subir pelo outro lado do muro, flutuar em frente a mim, transportado pelo vento. E o vi cair depois na parte mais alta do telhado das Tumbas Douradas. Não pude continuar a olhar. Vi você lutando para manter o equilíbrio e cobri os olhos com a mão.

Ótimo, pensei, ou você me teria visto lutando com a velha tenda de pele de cabra e teria descoberto que eu estivera lá durante todo o tempo. Nesse caso, eu ficaria realmente em apuros.

Ouvimos ruído de conversações quando nos voltamos para cruzar a parte que dava entrada para os edifícios mais baixos. Encontramos um grupo de monges e lamas, todos declarando que me viram ser erguido do caminho, lá na parte mais baixa da encosta da montanha, e subir em voo direto, batendo os braços. Haviam pensado que eu seria esmagado contra os muros ou lançado diretamente sobre a Potala. Nenhum deles esperava ver-me vivo novamente. Nenhum deles pudera distinguir, na poeira e no vento cortante, que não era eu quem subia, mas parte da tenda de pele de cabra.

— Ai! Ai! — disse um deles. — Eu vi com estes olhos que a terra há de comer. Lá estava ele no solo, abrigando-se do vento e — PUUF! Subitamente, voava sobre a minha cabeça batendo os braços. Nunca pensei que veria uma coisa dessas.

— Sim! Sim! — disse outro. — Eu estava espiando para fora da janela, espantado com tanta agitação e, justamente no momento em que vi o rapaz, trazido pelo vento em minha direção, os olhos se me encheram de poeira. Ao passar, ele quase me deu um pontapé no rosto.

— Isto não é nada! — gritou um terceiro. — Ele realmente me bateu, quase me arrancava os miolos da cabeça. Eu estava lá fora, no parapeito, e lá veio ele voando em minha direção. Tentei segurá-lo e quase me arranca o manto. Puxou-o sobre a minha cabeça. Fez isso. Fiquei cego. Não pude ver coisa alguma durante

algum tempo. Quando olhei… Havia desaparecido. Bem, pensei que ele chegara ao fim, mas vejo que ainda está vivo.

Fui passado de mão em mão como se fosse uma estátua de manteiga premiada. Monges me apalparam, lamas me cutucaram, e ninguém me deixou explicar que eu NÃO tinha sido posto no telhado, mas quase lançado FORA do telhado.

— Um milagre! — disse um velho, mais afastado. — E, em seguida: — Cuidado: lá vem o Senhor Abade!

O grupo respeitosamente abriu caminho para a figura envolvida num manto dourado que chegava.

— O que é que está acontecendo? — perguntou. — Por que estão todos reunidos aqui? Expliquem-se, — disse, voltando-se para o lama mais idoso.

Com muitos detalhes e considerável ajuda do grupo que crescia sempre, o assunto foi "explicado". Fiquei ali, querendo que o chão se abrisse e me engolisse… até a cozinha. (Eu estava com fome, pois nada comera desde a noite passada.)

— Venha comigo! — ordenou-me o Senhor Abade.

O lama mais antigo segurou-me o braço e ajudou-me. Eu estava cansado, amedrontado, dolorido e esfomeado. Entramos em uma grande sala que eu ainda não conhecia. O Senhor Abade sentou-se em silêncio enquanto meditava na história que ouvira.

— Conte-a novamente, nada omitindo — disse ao lama.

Mais uma vez, ouvi a história do meu "maravilhoso voo do chão até as Tumbas Sagradas". Nesse momento, o meu estômago vazio produziu um alto som, advertindo-me de que necessitava de alimento. O Senhor Abade, abafando um sorriso, disse:

— Leve-o e lhe dê alguma coisa para comer. Imagino que a provação o extenuou. Em seguida, chame o Honrado Ervanário, o Lama Chim, a fim de verificar se ele tem ferimentos. Mas deixe que ele coma primeiro.

Comida! Isso era BOM!

— Você certamente tem uma vida agitada, Lobsang — disse o cordial monge-cozinheiro. — Em primeiro lugar, o vento carrega-o do telhado montanha abaixo e agora dizem que você foi transportado da base da montanha até a parte superior do telhado! Uma vida agitada. O Demônio bem que cuida de seus filhos.

E saiu, rindo baixinho de sua própria pilhéria. Não me importei. Ele era sempre bondoso comigo e me ajudava em pequenas coisas. Outro amigo cumprimentou-me. Um ronronar áspero e uma cabeçada violenta nas pernas atraíram-me o olhar. Um dos gatos vinha reclamar parte de minha atenção.

Preguiçosamente, corri os dedos acima e abaixo da espinha do animal, fazendo-o ronronar mais alto ainda. Um pequeno ruído na direção dos sacos de cevada — e ele desapareceu silenciosamente como um relâmpago.

Dirigi-me até a janela e olhei para a Lhasa distante. Nenhum sinal ainda do pequeno grupo dirigido pelo meu Guia, o Lama Mingyar Dondup. Teria sido surpreendido pela tempestade? perguntei-me. Matutei também quanto tempo passaria antes que ele voltasse… amanhã então, eh? Voltei-me. Um dos parasitas da cozinha estivera dizendo alguma coisa e eu ouvira somente o fim da frase.

— Sim — disse outro — eles pousarão na Cerca Rosada hoje à noite e voltarão amanhã.

— Oh! — disse eu. — Estarão falando por acaso de meu Guia, o Lama Mingyar Dondup?

— Sim! Parece que teremos de tolerá-lo por mais um dia, Lobsang — respondeu um dos parasitas. — Mas isto me lembra uma coisa… O Honrado Enfermeiro está esperando por você. É melhor apressar-se.

Parti preguiçosamente. Havia problemas demais no mundo. Por que deveria o meu Guia ter de interromper a jornada e passar talvez um dia e uma noite na Lamaseria da Cerca Rosada? Nessa fase da existência, eu pensava que somente os meus assuntos eram importantes e não compreendia plenamente o grande serviço que o Lama Mingyar Dondup prestava ao próximo. Continuei indolentemente a descer o corredor até o consultório do Enfermeiro. Ele ia saindo, mas, quando me viu, segurou-me o braço e puxou-me para dentro.

— Bem, o que é que você andou fazendo agora? Há sempre algum incidente ou confusão quando você vem à Potala.

Postei-me pensativamente diante dele e contei-lhe apenas o que as testemunhas de vista haviam presenciado na grande tempestade. Não lhe contei que já estava no Telhado Dourado, pois sabia que o seu primeiro pensamento seria comunicar o fato ao Mais Sagrado.

— Bem, tire o manto. Tenho de examiná-lo para ver se sofreu algum ferimento e, em seguida, fazer um relatório sobre o seu estado.

Despi o manto e o joguei sobre um banco de pouca altura. O Enfermeiro ajoelhou-se e cutucou-me de todos os lados procurando descobrir algum osso quebrado ou músculo distendido. Ficou surpreso ao notar que os meus únicos ferimentos, à parte as pernas doentes, eram manchas azul-pretas, algumas com bordas de coloração amarelada.

— Tome isto aqui e esfregue bem no corpo — disse ele, levantando-se e

retirando de uma alta prateleira um jarro de couro cheio de algum unguento de erva, muito malcheiroso. — Não esfregue isto aqui. — Advertiu-me. — Não quero ser sufocado pelo gás. Afinal de contas, os ferimentos são seus.

— Honrado Enfermeiro! — respondi. — É verdade que o meu Guia foi obrigado a deter-se na Lamaseria da Cerca Rosada?

— Exato. Ele está lá tratando de um abade. Não acredito que volte senão amanhã bem tarde. De modo que temos de tolerá-lo durante mais algum tempo. — Em seguida, acrescentou maliciosamente: — Mas você terá o prazer de desfrutar das aulas do nosso respeitado Mestre-Visitante indiano.

Fitei-o e me ocorreu que o velho Enfermeiro não gostava mais do Mestre Indiano do que eu. Não havia, contudo, mais tempo para esclarecer a questão. O sol estava a pino e era tempo de voltar novamente à sala de aula.

Fui primeiro até o dormitório, tirei o manto e esfreguei no corpo o fedorento unguento. Enxuguei depois as mãos no manto, vesti-o novamente e voltei à sala de aula, ocupando um lugar tão longe do Mestre Indiano quanto possível.

Entraram os outros rapazes: pequenos, de estatura média, altos, todos reunidos porque o momento era especial: a visita de um famoso Mestre Indiano. Pensava-se que os rapazes lucrariam ouvindo o budismo ensinado por uma outra cultura.

Enquanto esperávamos o Mestre, os rapazes fungavam audivelmente. Os que estavam perto de mim afastaram-se. Quando o Mestre chegou, sentava-me eu em solitário esplendor contra a parede, tendo em volta um semicírculo de rapazes a nunca menos de quatro metros.

O Mestre Indiano entrou trazendo a bela sacola de couro. Em seguida, fungou e olhou em torno suspeitosamente, com as narinas tremendo. Fungava com grande ruído. À meio caminho entre a porta e a estante de leitura parou, olhou em volta e notou que eu estava isolado. Encaminhou-se em minha direção e, logo depois, recuou. A sala estava muito quente com tantos rapazes e, com o calor, o unguento adquiriu um cheiro ainda mais acre. O Mestre Indiano parou, pôs as mãos nas cadeiras, e olhou-me furiosamente.

— Meu rapaz, acho que você é o maior criador de casos deste país. Você perturba nossas crenças voando acima e abaixo das montanhas. Vi tudo isso do meu próprio quarto. Vi você voando ao longe. Os demônios devem ensiná-lo nos seus momentos de folga, ou alguma coisa assim. E agora — ough! — VOCÊ FEDE!

— Honrado Mestre Indiano! — repliquei. — Não posso evitar o mau cheiro. Estou simplesmente usando o unguento receitado pelo Honrado Enfermeiro e — acrescentei com grande ousadia — é muito pior para mim porque o remédio está

praticamente saindo em bolhas.

Nem uma sombra sequer de sorriso perpassou-lhe pelos lábios. Voltou-se desdenhosamente e se encaminhou para a estante de leitura.

— Devemos terminar a nossa aula — principiou o Mestre Indiano — porque terei muito prazer em deixá-los e voltar à Índia mais culta.

Arrumou e folheou um pouco os papéis, olhou-nos desconfiado para ver se estávamos prestando atenção, e continuou:

"Em suas viagens, Gautama meditou muito. Durante seis anos vagueou, passando a maior parte do tempo pesquisando a Verdade, buscando a Verdade, procurando descobrir a finalidade da vida. Enquanto perambulava, sofreu apuros, privações, fome, sempre se perguntando acima de tudo: "Por que sou infeliz?"

"Gautama meditava incessantemente sobre o assunto e a resposta lhe chegou quando as criaturas da natureza o auxiliaram, os caracóis lhe refrigeraram a cabeça, as aves abanaram-lhe a fronte e todos os demais animais guardaram silêncio para não perturbá-lo. Concluiu haver Quatro Grandes Verdades, que denominou As Quatro Nobres Verdades, significando as leis da estada do Homem na Terra.

"Nascimento é sofrimento, disse o Buda. A criança nasce causando dor à mãe e a si própria. Somente com dor se nasce nesta terra e o ato de nascer ocasiona dor e sofrimento ao próximo. A degenerescência é sofrimento. O homem envelhece e as células do corpo não mais podem restaurar-se segundo o padrão conhecido; a degenerescência começa, os órgãos não mais funcionam corretamente, ocorrem mudanças, e há sofrimento. Ninguém envelhece sem sofrer. Doença é sofrimento. Quando um órgão não funciona corretamente há dor, sofrimento, e o órgão obriga o corpo a ajustar-se à nova situação. A doença, por conseguinte, causa dor e sofrimento.

A morte é o fim da doença. A morte causa sofrimento. Não o ato de morrer em si, mas as condições que provocam a morte são, em si mesmas, dolorosas. Mais uma vez, portanto, somos infelizes.

"O sofrimento é ocasionado pela presença de coisas que odiamos. Mantemo-nos em estado de tensão, de frustração, na presença daqueles de quem não gostamos. Ficamos infelizes com a separação dos objetos que amamos. Quando nos despedimos de uma pessoa querida, talvez sem saber quando a veremos novamente, sentimos dor, sofremos frustração e por isso somos infelizes.

"Desejar, e não obter aquilo que desejamos, é causa de sofrimento, causa de perda de felicidade, causa de miséria. Por desejar e não obter, sofremos e somos infelizes.

“Somente a morte traz a paz, somente a morte nos liberta do sofrimento. Por isso mesmo é claro que apegar-se à existência é apegar-se ao sofrimento, e apegar-se à existência é que nos faz infelizes”.

O Mestre Indiano fitou-nos e prosseguiu:

“O Buda, o nosso Abençoado Gautama, não era um pessimista, mas um realista. Gautama compreendeu que até que possa aceitar os fatos, o homem não pode banir o sofrimento. Até que possa compreender por que há sofrimento, não pode progredir ao longo do Caminho do Meio.”

Os Ensinamentos falam muito a respeito de sofrimento, pensei, mas lembrei que o meu próprio Guia, o — Lama Mingyar Dondup, havia-me dito:

— Meditemos, Lobsang, no que Gautama realmente disse. Ele não disse que tudo ocasiona sofrimento. Não importa o que as Escrituras digam, não importa o que comentem os Grandes Mestres, Gautama jamais declarou que tudo é sofrimento. Ele disse realmente que tudo encerra a POSSIBILIDADE de sofrimento. É claro, portanto, que todos os incidentes da vida podem produzir dor, desconforto e desarmonia. PODEM. Em parte alguma disse que tudo forçosamente ocasiona dor.

É tanta a incompreensão a respeito do que os Grandes Homens disseram realmente! Gautama acreditava que o sofrimento e a dor ultrapassavam o mero sofrimento físico, a mera dor física. Ele sempre salientou que os sofrimentos da mente, provocados por uma disfunção das emoções, constituíam maior sofrimento e maior desarmonia do que a mera dor física ou a infelicidade podiam causar. Ensinou que, “se sou infeliz é porque não vivo feliz, porque não vivo em harmonia com a natureza. E se não vivo harmoniosamente é porque não aprendi a aceitar o mundo como ele é, com todas as suas falhas e POSSIBILIDADES de sofrimento. Somente posso atingir a felicidade quando compreender as causas da infelicidade e evitá-las”

Martelava a cabeça com esses pensamentos e pensava no cheiro horrível que o unguento desprendia, quando o Mestre Indiano bateu novamente com a palma da mão na estante de leitura e bradou:

— Esta é a Primeira das Nobres Verdades. Vejamos agora a Segunda.

“Gautama pregou sermões aos discípulos, aqueles que o haviam abandonado quando grande parte da sensação desaparecera dos ensinamentos. Agora, porém, eram novamente discípulos. Disse-lhes: “Ensino apenas duas coisas: o que é sofrimento e a libertação do sofrimento. Eis a Nobre Verdade sobre a origem do sofrimento: é a aspiração insaciável que causa a renovação das encarnações. A aspiração insaciável faz-se acompanhar de deleites sensuais e busca satisfação ora

aqui ora ali. Assume a forma de ânsia de saciamento dos sentidos, ou aspiração de prosperidade e de posses mundanas.

"Segundo fomos ensinados, o sofrimento acompanha tudo o que fazemos erroneamente. É resultado de atitude errônea em relação ao mundo. O mundo em si não é mau, mas algumas pessoas fazem-no parecer mau e é a nossa atitude, nossas faltas que o fazem parecer mau. Todos os homens sentem desejos, anelos, ou ânsias sensuais, que o levam a fazer coisas que, num estado de espírito mais equilibrado e livre, não fariam.

"Disse o Grande Ensinamento do Buda: aquele que aspira não pode ser livre e quem não é livre não pode ser feliz. Por isso mesmo, dominar as aspirações representa um grande passo em direção à felicidade.

"Gautama ensinou que cada homem deve procurar por si mesmo a felicidade. Disse: a felicidade que não produz contentamento é coisa meramente transitória, do tipo que o homem ou a mulher obtêm quando desejam sempre mudar, borboletar de um lado para outro, ver novas paisagens e encontrar novas pessoas. Isso é felicidade passageira. A verdadeira felicidade é aquela que dá ao homem profundo contentamento e liberta a alma da insatisfação. Disse Gautama: "Descobri que, se na busca da felicidade as más qualidades se desenvolvem e as boas são debilitadas, tal tipo de felicidade deve ser evitado. Descobri que, quando, na busca da felicidade, as más qualidades são debilitadas e as boas desenvolvidas, tal felicidade deve ser almejada."

"Devemos, por conseguinte, não aspirar às ociosas coisas da carne, às coisas que não perdurarão no próximo mundo; não tentar satisfazer anelos que mais crescem quanto mais se nutrem. Em vez disso, pensar naquilo que realmente buscamos e como o encontraremos. Devemos meditar na natureza de nossos anelos, na sua causa e, tendo-as conhecido, procurar removê-las.

O nosso Mestre animou-se com o tema. Estava um pouco perturbado, também, com o cheiro do unguento, pois disse:

— Faremos uma pausa, durante alguns momentos, porque não quero cansar-lhes a mentalidade, que, vejo, não é igual a dos meus alunos indianos.

Apanhou os papéis, colocou-os na pasta, fechou-a cuidadosamente, e prendeu a respiração ao passar por mim. Durante alguns momentos, os rapazes permaneceram sentados, esperando que morresse a distância o barulho dos seus passos. Um deles voltou-se para mim e disse:

— Pnh! Lobsang, como você fede! Deve ser porque você andou misturado com demônios, voando para cima e para baixo com eles.

Respondi sensatamente:

— Bem, se andei misturado, não devo ter voado com eles, mas feito o oposto e, como todo mundo sabe, voei para cima.

Dispersamo-nos e cada um tomou seu caminho. Fui até à janela e olhei para fora pensativamente, perguntando-me o que fazia o meu Guia na Lamaseria da Cerca Rosada, indagando de mim mesmo como passar o tempo com esse Mestre Indiano por quem sentia a mais profunda antipatia. Pensei que, se ele era um budista tão puro como pensava, deveria ter mais compreensão e consideração pelos garotos. Meditando junto à janela ouvi um jovem lama entrar rapidamente na sala.

— Lobsang! — disse ele. — Venha logo, O Mais Sagrado quer vê-lo. — Depois, parou por um momento e continuou: — Phn! O que é que você fez?

Falei-lhe a respeito do unguento de ervas e ele retrucou:

— Vamos depressa ao Enfermeiro para ver o que se pode fazer para livrá-lo dessa fedentina antes que O Mais Sagrado o veja. Vamos, logo.

5

Juntos, descemos apressadamente o corredor em direção ao consultório do Enfermeiro. JUNTOS? Não, não exatamente. O jovem lama correu e eu o segui com as pernas bambas. Segui-o porque me rebocava pela parte da frente do manto. Murmurei e rosnei tanto comigo mesmo quanto a falta de fôlego permitia. O vento me carrega do solo e me põe no telhado — e agora todo o mundo me empurra de um lado para outro. Oh! Pensei, estou quase ACREDITANDO que fui realmente erguido pelo vento. Oh! O que O Mais Sagrado pensaria… — eu sabia.

Deslizamos em torno de uma esquina e penetramos no consultório. O Enfermeiro comia o seu *tsampa*. Vendo-nos, parou e levantou os olhos. O queixo pendeu quando me viu, com a mão entre a tigela e a boca.

— VOCÊ, novamente? VOCÊ? O que é que você fez desta vez?

O jovem lama, boquiaberto de excitação, ansiedade, e falta de fôlego, despejou uma cascata de palavras — quase tropeçando na própria língua na velocidade do discurso.

— O Mais Sagrado quer ver Lobsang, AGORA. O que é que podemos fazer?

O Enfermeiro suspirou, colocou a tigela de lado, e limpou os dedos no manto.

— Não apenas o verá, mas o CHEIRARÁ se eu o levar assim, — murmurou agitadamente o jovem lama. —. Ai! Ai! O que podemos fazer para perfumá-lo?

O Enfermeiro deu uma risadinha e logo se tornou solene ao pensar no Mais Sagrado.

— Ah! — disse ele. — Fiz isso apenas por brincadeira. Experimentava um novo unguento e ele estava por perto. É um unguento que se pode espalhar em postes e paredes para afastar os cães, mas é também um "unguento para feridas". Bem, deixe-me pensar!

O jovem lama e eu nos olhamos algo desapontados. Repelente de CÃES. Bem, o unguento me tornará realmente repelente. Mas o que fazer agora? Então o velho havia feito uma brincadeira comigo, não? Bem, pensei, agora a brincadeira era à sua custa — de que modo ele me livraria do mal cheiro antes que o Dalai Lama soubesse de tudo? O Enfermeiro levantou-se com um salto e estalou os dedos de

satisfação.

— Tire o manto — ordenou.

Despi-me novamente. O Enfermeiro entrou num quarto lateral, saindo minutos depois com um balde cheio de um líquido de cheiro agradável. Colocando-me sobre um pequeno ralo no escritório, ergueu o balde e derramou o conteúdo sobre a minha cabeça.

Pulei feito um doido. O material era adstringente. Julguei que perderia toda a pele. Agarrando rapidamente um pedaço de pano, ele me esfregou o corpo, deixando-o muito vermelho e ardente, mas com bom cheiro.

— Muito bem! — exclamou com satisfação. — Você me causou grandes dificuldades e talvez um tratamento doloroso o desencoraje a procurar-me, salvo em caso de extrema necessidade.

Entrou em outro aposento e voltou com um manto limpo.

— Vista-o — ordenou. — Não podemos permitir que você vá ver O Mais Sagrado parecendo um espantalho.

Vesti-me, sentindo coceira e comichão por todo o corpo. O áspero material do manto agravou o meu estado, mas o jovem lama e o Enfermeiro não pareciam preocupados com isso.

— Depressa! Depressa! — disse o primeiro. — Não podemos perder tempo.

Agarrou-me pela mão e puxou-me para a porta. Movi-me relutantemente, deixando pegadas perfumadas no chão.

— Espere! — gritou o Enfermeiro. — Ele precisa de sandálias! Com um súbito movimento desapareceu e voltou com um par de sandálias. Enfiei nelas os pés e descobri que cabiam numa pessoa duas vezes maior do que eu.

— Oh! — exclamei em estado de pânico. — Elas são grandes demais. Vou tropeçar nelas ou perdê-las. Quero as minhas.

— Mas você não é mesmo o tal? — retrucou secamente o Enfermeiro. — Um criador de casos, sempre metido em dificuldades. Espere! É preciso vesti-lo direito ou você pode cair em frente do Mais Sagrado e lançar-me na desgraça.

Mexeu-se desajeitadamente pelo aposento, procurando aqui e ali. Em seguida descobriu um par de sandálias de tamanho mais conveniente.

— Vá! — exclamou. — E não volte a menos que esteja morrendo. — Virou-se de mal-humor e reiniciou a refeição interrompida.

O jovem lama arfava de preocupação e excitação.

— De que modo poderei explicar a demora? — perguntou, como se eu pudesse dar-lhe uma resposta.

Atravessamos rapidamente o corredor. Logo depois fomos alcançados por outro jovem lama.

— Onde é que você se meteu? — perguntou algo exasperado. O Mais Sagrado está esperando — e ele NÃO gosta de esperar!

Não havia tempo para explicações.

Continuamos a devorar os corredores, subindo um andar, outro andar — e ainda outro andar. Finalmente, chegamos a uma grande porta guardada por dois imensos monges-policiais. Reconhecendo os dois jovens lamas, eles se afastaram para os lados e entramos nos aposentos privados do Dalai Lama. Subitamente, o primeiro jovem lama parou e me empurrou contra a parede.

— Fique quieto! — disse. — Preciso ver se você está arrumado. — Olhou-me de alto a baixo, puxando uma prega aqui, ajustando outra acolá. — Vire-se. — Ordenou, enquanto me observava cuidadosamente, na esperança de que eu não estivesse mais desarrumado do que um pequeno acólito comum. Voltei-me e fiquei de rosto para a parede. Mais uma vez, puxou-me e endireitou-me o manto.

— Você é o rapaz com as pernas feridas? O Mais Sagrado sabe de tudo. Se ele disser que se sente — sente-se, tão graciosamente como puder. Muito bem. Vire-se: — Voltei-me e notei que o outro jovem lama desaparecera. Ficamos esperando. Esperamos até que eu pensei que os meus joelhos iam fraquejar. Toda aquela agitação e agora, esperar, pensei. POR QUE tenho de ser monge?

A parte interna abriu-se e um lama idoso entrou. O jovem lama fez uma mesura e retirou-se. O alto servidor, pois era isso o idoso lama, examinou-me de cima a baixo e perguntou:

— Você pode andar sem auxílio?

— Santo Mestre! — repliquei. — Posso andar com certa dificuldade.

— Então, venha — respondeu e lentamente conduziu-me para outro aposento, atravessou-o e chegou a um corredor. Numa porta, bateu, entrou, indicando-me antes com um gesto que devia esperar do lado de fora.

— Sua Santidade! — ouvi-o dizer em voz respeitosa. — O rapaz Lobsang. Ele não pode andar muito bem. O Enfermeiro diz que está muito ferido e que as pernas não sararam ainda.

Não ouvi a resposta. O idoso lama reapareceu e segredou:

— Entre e, de pé, faça três curvaturas e prossiga apenas quando autorizado. Ande lentamente. Não caia. Entre, agora!

Gentilmente, tomou-me o braço e introduziu-me na sala, dizendo antes de partir e fechar a porta atrás de mim:

— Santidade! O rapaz Lobsang Rampa.

Cego de emoção e medo, curvei-me hesitantemente três vezes no que esperei fosse a direção certa.

— Venha aqui! Meu rapaz, aproxime-se e sente-se — disse uma voz profunda e cálida, uma voz que eu já ouvira em uma visita anterior. Levantei os olhos e vi inicialmente o Manto Amarelo reluzindo suavemente num brilhante raio de sol que entrava pela janela. O Manto Amarelo! Acima do manto, um rosto bondoso, mas firme, o rosto de um homem acostumado a decidir. O rosto de um Homem Bom, o nosso Deus na Terra.

Sentava-se sobre uma pequena plataforma elevada. As almofadas vermelhas, onde se apoiava, contrastavam com a cor amarelo-açafrão do manto. Estava na posição de lótus, com as mãos cruzadas e os joelhos e os pés cobertos por um tecido dourado. À sua frente, uma mesinha baixa contendo alguns objetos, uma pequena campainha, uma Caixa de Encantamento, uma Roda de Orações e papéis de Estado. Nessa ocasião, usava bigode e as pontas pendiam ligeiramente abaixo do queixo. Notei o sorriso benevolente, mas, igualmente, sinais de sofrimento. Diante dele, ao lado da pequena mesa, duas almofadas no chão. Indicou-me as almofadas, dizendo:

— Sei de sua invalidez. Sente-se como lhe for mais confortável.

Grato, sentei-me, pois a agitação e a excitação começavam a exercer efeitos sobre mim e eu tremia ligeiramente de cansaço.

— Muito bem! — disse Sua Santidade. — Então você teve algumas aventuras? Ouvi falar muito a respeito delas. Devem ter sido terríveis.

Olhei para esse Grande Homem, tão cheio de bondade e cultura. Eu sabia que TERIA de contar-lhe o que ocorrera, pois não queria enganá-lo. Muito bem. Seria expulso — banido, proscrito por ter transgredido a Lei e subido alto demais. Não importa. Eu seria um barqueiro ou um fabricante de pipas — e minha mente se turvou com esse pensamento — poderia mesmo seguir para a Índia e tornar-me um mercador.

O Mais Sagrado fitava-me seriamente. Levantei-me apressadamente, algo confuso, compreendendo que ele me falara.

— Santidade! — disse. — Meu Guia, o Lama Mingyar Dondup, disse que sois o maior homem do mundo e que não posso ocultar-vos a verdade. — Parei e engoli em seco. —Santidade — prossegui em voz sumida. — Acordei cedo esta manhã e subi…

— Lobsang! — respondeu O Mais Sagrado, com o rosto brilhando de prazer. — Não diga mais nada, mas não me conte mais nada. Já sei, pois fui garoto

também, oh! Há TANTO tempo. — Parou por um momento e olhou-me pensativamente. — Isto ordeno: em nenhuma ocasião deve você discutir o assunto com outra pessoas. Deve permanecer silencioso sobre o que REALMENTE aconteceu. De outro modo, você será expulso, como a lei determina. — Durante alguns momentos ficou imerso em pensamentos e, em seguida, acrescentou pensativamente: — Às vezes é bom ter um "milagre", pois o milagre fortalece a fé dos Irmãos inferiores e fracos. Eles precisam do que imaginam ser a prova, mas a "prova", quando se a examina de perto, vê-se amiúde que é uma ilusão, enquanto a "Ilusão" para a qual se buscou a "prova", é realmente a Realidade.

O sol de meio-dia inundava o aposento de luz dourada. O manto amarelo do Mais Sagrado brilhou e pareceu quase em chamas quando uma pequena lufada de vento ousou farfalhar-lhe as dobras. As almofadas vermelhas pareciam coroadas por um halo e lançavam reflexos rosados sobre o chão polido. A pequena Roda de Orações girou suavemente à brisa perfumada e suas incrustações de turquesas lançaram pequenos raios azuis no ar dourado. Quase indolentemente, O Mais Sagrado estendeu a mão, apanhou a Roda de Orações, olhou-a interrogativamente e recolocou-a no lugar.

— O seu Guia, o meu Irmão em Santidade, Mingyar Dondup, tem você em alta consideração, — disse Sua Santidade. — O mesmo dizem os que o conhecem bem. Cabe-lhe uma importante missão na vida e você ficará cada vez mais sob a tutela de seu Guia e de homens como ele. Você será desviado mais e mais dos estudos comuns e receberá ensino privado de padrão muito mais alto. — O Mais Sagrado interrompeu-se e olhou-me com um sorriso mal disfarçado nos cantos dos olhos. — Mas você terá de terminar o curso com o nosso visitante indiano.

A notícia me abalou. Alimentava a esperança de evitar aquele homem horrível — de ser dispensado da aula da tarde em virtude de minha grande experiência. O Mais Sagrado prosseguiu:

— O seu Guia voltará hoje à noite ou amanhã de manhã. Ele me fará um relatório. Em seguida, você voltará em sua companhia à Montanha de Ferro e continuará os seus estudos especializados. Os Homens Sábios determinaram-lhe o futuro. Será sempre difícil, mas quanto mais você estudar AGORA, maiores serão as suas oportunidades mais tarde. — Inclinou bondosamente a cabeça em minha direção e estendeu a mão para a pequena campainha. Ao som musical, entrou apressadamente o velho lama. Levantei-me com alguma dificuldade, curvei-me três vezes com uma desgraçada falta de jeito — com a mão no peito para que a tigela e os outros artigos não caíssem no chão como da outra vez — e recuei de costas para a porta, quase rezando para não tropeçar e cair.

Do lado de fora, enxugando o suor das sobrancelhas e amparando-me na parede, perguntei a mim mesmo: — O QUE, DEPOIS DISSO? O Lama idoso sorriu para mim (pois eu havia sido abençoado pelo Mais Sagrado) e disse bondosamente.

— Bem! Foi uma longa entrevista para um rapaz tão pequeno. Sua Santidade parecia satisfeito com você. Agora — olhou para fora, para as sombras que desciam — está na hora de almoçar e de ir para a aula de Budismo Hindu. Muito bem, rapaz, pode ir.

Sorriu para mim e afastou-se para um dos lados. O jovem lama que eu havia encontrado inicialmente apareceu e disse:

— Vamos… por aqui!

Segui-o quase tropegamente, pensando que este dia, que não chegara ainda nem à metade, parecia já tão longo como uma semana.

Assim, mais uma vez, fui até a cozinha e supliquei um pouco de *tsampa*. Desta vez fui tratado com RESPEITO — pois estivera na presença do Mais Sagrado e já se espalhara a notícia de que ele estava satisfeito comigo! Almocei rapidamente, e, ainda perfumado, voltei à sala de aula.

O nosso mestre postava-se novamente em frente da estante de leitura e dizia:

"Temos agora a Terceira Nobre Verdade, uma das mais curtas e mais simples. Segundo ensinou Gautama, quando deixa de anelar por uma coisa, o homem deixa de sentir o sofrimento que a ela se vincula. O sofrimento cessa com a extinção do anelo.

"A pessoa que anela habitualmente que as posses dos demais e se torna invejosa — cobiça as posses dos outros, apaixona-se pelas posses do próximo e, quando não as pode ter, fica ressentido e antipatiza com o dono dos bens cobiçados. Isto dá origem à frustração, à ira e à dor.

"Se o homem cobiça as coisas que não pode ter, há infelicidade. Os atos produzidos pelo anelo dão origem à infelicidade. Alcança o homem a felicidade quando deixa de anelar, quando aceita a vida como ela é, o bem e o mal.

O indiano folheou as páginas, mexeu-se um pouco e continuou:

"Chegamos agora à quarta das Quatro Nobres Verdades. A quarta das Quatro Nobres Verdades, porém, foi dividida em oito partes, denominadas. A Nobre Senda Óctupla. São oito os passos que se podem dar para obter a libertação dos desejos da carne e dos anelos. Vamos enumerá-los. O primeiro é:

1) A Compreensão Correta: Segundo ensinou Gautama, o homem deve ter compreensão certa da infelicidade. A pessoa que se sente miserável ou infeliz deve

descobrir exatamente porque é miserável ou infeliz, analisar-se e descobrir o que lhe provoca infelicidade. Quando a pessoa descobre por si mesmo o que lhe causa infelicidade, pode fazer algo a respeito, a fim de chegar à quarta das Quatro Nobres Verdades, que é: — Como posso encontrar a felicidade?

"Mas, antes de prosseguir na jornada com mente tranquila e com esperança de levar a vida como deve ser vivida, devemos saber mais os nossos objetivos. Isto nos leva ao segundo passo na Nobre Senda Óctupla:

2) Pensamento correto: Todos os homens "aspiram" a algo, talvez vantagens mentais, físicas ou espirituais. Talvez aspirem a ajudar ao próximo ou apenas a ajudarem-se a si mesmos. Mas, infelizmente, os seres humanos vivem sempre em grandes dificuldades, sem direção, confusos, incapazes de discernir. Temos de descartar-nos de todos os falsos valores, de todas as falsas palavras, e descobrir realmente o que somos e o que devemos ser, bem como compreender o que desejamos. Devemos renunciar aos falsos valores que, obviamente, nos levam à felicidade. A maioria das pessoas pensa somente no "Eu", no "mim", no "meu". A maioria é excessivamente egocêntrica e não se preocupa absolutamente com os direitos do próximo. É essencial que nos vejamos como um objeto a ser estudado, que nos olhemos como olhamos algum estranho. Gosta do estranho? Gostaria que fosse seu amigo íntimo? Gostaria de morar em sua companhia durante a vida inteira, almoçar com ele, respirar com ele, dormir com ele? É preciso ter as aspirações corretas antes de fazer da vida um sucesso. Da aspiração correta segue-se o que o homem deve emitir:

3) A Palavra Correta: Isto significa que o homem deve controlar a fala, não disseminar calúnias ociosas, não aceitar boatos como se fossem fatos. Empregando a palavra correta, o homem deve conceder sempre ao próximo o benefício da dúvida e calar quando a fala pode prejudicá-lo, falar apenas quando a palavra é boa e pode ajudar. A palavra pode ser mais letal do que a espada e mais venenosa do que a mais peçonhenta das serpentes. A palavra pode destruir uma nação. Deve-se observar a palavra correta, portanto, que nasce da:

4) Ação Correta: Se o homem age corretamente, não fala incorretamente. A ação correta, por conseguinte, contribui concretamente para a palavra correta e as aspirações corretas.

A Ação Correta significa que a pessoa não conta mentiras, não bebe bebidas alcoólicas e não rouba.

Gautama ensinou que somos o resultado de nossos próprios pensamentos. Somos hoje aquilo que nossos pensamentos nos levaram a ser no passado. Se agirmos corretamente agora, agiremos "certo" em alguma ocasião futura.

Declarou Gautama: 'Em ocasião alguma, o ódio combate o ódio; o ódio somente pode ser vencido pelo amor'. Disse também: 'Que o homem combata o ódio de seu semelhante com o amor e supere o mal do próximo com o seu próprio bem.'

"E, como nos ensinaram tantas vezes, o homem não deve dar provas de poderes extra-sensoriais nem atacar aqueles que o atacam, pois, segundo os ensinamentos de Gautama, não devemos repelir aqueles que nos ofendem com linguagem insultuosa, bastões ou pedras. Gautama disse: Se alguém te amaldiçoar, suprime todo o ressentimento e toma a firme determinação em tua mente de não seres perturbado e não deixares que uma palavra irritada te saia dos lábios. Permanece calmo e cordial, sem despeito algum.

Nós, budistas, acreditamos no Caminho do Meio, que é um código de vida, um código que determina que façamos ao próximo aquilo que queremos que nos façam. O passo seguinte da Nobre Senda Óctupla é:

5) Modo de Vida Correto: Segundo os Ensinamentos de Buda, há certas profissões prejudiciais ao homem, e que não devem ser desempenhadas por um verdadeiro budista. Por exemplo, um autêntico budista não pode ser açougueiro, ou vendedor de venenos, nem mercador, nem proprietário de escravos. O budista não pode consumir ou vender bebidas alcoólicas. O bom budista na época de Gautama era necessariamente aquele que vagueava sozinho ou vivia num mosteiro.

6) Esforço Correto: O Esforço Correto tem um significado especial: significa que o indivíduo deve progredir, no seu ritmo mais conveniente, na Nobre Senda Óctupla. O homem que quer progredir não deve impacientar-se nem tentar avançar com excessiva rapidez, antes de aprender o que deve. Tampouco deve o caminhante deter-se por falsa modéstia ou falsa humildade. O homem progride apenas à velocidade que lhe é própria.

7) Plenitude Mental Correta: A mente controla as ações. O pensamento é o pai do ato. Pensar numa coisa é o primeiro passo para realizá-la. Certos pensamentos são muito desarmônicos. O homem pode desejar alimentos em excesso ou muito picantes. O desejo não provoca dor, mas sim o apetite excessivo. Infelicidade e dor nascem da ingestão excessiva de alimentos e do desejo excessivo de comer.

"O budista deve lembrar-se de que os sentimentos têm curta vida, indo e vindo como o vento, que muda a todo instante. As emoções são instáveis e não merecem confiança. O homem deve treinar-se para obter a plenitude mental correta em todas as ocasiões, ignorando desejos transitórios.

8) Contemplação Correta: Sabia bem Gautama que a ioga não era

absolutamente a solução para a realização espiritual. A ioga é simplesmente um conjunto de exercícios destinados a permitir à mente controlar o corpo físico e sujeitá-lo ao seu comando. Não se destina a proporcionar elevação espiritual.

"Na Contemplação Correta, o homem deve controlar os pensamentos irrelevantes e descobrir as suas reais necessidades. Adotando a Contemplação Correta, o homem pode meditar — contemplar — de modo que, sem raciocínio, possa chegar à conclusão pela intuição sobre o bem e o mal."

A voz do Mestre Indiano interrompeu-se e ele pareceu voltar com um choque ao presente. Passeou os olhos sobre nós e focalizou-os em mim.

— Você! — disse ele, com o dedo apontado para mim. — Quero dizer-lhe uma palavra. Venha cá fora, no corredor.

Lentamente, ergui-me e dirigi-me para a porta. O Mestre Indiano seguiu-me, fechou a porta, abriu-a novamente, enfiou a cabeça e advertiu:

— Vocês, rapazes, fiquem quietos. Não quero ouvir um som sequer. Estarei do lado de fora. — Fechou a porta novamente e postou-se de costas para ela.

— Bem, rapaz! — disse. — Você esteve com o Dalai Lama. O que é que ele lhe disse?

— Honrado Mestre! — repliquei. — Tenho ordens de não repetir o que ocorreu nem pronunciar uma palavra sequer sobre o que se passou.

Ele me encarou furioso e berrou:

— Eu sou o seu Mestre. Ordeno-lhe que fale! Mencionou o meu nome?

— Não posso responder, Senhor! — retruquei. — Posso apenas repetir que fui proibido de comentar o que se passou.

— Comunicarei a sua insolência e desobediência e direi que você, de modo geral, é um aluno muito insatisfatório. — Com essas palavras, inclinou-se para frente e golpeou-me violentamente a cabeça à esquerda e à direita. Deu-me as costas e entrou na sala de aulas, com o rosto rubro de raiva. Segui-o e retornei ao meu lugar.

O Mestre Indiano voltou à estante de leitura e apanhou os papéis. Abria a boca no exato momento em que entrou um lama.

— Honrado Senhor! — disse-lhe o lama. — Peço-lhe que procure o Senhor Abade. Tenho instruções de continuar a aula, e, se tiver a bondade de indicar-me o ponto aonde chegou, terei prazer em continuá-la.

De mal-humor, o Mestre Indiano fez um sumário aproximado do desenvolvimento da aula e informou que estava prestes a falar do Nirvana. Em seguida disse:

— É com grande prazer que deixo esta aula e ficarei ainda mais satisfeito se não tiver de voltar.

Com essas palavras, amassou os papéis dentro da sacola, fechou-a com um som maligno e saiu apressadamente da sala, deixando o lama espantado com tal manifestação de grosseria. Sorrimos porque sabíamos que as coisas agora correriam melhor. Esse lama era bastante jovem para compreender os sentimentos de garotos.

— Vocês, rapazes! Há quanto tempo estão na aula? Já se alimentaram? — perguntou. — Querem sair por alguns momentos?

Retribuímos o sorriso e lhe asseguramos que não estávamos ansiosos para partir imediatamente. Ele acenou satisfeito com a cabeça, dirigiu-se à janela, e olhou para fora por alguns momentos.

6

O nosso novo Mestre empurrou a estante de leitura para os lados e sentou-se na posição de lótus, em frente de nós, na plataforma elevada, à moda de liteira, existente em todas as salas de aula tibetanas. Nos refeitórios, havia plataformas mais altas, onde durante as refeições, o Leitor sentava-se ou permanecia de pé, porquanto, em todas as ocasiões em que comíamos, ouvíamos a leitura de textos sagrados. A intenção era que nossas mentes ficassem repletas de pensamentos espirituais enquanto nossos estômagos se enchiam de *tsampa*. Não se considerava correto comer e pensar na comida. Nas aulas formais, o leitor ficava de pé sobre a estante de leitura, mas, como logo descobrimos, o novo Mestre sentado à nossa frente era um tipo inteiramente diferente de homem.

— Muito bem! — disse ele. — Vocês estiveram estudando a Plenitude Mental Correta e tenho a esperança de que estejam no estado de espírito correto porque é a mente a causa da maioria das dificuldades do homem. Os desejos físicos podem ser muito perturbadores, sobretudo numa comunidade monástica, especialmente, quando todos são celibatários. É necessário, por conseguinte, controlar a mente — criar a plenitude mental correta porque, ao criá-la, evitamos a infelicidade que surge quando desejamos coisas que sabemos muito bem que não são para nós. Sabem vocês que o Buda sempre ensinou que os homens em especial eram frequentemente desencaminhados pelo que poderíamos denominar de impacto visual. Os homens, os homens comuns, tendem a idealizar as mulheres. — Ele olhou para um garoto bem desenvolvido, sorriu, e continuou:

Sei que certos jovens cavalheiros, como você, que ocasionalmente acompanham um monge mais idoso à praça do mercado, mereceriam ser chamados às vezes de "Olhos Buliçosos", mas o Buda ensinou que tais coisas não são boas para o monge, pois o desejo é o pai da ação. O pensamento leva o homem a fazer coisas que ele sabe que são errôneas.

Olhou-nos um a um, sorriu, e continuou:

— Devemos tomar o Caminho do Meio, porém, não ser nem bom demais nem mau demais. Conta-se a história de um caminhante que andava pela estrada.

Algum tempo antes, ele vira passar uma jovem muito bela e estava ansioso para conhecê-la. Infelizmente, teve de procurar uns arbustos ao lado da estrada para uma finalidade que não precisamos discutir aqui e temia que, no intervalo, a jovem se adiantasse. Observou um velho monge budista que se aproximava e o interrompeu dizendo: "Por favor, Honrado Mestre, viu por acaso uma jovem muito bela andando por este caminho?" "Isto não posso responder. Fui treinado na plenitude mental correta e, por isso mesmo, posso apenas dizer-lhe que um conjunto de ossos passou por mim há algum tempo. Se era homem ou mulher, não sei, porque não me interessava saber."

O lama deu uma risadinha e prosseguiu:

— Isso era a plenitude mental correta levada além dos limites razoáveis, levada, de fato, a uma extensão absurda. Não obstante, prossigamos com um assunto que é muito mal interpretado.

Continuou dizendo que a Senda Óctupla visava a um objetivo, um objetivo segundo o qual aqueles que a percorressem alcançariam o fim colimado, isto é, o Nirvana. O Nirvana, na verdade, significa a cessação das aspirações, o fim dos ressentimentos e da cobiça. A cessação da cobiça e de outros desejos corporais permitirá ao homem ou mulher alcançarem o estado de felicidade.

Nirvana significa libertação do corpo, libertação dos desejos sensuais e da glutoneria da carne. Não significa absolutamente a cessação de toda experiência nem tampouco de todo o conhecimento ou de toda vida. É incorreto dizer que o Nirvana significava viver no estado do nada. Isto é um erro perpetrado por ignorantes que discutem assuntos que não compreendem.

O Nirvana é libertação do desejo sensual, libertação dos vários anelos da carne. Não é apenas contemplação bem-aventurada. É, em vez disso, realização do conhecimento espiritual e libertação de todos os desejos corporais. Estar no Nirvana é estar em estado puro, puro no que interessa aos desejos sensuais de coisas físicas. Mas, mesmo quando o homem alcança o Nirvana, isto é, a libertação de todos os desejos da carne, ele continua ainda a aprender coisas espirituais e a progredir em outros planos da existência.

Os budistas acreditam na Roda das Reencarnações. Julgam que a humanidade nasce, vive e morre na terra, volta em um corpo diferente e renasce para que as lições não aprendidas na vida passada possam ser assimiladas.

O Nirvana não é um lugar que se possa localizar em um mapa. É um estado de espírito, uma condição da mente. É a condição de ser ponderado. A ponderação é uma das principais virtudes do bom budista, que abomina a irresponsabilidade

mental.

O Nirvana não significa perda de consciência pessoal, cessação da vida na terra, mas justamente o contrário. Há ainda um outro Nirvana, denominado na língua indiana de Parinirvana.

— O bom budista — prosseguiu o mestre lama — é realmente uma pessoa feliz, interessado em ajudar ao próximo, um indivíduo que nele pensa. O bom budista não respeita ou reconhece os títulos e castas existentes em países como a Índia, pois homem algum alcança o estado de felicidade graças à situação do país. O príncipe poderá ser infeliz, e o mendigo, feliz. O nascimento não mostra ao homem como vencer o sofrimento e o estado da bolsa do pai tampouco tem algo a ver com a dor. A única maneira de libertar-se dos desejos nocivos consiste em seguir a prática Senda Óctupla que proporciona autoconhecimento. Quando o homem o possui, alcança a felicidade duradoura.

O lama fitou-nos um a um e prosseguiu:

— Suponho que vocês pensam que nós, os budistas, possuímos o maior número de fiéis entre todas as religiões do mundo e que somos os mais importantes. Isso não é correto porque atualmente apenas um quinto da população do mundo é constituído de budistas. Há budistas na Tailândia, Ceilão, Birmânia, China, Japão, Coreia, Tibete, e certo número na Índia. Há numerosas formas de budismo e todas elas dimanam da mesma forma. Por isso mesmo, é claro que não deve haver atrito entre nós, descendentes que somos dos mesmos pais. Podemos, cada um de nós, pensar à nossa própria maneira. Mais tarde, em nossas aulas, trataremos dos usos da religião, mas, no momento, quero que vocês recitem os "Refúgios".

Os Três Refúgios
Refugio-me no Buda
Refugio-me na Doutrina
Refugio-me na Ordem.

E advertiu:

— Vocês, rapazes, devem recitar essas palavras pela manhã e antes de adormecer, à noite. É preciso que as palavras fiquem gravadas no subconsciente. Podem considerá-las uma simbolização da Grande Renúncia praticada pelo Fundador do Budismo ao deixar o palácio familiar e envergar o manto de monge.

— Vocês — continuou — renunciarão às atrações da carne. Serão treinados para se tornarem jovens de bom caráter, boa conduta, pensamentos puros, pois nos

dias que se abaterão sobre o nosso país, dias de tristeza, de mal ofuscante, coisas terríveis acontecerão em nosso amado e feliz país e será necessário que os jovens de bom caráter se aventurem naquilo que, para nós, é o grande desconhecido, e mantenham viva a nossa cultura. Por isso mesmo, devem vocês, desta geração, estudar e purificar-se, pois nós, os da geração mais antiga, não poderemos acompanhá-los.

Disse-nos ainda:

— Em suas viagens, vocês encontrarão numerosos zen-budistas. Vocês se perguntarão se a austeridade deles é necessária, pois, para os zen-budistas, os que ensinam, e tudo o que ensinam — tais como livros ou as escrituras — constituem apenas indicadores, um dedo estendido, apontando a Senda que o homem deve palmilhar. Pensem nas pessoas que veem quando olharem destas alturas, nos peregrinos que percorrem a Estrada do Círculo. Observem como os guias ou os ciganos apontam para as coisas, como um de nós aqui nas janelas, como os olhos do peregrino orientam-se invariavelmente para o dedo e não para o objeto que ele indica. É um fato que os ignorantes olham sempre para o dedo e não para a direção que o dedo indica. Trata-se de fato bem conhecido da seita budista que veio a ser conhecida como. zen-budismo. Acreditam eles que o homem pode descobrir a verdade somente experimentando-a. A verdade não seria descoberta ouvindo-se a palavra falada nem lendo-se a página impressa. O homem tiraria proveito apenas da experiência pessoal.

O homem é ordenado a ler, a estudar as Escrituras e a ouvir com atenção as palestras cultas dos homens sábios. As palavras impressas e escritas devem servir meramente como combustível para o funcionamento da mente, de modo que aquilo que se experimenta possa ser relacionado com as Grandes Verdades expostas pelos demais. — Ele sorriu e continuou: — Tudo isto significa que vocês não irão muito longe caso se tornem apenas teóricos. Vocês devem ser simultaneamente práticos e estudiosos da palavra escrita. Foi dito que um desenho vale mais do que mil palavras, e eu digo que a experiência vale mais do que mil desenhos.

Hesitou por um momento, voltou-se e olhou para fora da janela. Meu coração bateu agitadamente, pois pensei que ele talvez pudesse ver o meu Guia, o Lama Mingyar Dondup, de volta da Lamaseria da Cerca Rosada. Mas não, simplesmente voltou a encarar-nos e disse:

Vou dizer-lhe algo que, sem dúvida, os chocará e leva-los-á a pensar que os zen-budistas são selvagens sem cultura, e selvagens sacrílegos, além do mais! Há algum tempo vivia no Japão um famoso Mestre, um homem respeitado pelos seus altos ideais, profundos conhecimentos e maneira austera de viver. Estudantes vinham de

todo o mundo oriental para se curvarem aos pés do mestre e estudar com ele. Certa ocasião, pronunciava uma palestra muito especial em um dos templos cerimoniais, um templo adornado por numerosas estátuas dos Mil Budas, estátuas habilmente esculpidas em madeiras raras e exóticas. O Mestre atraíra a atenção extasiada dos alunos. Subitamente, parou no meio da conferência. Os alunos prenderam a respiração perguntando-se o que iria dizer, porque ele tinha, merecidamente, a reputação de muito excêntrico.

O sábio afastou-se para um dos lados apanhou o Buda de madeira mais próximo e o atirou ao fogo. Os estudantes levantaram-se horrorizados. Durante um momento houve um ruído de conversações, protestos, mãos agitadas, e arrastar de pés. O sábio, porém, permaneceu calmamente em pé com as costas voltadas contra o fogo, contra a estátua em chamas do Buda. Cessada a agitação, disse que todos os homens tinham estátuas na mente, punham ornamentos, ídolos e coisas inúteis na mente da mesma maneira que inúteis ídolos de madeira atravancavam os templos. E disse que a única maneira de progredir é queimar completamente o amontoado de coisas desnecessárias, destruir tudo o que impede o progresso. O Grande Mestre voltou-se e esfregou um dedo sobre um dos Budas mais altos. Voltou a fitar a classe e disse:

Eis aqui pó, pó sobre um Buda, mas isto não é tão mau como o pó sobre a mente. Derrubemos as imagens esculpidas, as falsas ideias que vivem dentro de nós, pois a menos que coloquemos em ordem a mente, como quem limpa um pátio sujo, não poderemos progredir e alcançar os recessos mais altos da Senda.

O nosso Mestre lama riu abertamente diante de nossas expressões atordoadas e continuou:

— Oh! Vocês são realmente conservadores! Esperem até conhecer outras lamaserias, até conhecerem outras pessoas. Descobrirão que alguns não veem utilidade nos ensinamentos da religião, que outros lavam a boca antes de pronunciar o nome de Buda para que elas estejam limpas antes de emitirem o nome sagrado. Mas esses são os extremados, os que fazem um fetiche da religião e que não querem saber dela. A religião é uma disciplina útil apenas se o homem usar o bom-senso, a moderação, e trilhar o Caminho do Meio. Nesse caso, a religião pode solucionar todos os problemas do homem.

Não sei, mas suponho que devo ter soltado um grunhido ou feito algum gesto que lhe atraiu a atenção, pois ele hesitou um momento e depois encaminhou-se lentamente em minha direção, parou diante de mim e fitou-me.

— Lobsang — disse ele — você parece muito perturbado. Você teve hoje uma experiência difícil. MUITO difícil. Mas, pela sua expressão, estou certo de que algo

mais o preocupa além daquilo. Estou certo de que é ainda mais sério do que o fato de o seu Guia não ter retornado e de não retornar hoje. Conte-me o que é.

Desejei que o chão se abrisse, me engolisse e me levasse até uma das câmaras vulcânicas, pois teria de admitir que estivera pensando em coisas bem estranhas. Para não medir palavras, estava profundamente enjoado da maneira como era obrigado a viver. Era agora, talvez, a ocasião de desabafar. Melhor acabar logo!

— Honrado Mestre — respondia com certo receio — é exato que estou insatisfeito. Minha mente está em conflito, meus pensamentos estão agitados, pois estou sendo obrigado a tomar um curso de ação que não está absolutamente de acordo com os meus próprios desejos. Sinto-me profundamente perturbado. Quando estive no telhado Dourado, lutando contra o vento, pensando na morte que me aguardava, senti-me satisfeito porque pensei que a morte poria fim a todos os meus problemas.

O Mestre lama olhou-me com simpatia. Envolveu-se mais no manto e sentou-se ao meu lado, cruzando as pernas na postura de lótus.

— Lobsang! — disse. — Vamos discutir o problema e eu sugiro que o discutamos com a classe porque não tenho dúvida de que muitos jovens aqui ficam similarmente preocupadas numa ou noutra ocasião. Estou na Potala há muito tempo e talvez os problemas que vocês têm hoje tenham sido os meus há longo tempo.

— Honrado Mestre — repliquei. — Não tenho alternativa. Fui forçado a deixar o meu abastado lar. Fui expulso pelos meus pais, pessoas realmente poderosas. Disseram-me que devia ser educado na vida monástica. E porque descendia de uma família importante, tive de suportar mais provas e tribulações do que se fosse de uma família inferior. Fui obrigado a aprender mais, a sofrer mais. Minha perna foi queimada até o osso sem culpa minha. Ambas as pernas foram quebradas quando a tempestade me lançou montanha abaixo, mas, embora eu mal possa me arrastar e sofra dores constantes, sou obrigado a frequentar as aulas. Ora, Honrado Mestre, eu jamais quis ser um monge. Mas não tive escolha e fui forçado a levar esta vida. A religião nada me oferece.

O lama olhou-me cheio de compreensão e respondeu:

— Mas, Lobsang, você está ainda no começo. A religião lhe oferecerá muito quando você compreender o que é o Caminho do Meio e as regras desta e da outra vida. Você, então, tornar-se-á tranquilo e compreenderá o que a vida realmente é. Mas, nesta fase, o que quer ser?

— Lá no Telhado Dourado vi um barqueiro no Rio Feliz. Como é livre aquela

vida, como é agradável remar para frente e para trás em um rio que todos amam, conhecer pessoas interessantes, pessoas que vêm e vão à Índia e à China, que atravessam as montanhas e voltam depois com estranhos conhecimentos e estranhos artefatos. Eu… eu sou apenas um rapaz preso aqui, sujeito à disciplina, impossibilitado de fazer o que quero, obrigado sempre a obedecer às ordens, aprender sempre coisas que não me interessam, informado a todo o instante de que minha vida será difícil, e que estou estudando para certa finalidade, que vou desempenhar uma missão especial. — Parei um momento, enxuguei o suor da fronte e continuei: — POR QUE devo sofrer sempre tanto?

O Mestre colocou a mão no meu ombro e explicou:

— A vida é como uma sala de aula. Vocês chegam, alguns relutantes; outros, satisfeitos, mas todos vêm para aprender algo e aprender no seu próprio ritmo, pois ninguém, nenhum mestre, pode forçar o desenvolvimento da pessoa. Fazê-lo, levá-lo-ia a conhecimento imperfeito. Vocês devem progredir às suas próprias velocidades, lenta ou velozmente segundo suas capacidades e desejos de conhecimento. A vida é como uma sala de aula. Vocês ingressam na vida como ingressam nesta sala. Mas, quando deixarem esta sala dentro de alguns minutos, será a mesma coisa que morrer para esta vida, morrer para esta sala de aula. Talvez amanhã vocês se dirijam a outra sala, o que é a mesma coisa que renascer em um novo corpo, em condições e circunstâncias diferentes. Vocês não sabem o que o mestre vai ensinar-lhes e por que, mas, no futuro, quando vocês penetrarem no grande mundo além da cordilheira, descobrirão que as coisas que aprenderam nesta e em outras salas de aula os ajudarão enormemente de forma que atualmente vocês não podem ainda compreender.

— É isso que o meu Guia, o Lama Mingyar Dondup, sempre me diz. — Repliquei. — Mas ainda não sei como reconciliar-me em fazer algo que me torna infeliz.

O mestre olhou em volta para ver o que os outros garotos faziam. Todos estavam atentos, interessados, pois pareciam ter problemas idênticos aos meus. Nós todos havíamos sido postos em lamaserias contra a vontade e, no meu próprio caso, eu ingressara numa delas à idade de sete anos. Os rapazes escutavam. Parecíamos, de fato, pessoas que tenteiam na escuridão total, alimentando a esperança de encontrar um raio de sol que as guie.

O Mestre continuou:

— Vocês devem decidir que caminhos seguirão. Você, Lobsang, pode ficar aqui e transformar-se em um monge, ou partir e ser barqueiro, fabricante de pipas ou viajante além das montanhas. Mas vocês não podem ser todas essas coisas ao mesmo

tempo. Devem decidir o que querem ser. Se querem ser barqueiros, deixem agora a lamaseria e não pensem mais nela, não pensem em serem monges, pensem apenas em serem barqueiros. Mas, se você, Lobsang, vai ser monge — o que é realmente o seu destino — então esqueça tudo a respeito de ser barqueiro, dedique todos os seus pensamentos a ser monge, devote todos os seus pensamentos ao estudo para ser um bom monge. E quanto mais pensar em ser um bom monge, mais fácil será.

Um dos rapazes interrompeu, dizendo excitadamente:

— Mas Honrado Mestre, eu também fui obrigado a entrar na lamaseria contra os meus desejos. Eu queria morar no Nepal porque pensei que lá seria mais feliz.

O nosso Mestre adotou uma expressão bem séria e deu-nos a impressão de que se tratava de assunto de extrema importância e não das fantasias ociosas de garotos que não sabiam o que estavam dizendo. Replicou gravemente:

— Mas você conhece bem o povo nepalês? Teve alguma experiência real com ele além de uns poucos contatos com pessoas dessa nacionalidade? Conhece os tipos inferiores do povo nepalês? E, caso contrário, se não o visitou frequentemente, você não pode saber se gostaria dele. Digo que se você quiser ficar aqui no Tibete, deve dedicar ao Tibete todos os seus pensamentos. Mas, se quiser ir para o Nepal, deixe agora o Tibete e siga para o Nepal e não pense mais no Tibete, pois, quando dividimos os pensamentos dividimos as forças. Teremos ou uma boa torrente de pensamentos, ou de força, ou gotas de chuvas espalhadas, que cobrem uma grande área, mas sem força alguma. Você deve decidir o que quer fazer, o que quer ser e, tendo decidido, concentrar-se de corpo e alma e com a mente focalizada naquilo que quer. Isto porque, se você decidir seguir para o Nepal com metade de sua mente e a outra metade decidir ficar no Tibete, ficará indeciso permanentemente, preocupar-se-á sempre e em tempo algum terá paz de espírito ou tranquilidade. Temos no pensamento uma das maiores forças do mundo, uma das grandes Leis, que jamais deverão esquecer. Divida o inimigo e poderá dominá-lo; permaneça unido em si e poderá derrotar o inimigo dividido. O inimigo pode muito bem ser a indecisão, o temor e a incerteza.

Entreolhamo-nos e pensamos como esse Mestre nos entendia. Era também muito melhor conversar com um homem com quem podíamos dialogar e que nos respondia, e não simplesmente monologava. Pensamos no Mestre Indiano, tão metido a superior.

— Honrado Mestre! — disse eu. — Tenho uma pergunta a fazer: por que alguns lamas são tão cruéis e outros são tão compreensivos e bondosos?

O Mestre sorriu um pouco e respondeu:

— Bem, Lobsang, está muito tarde para investigar esses assuntos tão complicados. Mas eu prometo que nós os investigaremos e trataremos também dos usos e abusos das religiões. Mas acho que já fizemos muito para um único dia e que é tempo de cada um cuidar de suas obrigações. — Levantou-se e os rapazes o acompanharam. O lama, vendo que eu estava em dificuldade, inclinou-se, pôs um braço em volta de mim, e ajudou-me tão fácil e calmamente como se tivesse feito isso todos os dias da vida.

— Andem, rapazes, — alertou ele. — De outra maneira, vocês tropeçarão e cairão na escuridão dos corredores. E nós não queremos mais pessoas com pernas quebradas.

Os rapazes saíram rapidamente, felizes porque haviam terminado mais cedo do que habitualmente. O lama voltou-se para mim antes de sair e disse:

— Lobsang, o seu Guia voltará pela manhã. Duvido que o veja até à tarde ou mesmo até à noite porque ele terá de fazer um relatório especial ao Mais Sagrado e aos membros do Conselho Superior. Mas ele disse numa mensagem que pensa em você e o Mais Sagrado enviou-lhe outra dizendo que estava satisfeito com você. E, Lobsang, o seu Guia tem algo para você.

Com essas palavras, deu-me uma palmadinha no ombro e partiu. Fiquei por um momento ou dois perguntando-me por que o Mais Sagrado estava satisfeito comigo, tão combalido e ferido, quando, aos olhos dos demais, eu causara apenas dificuldades. E perguntei-me também o que o meu amado Guia teria para mim. Mal podia pensar no assunto, pois jamais em minha vida recebera um presente. Voltei-me e saí rigidamente da sala no exato momento em que entrava o monge-varredor. Ele me cumprimentou cordialmente e perguntou bondosamente pela minha perna. Disse-lhe que estava sarando lentamente. Ele respondeu:

— Eu estava varrendo as salas dos lamas hoje e ouvi-os dizer que você está destinado a fazer grandes coisas. Ouvi-os dizer que o Santíssimo está muito satisfeito com você.

Trocamos mais algumas palavras, ajudei o velho a acender as lâmpadas de manteiga e iniciei a descida, ultrapassando relutantemente o corredor que conduzia às cozinhas e penetrando, em vez disso, em um dos pequenos templos. Eu queria ficar sozinho, pensar, meditar sobre o passado e contemplar o futuro.

Nas Lamaserias os acólitos têm muito pouca vida privada — ou, mais exatamente, os *chelas*, que é a palavra budista — e, se nos afligiam dor e problemas, o único lugar onde podíamos ficar a sós era um dos pequenos templos. Ficávamos atrás de uma das grandes Figuras Sagradas, onde ninguém nos perturbava. Desci,

portanto, e entrei em um templo mal iluminado, onde as lâmpadas queimavam irregularmente, indicando que alguém havia misturado com a manteiga. As lâmpadas crepitavam e desprendiam nuvens de fumaça preta que deixavam marcas sobre as paredes.

Continuei, passei pelas queimaduras de incenso que brilhavam sem chama, dirigi-me à minha estátua favorita e sentei-me à sua sombra. Ao sentar, ouvi um "Urrah, Urrah", uma cordial cabeça preta bateu-me nas costas e grandes pés peludos abriram caminho até o meu regaço. O gato continuou a ronronar cada vez mais alto.

Durante alguns momentos brinquei com o velho gato, esfregando-lhe o pelo, puxando-lhe a cauda e torcendo-lhe as orelhas, enquanto ele ronronava ainda mais alto. Subitamente, como uma luz que se apaga, a cabeça pendeu e ele adormeceu no meu colo. Cruzei as mãos e pensei em todos os incidentes e dificuldades da vida. Ponderei sobre o presente e pensei como era fácil às pessoas dizerem lugares-comuns sobre a religião e recitar as Regras do Correto Viver. Mas não era tão fácil, quando se era um garoto e se fora forçado a aceitar uma carreira sem a menor inclinação ou desejo. Assim pensando, devo ter caído no sono, sentado, como fazíamos frequentemente. O velho gato dormia, eu dormia, e o tempo passava. As sombras longas do lado de fora tornaram-se mais e mais escuras, o sol terminou seu percurso pelo céu e desapareceu. Pouco depois, sobre a barra das montanhas espiou a face da Lua prateada e todas as janelas de Lhasa mostraram o brilho das lâmpadas de manteiga. Eu e o velho gato dormíamos à sombra da Figura Sagrada.

7

Um sussurro profundo e arrastado penetrou-me na mente adormecida. Muito próximo de mim uma poderosa força mental estava sendo vertida no ar receptivo. Meus poderes telepáticos despertaram. Levantei a cabeça pendente e cansadamente abri as pálpebras. Meu Deus! Como estava cansado! Uma pequena agitação no meu colo e uma boca carinhosa mordeu-me afetuosamente a mão. "Aurragh! Mnirrno! miou o velho Gato Guardião, e fitou-me com profunda compreensão. A luz bruxuleante das lâmpadas de manteiga refletiam um vermelho-sangue de olhos que eram da cor do céu durante o dia. Suavemente, tão suavemente que somente percebi quando ele partiu, o gato deslizou do meu colo e confundiu-se com as sombras palpáveis.

Oh! Como minhas pernas estavam rígidas. Os ossos mal curados doíam como se estivessem estalando. A profunda cicatriz da queimadura dava a impressão de que cairia da carne e deixaria novamente aberta a ferida. Ondas de dor subiram-me pelos membros e apertaram-me a espinha com garras ferozes, ameaçando arrancar-me as costelas de seus encaixes. Fiquei imóvel, com a respiração ofegante. Passando os espasmos, pouco a pouco, olhei cautelosamente em volta de mim. Na profunda sombra púrpura da Sagrada Figura eu via sem ser visto.

As janelas silhuetavam-se como retângulos escuros contra a parede de sombras dançantes. Através dos caixilhos sem vidro, vi o céu noturno tão preto como uma mortalha do mais macio veludo, pontilhando de brilhantes joias de luz. Pontos de diamantes, rubis e turquesas piscavam e rodopiavam no céu. Aqui, no alto e rarefeito ar do Tibete, as estrelas são vistas em cores, e não como os pontos brancos de luz nas regiões mais baixas do mundo. Não havia aqui nuvens rolantes de fumaça para desfigurar a pureza e obscurecer a grandeza dos céus. Marte era vermelho — um rubi-pálido, Vénus, verde, enquanto o pequeno ponto de Mercúrio parecia um fragmento de turquesa. Pequenos pontos de pó de diamante finamente moído estendiam-se numa faixa tão longa quanto alcançava a vista. Hoje não havia lua para competir com a fraca luz das estrelas e ocultá-las.

Sobre as paredes, as sombras saltavam e tomavam posição, ora como figuras de

gigantes que se estendiam até o telhado, ora como anões entroncados a mover-se desordenadamente pelo chão. À esquerda, perto de mim, uma lâmpada de manteiga danificada. Da parte inferior pingava no chão um "gluck-gluck" de manteiga derretida. Contra a parede distante, ao lado da janela, uma *tanka* adejava, quase como se fosse uma libélula esforçando-se para alcançar as chamas bruxuleantes. Tilintava ligeiramente ao se afastar da parede, vibrava e recuava, como se exausta, apenas para repetir tudo novamente. Durante um momento, senti uma espécie de vertigem. Acordara subitamente e agora, olhando em volta, fiquei bastante confuso com as sombras que se moviam, contorciam-se e revoluteavam e com as diferentes cadências das vozes do lado oposto da Figura Sagrada. Levantei os olhos até a cabeça da grande figura atrás da qual me agachava. Por um momento senti pânico, pensando que a figura caía e que iria esmagar-me. Os contornos vacilaram e preparei-me para atirar-me para os lados, por mais feridas que estivessem as minhas pernas. Subitamente, porém — e eu quase ri alto — vi que tudo era uma ilusão óptica provocada pelo adejar das sombras.

A dor diminuíra um pouco. De quatro, rastejei silenciosamente em volta da figura e observei uma das partes internas do templo. Jamais assistira antes um serviço neste templo. Nós, rapazes, éramos rigidamente excluídos. Em nosso caso, frequentávamos o templo principal, ou um dos mais comuns entre os menores. Eu não sabia o que era este, porém, escavado na rocha muito abaixo da estrutura feita pelo homem, e o que eles faziam aqui. Cautelosamente, enrolando o manto na cintura para não tropeçar, adiantei-me vagarosamente e olhei em volta.

Interessante, pensei. Diante de mim, postavam-se nove lamas, vestidos com mantos cor-de-açafrão, voltados para o centro do círculo. No centro, sobre uma base caprichosamente ornamentada havia algo. Algo que não podia distinguir claramente. Parecia haver algo lá, mas, ao mesmo tempo, nada também. Senti um calafrio e o meu cabelo raspado esticou-se como guardas numa parada, pois os dedos gelados de medo se estenderam e me alcançaram, despertando-me a vontade de fugir. Pensei que sobre a plataforma esculpida havia uma criatura do mundo das sombras, uma criatura sem existência real neste nosso mundo e dificilmente no outro mundo de onde viera. Olhei fixamente.

A coisa parecia ser um globo de alguma coisa, um globo de nada. Aparentemente, não possuía forma, mas ondulava o que quer que estivesse ali. Senti vontade de aproximar-me e espiar sobre a cabeça de um dos lamas, mas certamente seria descoberto. Fiquei, portanto, sentado onde me encontrava, esfreguei os olhos para afugentar o sono, tentando torná-los mais alerta, procurando ver melhor na escuridão e na atmosfera nevoenta. Convencido de que fizera o possível com os

olhos, agachei-me sobre mãos e joelhos e pus-me a observar, mudando de posição ligeiramente para obter melhor visão entre os ombros de dois lamas.

Vi — e isto me ocorreu subitamente — que a coisa era uma enorme rocha de cristal, sem jaça, perfeita. Repousava sobre uma base esculpida e atraía a atenção dos lamas, que se sentavam quase em adoração diante dela. Eles a olhavam firmemente, mas, ainda, assim, não tão fixamente a ponto de atrair-lhe os olhos físicos, parecendo, ao contrário, ser um caso de emprego da terceira visão. Bem, pensei, eu também sou clarividente. Não olhei mais com os olhos físicos. Usei minhas faculdades clarividentes. No cristal vi cores, redemoinhos, vórtices e uma turbulência esfumaçada. Espantosamente, terrivelmente, senti-me cair, cair de uma altura imensa, do topo do mundo às profundezas de um abismo. Mas, não, não era um abismo, e, sim, um mundo que se estendia à minha frente, um mundo de diferentes cores e padrões. Notei, como se estivesse numa pequena elevação, pessoas vagueando em estado de total miséria, tristeza, e, algumas, em estado de dor intensa. Eram almas perdidas, sem orientação, procurando descobrir um meio que as libertasse de suas provações.

Extasiado, como se estivesse numa elevação banhada de sol em um mundo diferente, ouvi o sussurro da cantoria dos lamas. Amiúde, um deles estendia a mão e agitava uma campainha de prata. Outro, em frente, fazia o mesmo, produzindo um tom diferente. Continuavam assim o canto, a música subindo e descendo a escala, não em notas de *stacato* como em outras partes do mundo, mas em *glissandos*, com uma nota se confundindo com a outra, fundindo-se em acordes que ecoavam pelas paredes, reverberavam e criavam acordes próprios.

O líder do grupo bateu palmas. O lama ao seu lado tocou uma campainha e o terceiro elevou a voz no canto ritualístico. "Oh, Ouvi as Vozes de Nossas Almas". Assim continuaram, um após o outro, repetindo as *stanzas* antiquíssimas, de início um de cada vez e, em seguida, em uníssono, subindo e descendo a cadência das vozes, subindo e descendo. Senti deixar o templo e o meu próprio corpo. Em seguida, ouvi o conjunto das orações!

Oh, Ouvi as Vozes de Nossas Almas,
Todos vós que vos acovardais nos desertos, desprotegidos.
Ouvi as Vozes de nossas Almas
Para que possamos proteger os desprotegidos.
Quando a Primeira Vareta de Incenso for acesa e a fumaça subir
Deixai que se ergam as vossas Almas e a vossa Fé,

Para que sejais protegidos.
Oh, Ouvi as Vozes de nossas Almas,
Vós que vos encolheis de medo da noite.
Ouvi as Vozes de nossas Almas
Pois seremos como uma lanterna a brilhar nas trevas Para guiar os transviados viandantes.
Quando a Segunda Vareta de Incenso for acesa e brilhar com vida
Deixai que vossa Alma perceba a Luz que acendemos para que sejais guiados
Oh, Ouvi as Vozes de nossas Almas,
A nossa ajuda será como uma ponte através do abismo,
Para ajudar-vos a palmilhar o Caminho.
Quando a Terceira Vareta de Incenso for acesa e a fumaça subir
Deixai que a vossa Alma saia bravamente para a Luz
Oh! Ouvi as Vozes de nossas Almas,
Todos vós que desmaiais de cansaço da Vida.
Ouvi as Vozes de nossas Almas.
Pois vos trazemos repouso e para que, repousada, a vossa
Alma parta novamente.
Quando a Quarta Vareta de Incenso for acesa e a fumaça se evolar suavemente
Trazemo-vos repouso para que, repousado, possais erguer-vos, renovado.
Oh! Ouvi as Vozes de nossas Almas,
Todos vós que zombais das Santas Palavras.
Ouvi as Vozes de nossas Almas.
Trazemo-vos Paz!
Para que possais meditar sobre as Verdades Eternas.
Quando a Quinta Vareta de Incenso for acesa para perfumar a vida,
Abri a vossa mente para que possais SABER!

Morreu o som do canto. Um lama levantou a campainha e sacudiu-a suavemente. Os demais ergueram e agitaram suas campainhas. De início, soaram separadamente e, em seguida, de acordo com algum padrão pré-arranjado, juntas, formando uma configuração tonal especial que ecoou e reverberou, variando de timbre e intensidade. Os lamas continuaram no sussurro profundo, repetindo: "Oh! Ouvi as Vozes de Nossas Almas", tocando as campainhas, sussurrando novamente. O efeito era hipnótico, místico.

Continuei a fitar as pessoas em volta de mim — se é que estavam realmente em volta de mim! Estaria eu em algum outro mundo? Ou estaria simplesmente fitando um cristal? Senti a forte impressão de que estava em outro mundo onde a grama era mais verde, o céu mais azul, e onde as coisas se destacavam em nítido e vívido contraste. Havia, por exemplo, a grama verde sob meus pés — meu Deus, eu podia senti-la com os pés descalços! Sentia a umidade insinuando-se pelo manto nos lugares em que meus joelhos tocavam a terra. As mãos também, quando as esfreguei suavemente, pareciam sentir a grama e, talvez aqui e ali, uma ou outra pedra. Olhei em torno com ávido interesse. No primeiro plano notei grandes calhaus de pedra esverdeada, aqui e ali listrada de veias brancas. Outros calhaus tinham cores diferentes. Um deles que me atraiu especialmente era de uma tonalidade avermelhada, atravessado de faixas brancas. Mas o que mais me impressionou foi a maneira como tudo se destacava com total realidade, o modo como tudo parecia mais normal do que o normal, as cores mais brilhantes e os contornos mais nítidos.

Soprava uma brisa suave, que sentia na face esquerda, uma brisa ainda mais esquisita porque trazia estranhos perfumes e odores exóticos. A alguma distância vi algo que me pareceu uma abelha. Zumbiu, pousou e desapareceu no cálice de uma pequena flor que nascia na grama. Vi tudo isso sem estar consciente da passagem do tempo. Em seguida, fiquei alarmado, temeroso, porque um grupo compacto de pessoas caminhava em minha direção. Dirigiam-se para mim e eu estava mais ou menos no caminho por onde passariam. Olhei-as e senti que havia algo completamente errado. Algumas dessas pessoas eram idosas, apoiadas em bordões e se arrastavam descalças, vestidas de frangalhos. Outras eram obviamente homens ricos, mas que não demonstravam o ar geral de bem-estar habitualmente trazido pela prosperidade, pois uma coisa se destacava claramente nesses homens e mulheres — todos se sentiam miseráveis, amedrontados. O menor movimento fazia-os saltar e apertar as mãos contra o peito. Olhavam nervosamente em volta e nenhum deles parecia consciente do vizinho. Aparentemente, julgavam-se solitários, esquecidos, desolados e abandonados em algum estranho mundo.

Continuaram a caminho, cada um consciente apenas de sua própria existência, mas, ainda assim, andando em grupo, sem que ninguém se tocasse, totalmente ignorantes das presenças recíprocas. Vinham atraídos pelas vozes que eu, também, escutava: “Oh! Ouvi as Vozes de Nossas Almas, todos vós que andais perdidos”. O canto e o sussurro prosseguiram, e eles continuaram a chegar. Ao se avizinharem de um certo lugar — eu não podia ver o que estava realmente acontecendo — os rostos se iluminaram com uma espécie de júbilo sobrenatural, endireitaram-se como se tivessem recebido uma garantia e se sentissem melhor por isso. Desapareceram de

meu campo de visão. Subitamente, ouvi um ruído dissonante de campainhas e senti um golpe violento dentro de mim, como se alguém estivesse me puxando, como se eu fosse uma pipa presa a um barbante esticado que a tempestade tentava erguer mais ainda.

Observando a estranha paisagem, tive a impressão de que a noite caía. O céu escurecia e as cores se tornaram menos distintas. As coisas pareciam encolher. Encolher? De que modo podiam encolher? Mas, sem dúvida, encolhiam, e não apenas se tornavam menores, mas um nevoeiro, como as nuvens em cima, começava a cobrir a face daquele mundo. Enquanto meu olhar horrorizado assimilava a cena que diminuía cada vez mais, o nevoeiro transformou-se em escuras nuvens de trovoadas, raspadas de relâmpagos.

O mundo diminuiu cada vez mais e eu subia sempre e sempre. Olhando para baixo, podia vê-lo girando sob os meus pés. Concluí que, naturalmente, não estava girando sob os meus pés porque eu estava sobre as mãos e os joelhos no templo. Ou estava? Confuso e atordoado, mais uma vez senti aquela dura e terrível sacudidela, uma sacudidela que quase me arrancou os miolos da cabeça.

Estonteado, levantei a mão para esfregar os olhos. Olhei novamente e vi diante de mim o cristal, o cristal novamente, e não mais um mundo, apenas um cristal embotado e sem vida, destituído de qualquer ponto de luz em seu interior. Repousava na base esculpida como se fosse uma pedra, um ídolo, ou qualquer outra coisa, e não como o mais maravilhoso instrumento das maravilhosas experiências. Lentamente, um lama ergueu-se e retirou da base um pedaço de pano — algo como uma peça de veludo preto. Reverentemente, desdobrou o tecido, colocou-o sobre o cristal e embainhou as bordas. Fez três mesuras na direção do cristal e voltou a ocupar seu lugar. Ao fazê-lo, seu olhar espantado caiu sobre mim. Durante segundos, reinou um silêncio de espanto e choque. O próprio tempo parecia haver parado. Ouvi apenas o meu coração bater com um alto "thump!" e nada mais. Senti a impressão de que toda a natureza, todo o tempo, escutavam em silencioso suspense para ver o que aconteceria.

Houve um murmúrio entre os lamas. O mais próximo de mim ergueu-se e olhou-me de cima a baixo. Era o mais alto do grupo. Aos meus olhos aterrorizados, ele parecia mais alto do que a própria Potala. Daquela altura imensa começou a falar, quando outro lama me reconheceu:

— É o pupilo de Mingyar, Lobsang — disse bastante aliviado.

— O nosso garoto mais telepático. Traga-o aqui.

O lama gigante curvou-se, colocou as mãos sob meus pés e ergueu-me, pois, ao

ser informado de que eu era "o pupilo de Mingyar" lembrou-se de que eu não podia andar facilmente. Poupou-me, portanto, o trabalho. Conduziu-me ao círculo de lamas. Todos me olharam como se quisessem ver através e além de minha alma até as regiões que conduziam ao Eu Superior.

Eu estava bastante amedrontado pois não sabia se havia cometido um erro muito grave. Escolhera esse templo porque os outros estavam sempre congestionados de garotos não muito interessados na meditação. Eu estava. Mas o que era isso?

— Lobsang! — disse um pequeno e mirrado lama. — O que é que está fazendo aqui?

— Honrado Mestre! — respondi. — Há muito tempo tenho o hábito de procurar os pequenos templos quando quero meditar. Sento-me atrás de uma das Figuras Sagradas onde não perturbo quem esteja meditando. Eu não pensei espionar este serviço. Na verdade — eu estava bastante envergonhado — eu adormeci e somente acordei quando o serviço estava prestes a começar.

Mais à esquerda, a lâmpada de manteiga furada havia cessado o "splat splat!". Subitamente, ouvimos um curto silvo. O pavio flutuante, agora privado da manteiga líquida, expirou e extinguiu-se contra o metal. Durante segundos queimou sem chama vermelha, desprendendo um cheiro acre e rançoso. De fora do círculo veio o familiar som "Mrrou! Mrrou!" Majestosamente, o Amigo Gato abriu caminho entre dois lamas, dirigiu-se a mim com a cauda ereta e empurrou-me com a cabeça amiga. Estendi a mão trêmula e acariciei-lhe o pelo. O gato virou-se para mim, deu-me outra cabeçada, disse "Aaarrah!" e comedidamente afastou-se, abrindo caminho entre dois outros lamas. Os lamas entreolharam-se e um ligeiro sorriso perpassou-lhe pelos lábios.

— Vemos que o nosso guardião o conhece bem, Lobsang! Ele se referiu elogiosamente a você, assegurou-lhe sua devoção e disse-nos que você havia contado a verdade.

O silêncio persistiu por alguns momentos. Um dos lamas mais jovens virou a cabeça e viu o gato afastar-se orgulhosamente. Deu uma risadinha e encarou o grupo. O lama velho e enrugado, que parecia ser o mais antigo do grupo e que dirigira o serviço, olhou-me, fitou cada um dos colegas, e observou:

— Sim, lembro-me. Este é o rapaz que deverá receber instrução especial. Estávamos esperando pela volta de seu Guia antes de convocá-lo a vir até aqui, mas, já que está entre nós, examinemos suas experiências e capacidade para que possamos avaliá-lo sem a influência do seu poderoso Guia.

Houve um murmúrio de concordância e sugestões em voz baixa que, muito confuso, não pude distinguir. Todos eles eram lamas altamente telepáticos, grandes clarividentes, os homens que ajudavam ao próximo. Eu estava agora entre eles, tremendo de medo, é verdade, mas ainda assim sentado em seu meio. Um deles voltou-se para mim e disse.

— Lobsang, muito ouvimos a seu respeito, sobre os seus poderes inatos, possibilidades e futuro. Na verdade, fomos nós que investigamos o Registro das Probabilidades a fim de descobrir o que aconteceria no seu caso. Diga-nos, está disposto a sofrer algumas provações para que possamos avaliar a extensão dos seus poderes? Desejamos levá-lo em viagem ao astral e ao mundo abaixo do astral. Desejamos levá-lo como um fantasma através de nossa Potala.

Olhei-o dubiamente. Levar? Será que pensavam que eu podia andar? Podia arrastar-me pelos corredores, mas minhas pernas não estavam suficientemente boas para que me permitisse ANDAR com qualquer grau de confiança.

Hesitei, pensei um pouco no assunto, torci a bainha do manto. Repliquei, então!

— Honrados Mestres! Estou em suas mãos, mas sou obrigado a dizer-lhes que não posso andar muito bem em virtude dos meus acidentes. Mas, como deve fazer um bom monge, coloco-me à sua disposição esperando que o Meu Guia, o Lama Mingyar Dondup, aprove a minha decisão.

Ninguém riu, ou mesmo sorriu, ao que deve ter parecido uma declaração muito pomposa, pois era jovem e inexperiente e, afinal de contas, fazia o melhor que podia, e quem pode fazer mais do que o seu máximo?

— Lobsang, queremos que você se deite de bruços. É preciso que você fique nessa posição porque as suas pernas não permitirão que você tome a posição ortodoxa. Por isso mesmo, deve deitar-se de bruços.

O velho lama apanhou uma almofada e colocou-a cuidadosamente sob a minha cabeça. Em seguida, colocou minhas mãos com os dedos cruzados, de modo que elas, com os dedos enlaçados, ficassem situadas entre a extremidade do externo e o umbigo. Em seguida, tomaram novas decisões. Viraram o cristal para um lado, colocando-o reverentemente em um lugar que me passara despercebido anteriormente, na base da Figura Sagrada. Sentaram-se em volta de mim, de tal modo que a minha cabeça ficou no centro exato do círculo. Um dos lamas deixou o grupo e voltou com varetas de incenso e um braseiro. Quase caí em desgraça, pois espirrei quando a nuvem rastejante de fumaça passou pelo meu rosto e me fez cócegas nas narinas.

Estranhamente, meus olhos começaram a ficar pesados. Senti uma sensação de lassidão crescente. Os lamas, porém, ignoraram-me. Fitaram algum ponto acima de mim. Abri os olhos com um esforço e pude vê-los até o queixo, até às narinas. As cabeças, porém, estavam tão inclinadas para trás que não pude distinguir-lhes os olhos. Não, eles não olhavam para mim. Olhavam… para onde?

O incenso continuava a queimar produzindo um pequeno chiado que eu não notara antes. Subitamente, apertei ainda mais as mãos, pois o edifício parecia balançar. Ouvira falar em terremotos e pensei que a Potala estava sendo atingida por um deles. O pânico apossou-se de mim. Com grande esforço, consegui suprimi-lo pensando que desgraçaria o meu Guia se me levantasse e fugisse apavorado do templo, deixando os lamas placidamente sentados.

O balanço continuou e durante um momento senti-me quase enjoado. Pensei que estava flutuando, subindo, e vi uma das vigas do telhado a alguns centímetros da mão. Preguiçosamente, estendi a mão para proteger-me e, aterrorizado vi a mão atravessar a viga, sem sequer desmanchar a poeira que se depositara sobre a superfície.

Apavorado com a experiência, desci sem demora e pousei ao lado da Figura Sagrada. Rapidamente estendi a mão para apoiar-me. Mais uma vez, as mãos atravessaram a Figura Sagrada. As pernas, porém, estavam firmes e fortes e não senti dor ou incômodo. Voltei-me rapidamente — o grupo de lamas continuava no mesmo lugar. Mas, não! Um deles estava ausente. Vi-o ao meu lado, quase a tocar-me com a mão. Ele parecia brilhante, maior do que os outros.

Olhando a Figura Sagrada, pensei que, também, estava um pouco maior do que o meu tamanho normal. Mais uma vez, uma grande onda de medo formou-se dentro de mim e meu estômago deu uma reviravolta de pavor. O lama, porém, segurou-me o cotovelo, acalmando-me!

— Não há o que temer, Lobsang. Está tudo bem. Venha comigo.

Conduziu-me segurando-me o cotovelo. Cuidadosamente evitamos os lamas ainda sentados no círculo. Olhei para o centro, e não vi meu corpo. Nada havia. Cuidadosamente, apalpei-me e senti-me sólido. Disfarçadamente, estendi a mão e toquei o lama ao meu lado. Ele era sólido também. Ele percebeu o meu gesto e riu.

— Lobsang! Lobsang! O seu corpo está agora num estado inteiramente diferente. Somente os possuidores de grandes poderes ocultos, de capacidade nata, podem fazer uma coisa destas. Mas venha comigo.

Dirigimo-nos a um dos lados do templo. A parede aproximou-se cada vez mais. Soltei-me, tentei desviar-me, exclamando:

— Não. Vamos nos ferir se não pararmos. A parede é sólida! O lama voltou a segurar-me e ordenou:

— Vamos! Quando tiver mais experiência, descobrirá como isso é simples!

Caminhando atrás de mim, pôs as mãos entre as minhas espáduas. A parede erguia-se à nossa frente, uma sólida parede de pedra cinzenta. Empurrou-me e, no que me pareceu a sensação mais notável de minha vida, penetrei no muro de pedra. Senti a impressão de que todo o meu corpo formigava, como se milhões — bilhões — de bolhas saltassem contra mim. Não me impediram a passagem, apenas me fizeram cócegas, os meus cabelos se arrepiaram, e senti uma agradável comichão. Eu andava numa tempestade de areia. O pó, no entanto, não me feria, não incomodava absolutamente a meus olhos. Estendi a mão e tentei agarrar um pouco dela. A poeira, porém, passou através do meu corpo — ou eu passei através dela. Não sei ao certo. O lama deu uma risadinha e empurrou-me com um pouco mais de força. Atravessei diretamente a parede e cheguei ao corredor do outro lado. Um velho vinha andando com uma lâmpada de manteiga em cada mão, conduzindo ainda algo entre o cotovelo esquerdo e o corpo. Tentei evitar o contato com ele, mas era tarde demais. Imediatamente, procurei desculpar-me pela minha falta de modos, mas o velho continuou. Ele havia me atravessado de lado a lado ou eu o havia feito e nenhum de nós sentiu o contato, nenhum de nós teve a menor impressão de que passáramos exatamente um pelo outro.

Sob a direção do lama, percorremos o edifício, jamais perturbando a vida privada dos demais, recolhidos aos seus quartos. Visitamos, em vez disso, os depósitos e — percebi um comentário ou gesto algo cáustico de parte do lama, que me conhecia tão bem — a cozinha!

Vi o velho monge-cozinheiro repousando contra um grande recipiente de couro, cheio de cevada. Coçava-se e limpava os dentes com um palito. Frequentemente, voltava-se, cuspia num dos cantos e recomeçava a coçar-se e a palitar os dentes. Finalmente, enquanto o olhávamos, ele se voltou, deu um profundo suspiro e disse:

— Ai! Ai! Está novamente na hora de preparar a comida. Oh! Que vida esta, *tsampa*, *tsampa* e mais *tsampa* e todas essas pessoas esfomeadas para alimentar.

Continuamos a andar pelo edifício. As pernas não me incomodavam mais. Para ser exato, nem mesmo pensava nelas, pois não havia razão para fazê-lo — elas não me perturbavam. Tivemos todo o cuidado de não perturbar a vida privada dos demais. Percorremos tantos corredores quanto possível para não penetrar no espaço privado individual. Descemos profundamente até os depósitos. Do lado de fora, o meu velho amigo, o Honrado Gato, estirado ao comprido sobre o lombo. As suíças

lhe tremiam e as orelhas colavam-se, planas, à cabeça. Aproximamo-nos silenciosamente, segundo pensamos. Subitamente, porém, despertou, inteiramente alerta, levantou-se, com os pelos arrepiados e as presas expostas. Os nossos olhos se cruzaram, ele fitou o plano astral (o que todos os gatos podem fazer) e começou a ronronar ao me reconhecer. Tentei acariciá-lo, mas, naturalmente, minha mão passou através dele, numa experiência das mais notáveis, pois frequentemente alisava o Honrado Gato e jamais anteriormente a minha mão o atravessara. Ele pareceu tão divertido quanto eu constrangido. Deu-me uma cabeçada, que passou através de mim, para surpresa dele desta vez. Em seguida, afastou o assunto de sua mente, deitou-se e adormeceu novamente.

Durante longo tempo vagueamos através de paredes sólidas, elevamo-nos no ar através dos assoalhos. Finalmente, o lama disse:

— Desçamos novamente, pois já andamos bastante.

Segurou-me o braço e mergulhamos através do assoalho, saindo do teto em baixo. Continuamos a descer até chegar ao corredor em frente do templo. Mais uma vez aproximamo-nos da parede. Desta vez, porém, não hesitei e atravessei-a de lado a lado, desfrutando da sensação das bolhas que se encaminhavam para nós, da agradável comichão. No lado de dentro, os lamas continuavam organizados em círculo. O meu lama — o que me segurava pelo braço — disse-me que devia deitar-me na posição que ocupara inicialmente. Fiz o que ele me ordenava e instantaneamente adormeci.

8

Em algum lugar repicava um sino. Abafado inicialmente pela distância, o som subiu rapidamente de volume. CLANG! CLANG! Continuou. Estranho, pensei, um SINO? Deus meu, o sino batia em ritmo com as minhas pulsações. Durante momentos senti o pânico dominar-me. Será que dormira demais e me atrasara para o serviço no templo? Abri os olhos um tanto turvos e tentei descobrir onde estava. Mas era ESTRANHO! Não podia focalizar os olhos. Tudo que pude distinguir foram nove horríveis bolhas brancas pregadas na parte superior de faixas amarelas. O cérebro estalou-me com o esforço para raciocinar. Onde estava? O que acontecera? Caíra por acaso de um telhado, ou coisa assim? Sombriamente, senti dores penetrando-me na consciência.

Ah, sim! Tudo voltou em tropel e, com o conhecimento, a capacidade de focalizar os olhos e inspecionar o ambiente. Eu estava deitado de costas sobre um chão muito frio. A tigela havia deslizado para as costas do manto e suportava agora o meu peso. O saco de cevada — de couro duro — caíra para os lados e quase me quebrava as costelas esquerdas. Movi-me cautelosamente e encarei os nove lamas, sentados a observar-me. Eram as horríveis bolhas brancas presas às faixas da cor do açafrão! Tive a esperança de que não soubessem o que eu pensara.

— Lobsang, nós SABEMOS, — disse um deles, a sorrir. — Os seus pensamentos telepáticos eram muito claros sobre o assunto. Mas, levante-se, vagarosamente. Você se portou bem e justificou inteiramente as observações do seu Guia.

Cautelosamente, sentei-me, recebendo uma valente cabeçada nas costas, acompanhada de um alto ronronar. O velho gato fitou-me e tocou-me a mão num sinal de que queria que eu lhe afagasse o pelo. Preguiçosamente, o alisei enquanto recuperava a razão e me perguntava o que aconteceria em seguida.

— Bem, Lobsang, foi muito boa a experiência de deixar o corpo. — Disse o lama que me acompanhara. — Devemos tentá-la frequentemente para que você deixe o corpo com tanta facilidade como quando despe o manto.

— Mas Honrado Lama — disse eu, algo confuso — NÃO deixei o meu corpo

— eu o levei comigo.

O lama-guia olhou-me boquiaberto.

— O que é que você está dizendo?! — exclamou ele. — Você viajou, em espírito, comigo.

— Honrado Lama — respondi. — Eu me senti diferente. Mas, como o meu corpo não estava no chão, devo tê-lo levado comigo.

O velho e mirrado lama, o menor dos nove, sorriu e disse:

— Você está cometendo o erro comum, Lobsang, porque os sentidos ainda o confundem.

Fitei-o, sem compreender realmente o que estava dizendo. Parecia-me que ele estava fora de SEUS sentidos, pois, pensei, certamente eu devia saber se vira o meu corpo ou não; e, se não o vi, ele estivera lá. Suponho que, pela minha expressão descrente, compreenderam que eu não estava acreditando muito no que deixavam implícito. Outro lama fez um movimento, chamando-me a atenção.

— Vou dar-lhe uma versão do fato, Lobsang — disse ele — e quero que você escute atentamente, pois, embora o que eu vá dizer seja elementar, é assunto que ainda confunde muita gente. Você estava deitado no chão. E como esta era a sua primeira viagem astral consciente, nós o ajudamos, facilitamos a saída de sua forma astral da forma física e, porque isso foi feito por nós, que temos uma vida inteira de experiência, você não sentiu qualquer sacudidela ou perturbação. Por isso mesmo, é claro que você não tinha ideia de que estava fora do corpo.

Fitei-o e pensei no assunto. Está certo, pensei, eu não tinha ideia de que estava fora do corpo, ninguém dissera que eu iria deixá-lo. E se não me disseram o que esperar, de que modo poderia sentir que deixara o corpo? Mas, recordei-me de que olhara para baixo e não vira o corpo, como teria certamente de vê-lo, a menos que estivesse ainda no meu corpo. Sacudi a cabeça para soltar as teias de aranha. Achei que tudo isso estava ficando profundo demais para mim. Estivera fora do corpo, mas o corpo não estava lá, e se eu não estava lá, estivera em algum lugar, e por que não o vira nesse tal lugar? Exatamente nesse momento, o velho gato empurrou-me com a cabeça e começou a subir e a descer no meu regaço, enfiando as garras no meu manto, ronronando cada vez mais alto e lembrando-me de que eu devia tomar conhecimento também de sua presença. O lama que me falava riu e observou:

— Olhe aí! O velho gato está lhe dizendo que esfregue o cérebro para compreender!

Estendi os dedos e alisei as costas do gato. O ronronar aumentou de volume e o gato subitamente derreou-se ao comprido. O velho e grande gato estendeu-se com a

cabeça pendente de um dos lados do meu colo e as pernas do outro, com a cauda estirada no chão. Esses gatos eram maiores do que o tipo comum. Habitualmente, eram ferozes, mas todos pareciam reconhecer-me como um irmão ou coisa parecida, e eu era popular entre eles, como eram comigo.

O lama que me falara antes, recomeçou:

— Deixe-o onde está. Ele pode descansar no seu colo enquanto lhe falo. Talvez ele lhe dê uma boa sacudidela frequente para lembrar-lhe a prestar atenção. Bem! O homem vê o que espera ver. Frequentemente, não vê o que é mais óbvio. Por exemplo — ele me olhou fixamente — quantos varredores havia no corredor quando estávamos de regresso? Quem era o homem que varria o depósito de cevada? Se o Senhor Abade mandasse chamá-lo e lhe perguntasse se você havia visto alguém no corredor interno, o que lhe teria respondido? — Parou por um momento esperando alguma observação minha. Fitei-o, boquiaberto, segundo penso — e ele continuou: — Você responderia que não vira ninguém, porque as pessoas que se encontravam lá tinham todo o direito de lá estar, estavam sempre lá, e estariam tão apropriadamente no corredor que você nem mesmo as notaria. Por isso mesmo, você diria que não vira pessoa alguma.

Outro lama interrompeu, balançando sabiamente a cabeça e dando sua contribuição!

— Os monges-policiais encontram certas dificuldades quando fazem uma investigação. Perguntam se alguém viu algum estranho ou se alguma pessoa esteve em certo edifício e, invariavelmente, o zelador responde que não, que não viu ninguém. Não obstante, poderia ter havido grande número de pessoas, monges-policiais andando de um lado para o outro, talvez um ou dois lamas e até mesmo um mensageiro de outra lamaseria. Mas, justamente porque essas pessoas são tão comuns — isto é, porque era habitual a sua presença nas vizinhanças — os seus movimentos passarão despercebidos e, no tocante a serem observados, poderia muito bem ser invisíveis.

Um deles, que não havia falado ainda, inclinou a cabeça:

— Sim, é exatamente isso. Agora, pergunto-lhe, Lobsang, quantas vezes esteve neste templo? E, pela sua expressão há pouco tempo, você não havia nem mesmo visto a plataforma onde colocamos o cristal. A plataforma está aqui há cerca de duzentos anos, jamais saiu deste templo e, não obstante, parecia que você a vira pela primeira vez. Estava aqui antes, mas era comum para você e, por isso mesmo, invisível.

O lama que me acompanhara na viagem astral pela Potala sorriu e continuou:

— Você, Lobsang, não tinha a menor ideia do que estava ocorrendo. Não sabia que sairia do corpo e, por isso mesmo, não estava preparado para vê-lo. Em seguida, observou os lamas sentados em círculo e sua atenção evitou cuidadosamente o seu próprio corpo. Obtemos o mesmo efeito com o hipnotismo. Podemos hipnotizar uma pessoa e levá-la a acreditar que está sozinha numa sala. A pessoa hipnotizada observará tudo na sala, exceto a pessoa que compartilha do aposento com ela. O hipnotizado, ao despertar, juraria que esteve sozinho. Da mesma maneira, você, evitou cuidadosamente olhar para o lugar onde o seu corpo visivelmente estava. Em vez disso, olhou em torno do perímetro do círculo, em volta do templo, evitando o único lugar que pensou que queria ver.

A explicação fez-me realmente pensar. Ouvira algo parecido antes. Vira certa vez um velho monge que sofrera um grande ataque de enxaqueca. Conforme ele me explicou depois, não via as coisas presentes. Se olhava uma coisa diante dele, via apenas as coisas ao lado. Mas se olhasse para os lados, podia ver as coisas diante dele. Disse-me que era como olhar através de um par de tubos colocado sobre os olhos, como se estivesse usando antolhos.

Um lama — eu não conseguia distinguir um do outro naquela ocasião — tomou a palavra:

— O óbvio pode ser amiúde invisível porque, quanto mais comum e mais conhecido o objeto, menos visível se torna. Pense no caso do homem que traz a cevada: você o vê e não vê todos os dias. Ele é pessoa tão conhecida que se eu lhe perguntasse quem veio aqui esta manhã você responderia que ninguém, porque você não consideraria o entregador de cevada como uma pessoa, mas apenas como alguém que sempre faz certas coisas em determinadas ocasiões.

Parecia-me coisa notável que eu tivesse estado jazendo no chão, incapaz de ver o meu próprio corpo. Não obstante, ouvira tanto a respeito de hipnotismo e viagens astrais que aceitava piamente a explicação.

O lama velho e mirrado endereçou-me um sorriso e observou:

— Dentro de breve teremos de dar-lhe mais instrução específica para que você possa deixar o corpo facilmente em qualquer ocasião. Como todo mundo, você viaja no astral todas as noites, vai a lugares distantes e, em seguida, esquece tudo. Queremos mostrar-lhe, porém, que é fácil deixar o corpo em qualquer momento, fazer uma viagem astral e em seguida voltar e conservar inteiro conhecimento de tudo o que viu e fez. Se puder fazer isso, viajará até as grandes cidades do mundo e não ficará isolado aqui no Tibete. Adquirirá os conhecimentos de todas as culturas.

Matutei sobre o assunto. Perguntara-me frequentemente por que alguns dos

nossos lamas mais evoluídos pareciam dispor de todos os conhecimentos, pareciam ser Entes à parte, remotos à mesquinhez da vida diária, capazes de dizer o que ocorria em qualquer momento, em qualquer parte do nosso país. Lembrei-me de que certa ocasião o meu Guia e eu visitamos um homem muito idoso. Eu lhe fora apresentado e ficamos a conversar. Ou melhor, o meu Guia conversou enquanto eu escutava respeitosamente. Subitamente, o velho levantou a mão e disse: "Chamam-me." Como que se retirou e a vida, parecendo morto, uma casca vazia. Meu Guia permaneceu totalmente imóvel e fez-me sinal para permanecer parado e calado. Lá ficamos, sentados, com as mãos cruzadas no regaço, sem falar, sem nos mover. Examinei com profundo interesse o que parecia uma figura vazia. Durante dez ou talvez vinte minutos — era difícil calcular o tempo nessas circunstâncias — nada aconteceu. Logo, a cor da animação retornou ao velho. Finalmente, mexeu-se e abriu os olhos e — jamais esquecerei do fato — disse exatamente ao meu guia o que acontecera em Shigatse, um local muito distante. Ocorreu-me haver aí um sistema de comunicação muito melhor do que todos os notáveis dispositivos que ouvira dizer que existiam no mundo exterior.

Eu queria viajar no plano astral para toda parte, cruzar montanhas e oceanos e visitar terras estranhas. E esses homens, esses nove lamas, iam ensinar-me exatamente isso!

O velho gato bocejou, com os bigodes tremendo, levantou-se, espreguiçou-se, estirou-se tanto que pensei que ele ia partir-se ao meio. Em seguida, afastou-se, abriu arrogantemente caminho entre dois lamas e desapareceu na escuridão por trás de uma das Figuras Sagradas. O lama velho e mirrado tomou a palavra:

— Está na hora de interromper a sessão, porque não vamos ensinar Lobsang nesta ocasião. Tudo isto é puramente incidental. Cuidamos de nossos afazeres. Voltaremos a ver Lobsang quando o seu Guia voltar.

Outro lama voltou-se e fitou-me seriamente:

— Você terá de aprender cuidadosamente, Lobsang. Você terá muita coisa a fazer na vida, enfrentará dificuldades e sofrimento e viajará muito e frequentemente. Mas, no fim, você cumprirá a sua missão. Nós lhe daremos o treinamento básico.

Ergueram-se, apanharam o cristal, deixando a base, e saíram do templo.

Permaneci lá, pensando. Uma missão! Dificuldades? Eu sempre fora informado de que uma vida difícil me aguardava, que teria uma missão. Por que então haviam eles falado nisso? De qualquer modo, por que teria eu de desempenhar a missão, por que era sempre eu o que tinha de sofrer? Quanto mais ouvia falar no assunto, menos gostava. Mas eu queria realmente viajar no astral e ver as coisas que me haviam

contado. Levantei-me cuidadosamente, contorcendo-me de dores e murmurando palavras nada gentis à medida que a dor lanceava-me novamente as pernas. Senti alfinetadas e agulhadas, dor nas inchações e ferimentos provocados pelas quedas e mais dor entre as omoplatas, no lugar em que repousara sobre a tigela. Pensando nisso, enfiei a mão no manto e coloquei minhas posses nos lugares habituais. Com um olhar final em volta, preparei-me para deixar o templo.

Ao chegar à porta, fiz uma rápida meia-volta e dirigi-me para as bruxuleantes lâmpadas de manteiga. Soprei-as uma a uma, pois este era o meu dever, o último a sair. Tenteando na escuridão até a fraca luz que se filtrava pela porta, minhas narinas foram assaltadas pelo mau cheiro dos pavios em brasa. Em um dos cantos, vi a brasa vermelha de um pavio que se apagava.

Parei um momento à porta, pensando aonde iria. Tomei finalmente uma resolução e dirigi-me para a direita. A luz brilhante das estrelas derramava-se pelas janelas, dando às coisas uma aparência azul-prateada. Virei numa esquina do corredor e parei subitamente, pensando. Sim, naturalmente, eles tinham razão. Fiquei lá um momento, pensando. Ocorreu-me que, vezes sem conta, eu passara por um velho monge sentado numa pequena cela e, embora o visse todos os dias, nem mesmo o notava. Recuei talvez uns dez metros e olhei. Lá estava ele na pequena cela de pedra no fim do corredor, em frente das janelas. Cego, sempre sentado no chão, girava uma Roda de Orações — bastante grande, por falar nisso — girava, girava, girava sempre. Passando-se em frente dele, ouvia-se o eterno "click, click, click" da Roda. Hora após hora, dia após dia, lá ficava ele, acreditando ser a sua missão na vida girar a roda e era para isso que vivia. Nós que passávamos por lá tão frequentemente éramos imunes à Roda, estávamos tão acostumados com ela que nem víamos o velho monge e nem ouvíamos o "click".

Na escura entrada, fiquei pensando, enquanto a Roda girava e o velho sussurrava baixinho, "Om! Mani padmi hum! Om! Mani padmi hum!" A voz era áspera e os dedos pareciam torcidos e cheios de nós. Via-o indistintamente na escuridão. Ignorava-me completamente, girando e girando a Roda, como girara durante tantos anos, girando muito tempo antes de eu ter nascido. Quanto tempo mais a moveria? Perguntei-me. Mas o fato demonstrou-me que as pessoas tornavam-se invisíveis se fossem tão familiares que não tivéssemos de observá-las. Ocorreu-me também que os sons são silêncios quando a eles nos acostumamos.

Recordei-me de momentos em que ficara sozinho numa cela escura. Após algum tempo, ouvira o gorgolejar e o crepitar de sons corporais, o sangue a correr por veias e artérias. Notara depois o bater regular do coração. Minutos depois, igualmente, ouvira o ar ciciando através dos pulmões e, quando me movera, os

ligeiros estalos de músculos que puxavam os ossos para diferentes posições. Somos todos engenhocas barulhentas, pensei, mas ainda assim, quando outros sons nos atraem a atenção, simplesmente não ouvimos mais os que nos cercam constantemente e não nos perturbam.

Sobre uma única perna, cocei a cabeça. Pensei em seguida que a noite estava já muito adiantada e que, dentro em breve, soaria a chamada para o serviço de meia-noite. Não hesitei mais. Coloquei ambos os pés no chão, apertei mais o manto contra o corpo e subi o corredor em direção ao dormitório. Adormeci logo.

O sono, porém, não foi companheiro por muito tempo. Contorci-me, virei-me, mexi-me, gemi e pensei na Vida na lamaseria. Em volta de mim, os rapazes ofegavam e murmuravam no sono. O som dos roncos subia e descia no ar da noite. Um rapaz doente de adenoides fazia "globble-globble, globble-globble" até que, desesperado, levantei-me e virei-o para o outro lado. Deitado de costas, pensava e escutava. De alguma parte veio o monótono "click-click" de uma Roda de Oração movida incessantemente por algum monge para que as preces jamais cessassem. À distância ouvi o "clop-clop" abafado de um cavalo passando pelo caminho abaixo de nossa janela. A noite se arrastou. Parou o tempo. A vida era uma eternidade, à espera, esperando, onde nada se movia, onde tudo silenciava, salvo os roncos, o "click" da Roda de Oração e os passos abafados do cavalo. Devo ter cochilado…

Cansadamente, sentei-me. O chão era duro e inflexível. O frio da pedra insinuava-se pelos meus ossos. Em alguma parte, um rapaz murmurou que queria a mãe. Levantei-me com o corpo duro e dirigi-me à janela, evitando cuidadosamente pisar nos que dormiam em volta de mim. Fazia intenso frio e havia ameaça de neve. Sobre a vasta cordilheira do Himalaia a manhã espalhava grinaldas de luz, dedos coloridos tenteavam o nosso vale, esperando o momento de acender um novo dia.

A espuma de neve sempre soprada dos picos mais altos era iluminada agora pela luz dourada que reluzia na sua parte inferior, enquanto na parte superior surgiam crescentes cintilantes de arco-íris a tremer e a subir com os caprichos dos ventos das altas altitudes. Vívidos raios de luz atravessaram os céus no momento em que o Sol espiou pelos passos da montanha e prometeu que outro dia logo nasceria. As estrelas desapareceram. O céu não era mais uma abóbada púrpura; iluminou-se e ganhou a tonalidade de azul-pálido. As montanhas adquiriram tonalidades de ouro logo que o céu se tornou mais claro. Gradualmente o disco ofuscante do Sol subiu acima dos passos nas montanhas e brilhou com ardente glória sobre o vale.

Era intenso o frio. Cristais de gelo caíam do céu e quebravam-se sobre o telhado com um tamborilar musical. O ar gelado e cortante quase nos congelava o tutano dos ossos. Que clima estranho, pensei, algumas vezes frio demais para nevar

e, ainda assim — vez por outra — insuportavelmente quente ao meio-dia. Depois, num abrir e fechar de olhos, um furacão se levantava e varria tudo à frente. Nas montanhas havia sempre neve, neve profunda. Nos trechos expostos, porém, os ventos carregavam-na com tanta rapidez como ela caía. O ar era tão rarefeito e claro que mal proporcionava abrigo contra os raios ultravioletas (geradores de calor). No verão, o monge podia suar miseravelmente dentro do manto e, em seguida, quando uma nuvem obscurecia momentaneamente o sol, tremer muitos graus abaixo de zero — e tudo isto em questão de minutos.

Sofríamos muito com as grandes ventanias. A grande barreira do Himalaia algumas vezes detinha as nuvens que se formavam sobre a Índia, provocando uma inversão de temperatura. Logo depois, tempestades uivantes derramavam-se dos lábios das montanhas e desciam em catadupas pelo vale, destruindo tudo à frente. As pessoas que saíam durante as tempestades eram obrigadas a usar máscaras de couro na face ou arriscar-se-iam a ter a pele arrancada pelo pó de rocha que descia em torrentes, transportado pelo vento, dos picos mais altos. Os viajantes surpreendidos ao ar livre nos passos das montanhas corriam o risco de serem levados pelo vento, e, a menos que se cuidassem e agissem rapidamente, suas tendas e outras posses seriam arrancadas do chão e lançadas ao ar, rodopiando, estraçalhadas, como brinquedos do vento inconsciente.

Lá em baixo, em algum lugar na manhã pálida, um iaque mugiu tristemente. Como se atendessem a um sinal, as cornetas explodiram em fanfarras no alto telhado. As conchas bateram, ecoaram, reverberaram e se fundiram numa confusão de sons como um acorde múltiplo tocado em poderoso órgão. Em volta de mim subia a miríade de sons de uma grande comunidade que despertava para um novo dia, um novo dia de vida. Os cânticos no templo, o relincho dos cavalos, os resmungos abafados nos garotos sonolentos, tremendo nus no ar intensamente frio, chegaram-me aos ouvidos. Como um meio-tom abafado, ouvi o ruído incessante das Rodas de Oração, situadas em todas as partes do edifício, giradas e giradas eternamente por velhos monges que julgavam esta a sua única finalidade na vida.

O lugar despertara. A atividade aumentava de momento a momento. Cabeças raspadas olhavam esperançosamente das janelas abertas, desejando um dia mais quente. Uma bolha escura sem forma, indistinta, despencou-se de cima, atravessou o meu campo de visão, e quebrou-se com um som seco nas rochas lá em baixo. A tigela de alguém, pensei. Agora ELE ficaria sem o desjejum até obter outra! Desjejum. Naturalmente. Começávamos um novo dia, um dia em que eu precisaria de forças porque alimentava a esperança de que meu amado Guia voltasse. E, antes que pudesse vê-lo, havia as aulas matutinas, o serviço no tempo — mas, antes de

tudo — o DESJEJUM!

O *tsampa* é uma comida sem muito sabor, mas era tudo o que conhecíamos, salvo alguns raros acepipes da Índia. Arrastei-me pelo corredor, seguindo a fila de rapazes e monges a caminho do salão onde comíamos.

Parei um momento na entrada, esperando que os outros se sentassem, pois sentia ainda as pernas fracas, andava com passos incertos. Quando havia grande movimento em volta de mim, sentia clara ameaça à minha estabilidade. Finalmente, entrei e tomei o meu lugar entre as fileiras de homens e rapazes sentados no chão. Sentávamos de pernas cruzadas (todos, exceto eu, que me sentava com as pernas sob o corpo). Formávamos fileiras de talvez duzentos e cinquenta pessoas de cada vez. Três monges serviam o *tsampa*, percorrendo as fileiras e dando a cada um de nós um bocado igual. Os monges ficavam aos lados de cada fileira e, a um dado sinal, passavam em frente de nós distribuindo o alimento. Ninguém podia comer, porém, até que o Mestre do Dia desse o sinal. Finalmente, todos os monges e rapazes recebiam a sua porção de *tsampa*. Os atendentes postavam-se ao lado.

Um velho lama dirigia-se à estante de leitura, uma estante bem alta para que ele pudesse nos olhar de cima para baixo. Em pé por trás da estante, levantava a folha superior do livro. As páginas, como devem lembrar os leitores, eram bastante longas e não encadernadas como no estilo ocidental. O lama levantava a folha superior e dava um sinal de que estava pronto para começar. Imediatamente, o Mestre Atendente erguia a mão e baixava dando sinal para que começássemos a refeição. No momento em que a iniciávamos, o leitor começava a ler os Livros Sagrados, em voz sussurrante que parecia ecoar pela sala e tornava ininteligível grande parte do que dizia.

Em torno do refeitório, os sempre presentes monges-policiais patrulhavam silenciosamente, sem produzir outro ruído que um ocasional farfalhar de mantos.

Era costume tradicional em todas as lamaserias do Tibete que um leitor lesse para nós enquanto comíamos, porquanto se considerava errôneo que a pessoa comesse e pensasse no alimento. O alimento era coisa grosseira, simplesmente necessário para sustentar o corpo para que ele pudesse, durante um curto momento, ser habitado por um espírito imortal.

Embora fosse necessário comer, portanto, não se supunha que tirássemos prazer disso. O leitor lia sempre nas Livros Sagrados para que, enquanto os corpos recebessem alimento, o espírito recebesse também nutrição para a alma.

Os lamas mais categorizados comiam sozinhos, a maioria das vezes pensando em algum texto ou contemplando algum objeto ou livro sagrado. Constituía grande

pecado falar enquanto se comia. O infeliz surpreendido falando era arrastado pelos monges-policiais e posto de bruços sobre a porta para que, quando os demais saíssem, passassem por cima da figura reclinada, o que ocasionava grande vergonha à vítima.

Nós, rapazes, éramos sempre os primeiros a terminar, mas tínhamos de permanecer silenciosos até que os demais terminassem a refeição. Frequentemente, o leitor continuava a ler, totalmente inconsciente de que todos esperavam por ele. Amiúde chegávamos tarde às aulas porque o leitor, absorvendo-se no tema, esquecia o tempo e o lugar.

Finalmente, o leitor terminava, levantava os olhos surpresos e fazia um gesto como se fosse virar a página seguinte. Mas, em vez disso, punha a capa sobre o livro e dava um nó nos cadarços. Entregava o livro a um monge-atendente, que o recebia com uma mesura e saía para guardá-lo em lugar seguro. O Mestre Atendente dava-nos, em seguida, o sinal de debandada. Dirigíamo-nos para um dos lados do salão, onde havia sacos de couro cheios de areia fina. Apanhávamos um pouco de areia, limpávamos as tigelas, o único utensílio que possuíamos porque, naturalmente, usávamos os dedos — o mais velho dos utensílios! — e não víamos utilidade em facas e garfos.

— Lobsang! Lobsang! Desça, procure o Mestre do Papel e consiga-me três folhas estragadas de um dos lados.

Um jovem lama dava-me essa ordem. Murmurei enfadado e arrastei-me pelo corredor. Esse era um dos tipos de trabalho que eu odiava, pois para desempenhá-lo teria de deixar a Potala e percorrer todo o caminho até a Aldeia de Shö, onde trabalhava o Mestre Impressor.

O papel é muito raro e caro no Tibete. É, claro, inteiramente feito a mão. O papel é considerado como um pequeno objeto religioso, porquanto quase sempre é usado para registro de conhecimentos e palavras sagradas. O papel, por isso mesmo, jamais era maltratado ou jogado fora. Se durante a impressão de um livro a tinta manchava as folhas, não se atirava o papel no lixo. Usava-se o lado limpo no nosso ensino. Havia sempre abundante suprimento de papel estragado porque imprimíamos os livros com blocos de madeira talhadas a mão e, naturalmente, o bloco tinha de ser talhado ao inverso para que se pudesse imprimir do lado correto. Experimentando-se os blocos, inevitavelmente muitas folhas eram estragadas.

Saí da Potala por uma porta baixa nos fundos do edifício de onde descia um caminho muito íngreme, mas muito mais curto e sem degraus que me cansassem as pernas. Nós, rapazes, descíamos pela porta inferior, agarrados aos arbustos. Se falseávamos o pé, patinávamos até em baixo numa nuvem de poeira e, daí em

diante, ostentávamos um grande buraco nos fundilhos do manto, situação essa difícil de explicar depois.

Desci o estreito caminho coberto de arbustos. Numa pequena clareira, parei e olhei para longe, na direção de Lhasa, esperando ver um manto da cor do açafrão cruzando a Ponte de Turquesa, ou possivelmente — que alegria me dava o pensamento! — palmilhando a estrada do Círculo. Mas não, havia apenas peregrinos, monges desgarrados ou um ou dois lamas comuns. Com um suspiro e um resmungo de desgosto, continuei a deslizar caminho abaixo.

Finalmente cheguei às Cortes de Justiça e as contornei até chegar à Casa da Imprensa. Dentro, havia um monge muito velho, coberto de tinta da cabeça aos pés e com o polegar e o indicador espatulados de folhear papel e manusear blocos de impressão.

Entrei e olhei em volta, pois o cheiro do papel e da tinta sempre me fascinou. Examinei algumas das pranchas de madeira complicadamente talhadas que seriam usadas na impressão de novos livros. Esperava com prazer a ocasião em que pudesse também experimentar o trabalho de talha, que constituía uma das minhas distrações prediletas. Nós, monges, sempre tínhamos oportunidades de revelar nossas habilidades em benefício da comunidade.

— Muito bem, rapaz! O que é que você quer? Diga logo. O que é?

O velho monge-impressor olhava-me severamente. Mas eu o conhecia havia muito tempo e o seu latido era definitivamente pior do que a mordida. Na verdade, era um bom velhinho, simplesmente temeroso de que os garotos lhe amassassem as preciosas folhas. Rapidamente, disse que queria três folhas. Resmungou e olhou-me um tempo enorme como se simplesmente não pudesse suportar a ideia de renunciar aos seus amados pedaços de papel. Examinou cada folha e continuou a mudar de ideia. Finalmente, cansei-me de tudo aquilo e apanhei as três folhas, dizendo:

— Obrigado, Honrado Impressor. Essas três folhas servirão.

Ele se voltou e olhou-me boquiaberto, a imagem viva da estupefação. A essa altura, eu havia chegado à porta. Quando ele recuperou suficiente juízo para dizer alguma coisa, eu já estava longe.

Cuidadosamente enrolei as folhas, com a parte estragada do lado de fora. Em seguida, enfiei-as na parte da frente do manto e iniciei a subida, arrastando-me pelas mãos, agarrando-me aos resistentes arbustos.

Parei novamente na clareira, oficialmente para recuperar o fôlego. Na verdade, sentei-me numa rocha e olhei durante algum tempo na direção da Sera, a Cerca da Rosa Selvagem. Notei apenas o tráfego habitual, e nada mais. Possivelmente, mais

alguns mercadores do que o comum, mas não a pessoa que desejava ver.

Finalmente, levantei-me e continuei a jornada caminho acima. Atravessei novamente a pequena porta e comecei a procurar o jovem lama que me encarregara da missão.

Encontrei-o sozinho no quarto e notei que ele estava compondo. Silenciosamente, entreguei-lhe as três folhas de papel.

— Oh! — disse ele. — Como demorou! Você mesmo as fez?

Recebeu as folhas sem mais palavra, sem uma manifestação de agradecimento. Voltei-me e deixei-o, tomando a direção das salas de aula, pensando como encheria o dia até o regresso do meu Guia.

9

No telhado do depósito, observava do alto o ambiente circundante. Diante de mim, estendia-se o Vale de Lhasa, verde e belo, pintalgado de casas coloridas e do azul da Ponte de Turquesa. Mais adiante, o telhado dourado da Catedral de Lhasa brilhava intensamente, ereto como estivera durante séculos, enfrentando tempestades. Por trás de mim, embora desta vez eu não virasse a cabeça, corria o Rio Feliz e, além, a altaneira cordilheira com passos que conduziam a alturas sempre maiores e desciam em seguida para as profundas gargantas e grandes *canyons*. De lá, a pessoa podia enxergar os últimos vestígios de Lhasa. Daí em diante, sempre em frente e na direção da Índia, parte do Nepal, parte do Sikkin e o trecho limítrofe da própria Índia. Mas isto era comum para mim e eu sabia tudo a respeito. Minha atenção concentrava-se agora na Cidade de Lhasa.

Abaixo de mim, à direita, ou melhor, quase diretamente abaixo de mim, situava-se o Portão Ocidental, a entrada da cidade, congestionada como sempre por mendigos a pedir esmolas, peregrinos a esperar uma bênção da Santidade, e mercadores. Protegendo os olhos contra a luz ofuscante para ver melhor, ouvi as vozes e as suas mensagens: "Esmola! Uma esmola pelo amor do Santíssimo! Uma esmola, pois quem ajuda será ajudado!" E, de outra direção: "Oh! Mais isto é uma pechincha. Apenas dez rupias, dez rupias indianas e o senhor leva esta pechincha. O senhor jamais encontrará uma coisa destas, pois os tempos mudam. Mas, vou lhe dizer uma coisa… O senhor é um bom freguês. Digamos, nove rupias. Nove rupias agora, o senhor leva a mercadoria, e nos separamos como bons amigos!"

Na estrada do Círculo, imediatamente abaixo, os peregrinos continuavam em suas devoções. Alguns se deitavam no chão, levantavam-se, deitavam-se novamente como se aquele tipo especial de locomoções lhes salvasse a alma. Outros, porém, caminhavam eretos, observando as gravações nas rochas, que eram um dos aspectos mais belos da montanha. Quando apareceram, pude ouvi-los murmurando: "Oh, há alguém lá em cima do telhado. Você acha que é um lama?" Quase ri com o pensamento. Eu, um garoto, naquele lugar, com o vento a arrepiar-me o manto em frangalhos. Eu, um lama? Não, ainda não, mas, sim, no futuro.

Os peregrinos sussurravam o eterno "Om mani padmi hum! Om!" Os mercadores tentavam vender-lhes amuletos, rodas de oração, bentinhos e horóscopos. A maioria dos horóscopos, feitiços e amuletos haviam sido fabricados na Índia e importados. Os peregrinos, porém, não sabiam desse detalhe nem que nenhuma dessas coisas fora benzida da maneira alegada. Mas isso não ocorria, por acaso, em todos os países, em todas as religiões? Não são os mercadores os mesmos em todos os lugares?

Continuei a olhar de meu alto poleiro em direção a Lhasa, tentando penetrar a leve fumaça formada pelas fogueiras de estrume de iaque, acesas para aquecer as casas, pois o ar começava a esfriar. O tempo piorava evidentemente. Levantei os olhos para as nuvens carregadas de neve que corriam pelo céu e senti um calafrio. Algumas vezes, fazia um terrível calor, talvez 40 graus Fahrenheit a essa hora do dia, mas, de noite, a temperatura caía abaixo do ponto de congelação. O tempo, porém, me interessava muito pouco naquele momento.

Movi-me cautelosamente para descansar sobre os cotovelos, que coloquei na parede à minha frente e fitei longamente a distância até que os olhos me doeram e imaginei que via aquilo que desejava. Num dado momento, ergui-me cheio de excitação. Um lama em cintilante manto cor de açafrão apareceu ao longe. Ergui-me com tal excitação que minhas pernas, surpreendentemente fracas, traíram-me e caí para trás, perdendo a respiração. Ofegante por algum tempo, recuperei o fôlego e consegui por-me de pé e olhar na direção de Lhasa. Não, o dono do manto cor de açafrão não era o lama que eu buscava. Vi-o galopar, seguido de seus atendentes, penetrar na Estrada do Círculo, passar entre fileiras de peregrinos que abriam caminho e se curvavam diante dele. Mais ou menos meia hora depois, ele subiu o caminho diante de mim. Levantou a vista nesse momento, viu-me e fez um movimento com a mão que eu corretamente interpretei como significando que meu Guia viria brevemente.

Era uma manifestação de bondade, que eu apreciei profundamente, pois os grandes lamas não tinham o hábito de prestar atenção a garotos. Mas eu possuía bons motivos para saber que havia lamas e lamas — alguns, remotos, totalmente austeros, destituídos de emoções; outros, alegres, sempre prontos a ajudar o próximo sem pensar em categorias ou situação na vida. E quem era eu para dizer quem era melhor, os austeros ou os compassivos? Quanto a mim preferia os compassivos, que entendiam as misérias e os sofrimentos dos garotos.

De uma alta janela, de uma janela que eu não podia alcançar porque era apenas um acólito, uma cabeça apareceu e olhou para baixo. O rosto usava um bigode. Baixei a cabeça reverentemente. Quando olhei novamente, o rosto desaparecera.

Durante um momento ou dois, permaneci em contemplação, alimentando a esperança de não ter ocasionado aborrecimento por ter subido no telhado. Tanto quanto sabia, não estava transgredindo regra alguma. Desta vez eu tentava desesperadamente comportar-me bem e nada fazer que retardasse o encontro com o meu Guia.

Na ligeiramente mais alta Chakpori via os monges entregues aos seus afazeres. Eles pareciam caminhar em procissão em torno das muralhas. Pensei que, sem dúvida, davam graças por outra partida de ervas que chegava das terras altas, onde cresciam. Sabia que um grupo de monges havia concluído recentemente a colheita anual de ervas nas terras altas, e tive a esperança de, antes de muito tempo, também fazer parte de um desses grupos.

Lá longe levantou-se uma coluna de fumaça. Via um pequeno grupo de homens. Presumivelmente, ferviam o chá para fazer *tsampa*. Mercadores, claro, pois não se viam mantos coloridos ao grupo, somente as cores desmaiadas dos comerciantes. E todos usavam chapéus de peles.

O vento frio ganhava força novamente. Lá em baixo, os mercadores reuniam as mercadorias e corriam apressadamente em busca de abrigo. Os peregrinos se agachavam a sotavento da montanha enquanto os mendigos, demonstrando notável agilidade, alguns mesmo esquecendo suas fingidas doenças, corriam para escapar da iminente tempestade de areia, ou melhor, de poeira.

O Vale de Lhasa era habitualmente varrido à perfeição pelas tempestades que desciam das montanhas, levando tudo de roldão. Somente os calhaus maiores resistiam. Só o cascalho e areia eram varridos pelo vento. Em todas as grandes ventanias, porém, mais areia e poeira se despencava sobre nós, areia dos grandes calhaus que balançavam e oscilavam nas montanhas e que, talvez, colidissem com outras rochas e se partissem, formando pedra pulverizada que, transportada pelo vento, caía sobre nós.

O vento, subitamente despertado, pressionou-me fortemente as costas, colando firmemente meu manto contra o muro de pedra em frente de mim, e isso com tanta força que eu não podia sequer mover-me. Sombriamente, apeguei-me ao muro, procurando um apoio para os dedos, tentando enrodilhar-me sobre o telhado para negar ao vento oportunidade de erguer-me nas alturas. Penosamente, dobrei os joelhos e, com infinita cautela, baixei-me, formando uma bola bem compacta, com o rosto e a cabeça protegidos da tempestade transbordante de pedras.

Durante minutos o vento uivou, guinchou e pareceu que arrancaria da base a própria montanha. O vento uivava mais alto do que o clangor de nossas cometas em qualquer momento. Logo depois, notavelmente, estranhamente, caiu um completo

silêncio, uma calma mortal. No silêncio, ouvi uma risada inesperada, uma risada de moça vindo de algum lugar entre os arbustos. "Oh! — disse ela. — Não aqui, neste lugar sagrado. Isto é sacrilégio." Ouvi uma risadinha e um rapaz e uma moça apareceram de mãos dadas e tomaram a direção do Portão Ocidental. Observei-os preguiçosamente durante alguns momentos. Em seguida, saíram da minha vista e da minha vida.

Levantei-me e olhei fixamente mais uma vez sobre o topo das árvores em direção a Lhasa. A tempestade nos deixara e estava agora em Lhasa. A paisagem desaparecera e tudo o que eu via agora era uma grande nuvem, parecendo um cobertor cinzento a interceptar a vista. Sem forma embora, a nuvem movia-se rapidamente, dando a impressão de dois Deuses que seguravam as extremidades do cobertor cinzento e corriam com ele. Mais e mais edifícios se tornaram visíveis. Logo em seguida, o próprio convento do outro lado de Lhasa apareceu enquanto a nuvem descia rapidamente o vale, tornando-se gradualmente menor à medida que se esgotavam as forças do vento e caíam as partículas mais pesadas de pó e pedra miúda.

Eu, porém, olhava na direção de Lhasa e não para uma tola nuvem de pó que podia ver a qualquer momento. Esfreguei os olhos e olhei fixamente mais uma vez. Tentei forçar-me a ver mais do que realmente lá estava. Finalmente, distingui um pequeno grupo que começava a aparecer além dos edifícios. Alguns usavam mantos amarelos, da cor de açafrão. Estavam ainda longe demais para que pudesse identificá-los, mas eu sabia… Eu sabia!

Continuei a olhar, absorto, com o coração batendo mais do que o habitual. O pequeno grupo cavalgava comedidamente, sem pressa, numa fila ordenada. Gradualmente, aproximou-se da Ponte Turquesa, entrou e ficou oculto pela bela estrutura fechada até que reapareceu na extremidade mais próxima de mim.

Apurei a vista, tentando imaginar quem eram. Gradualmente, com dolorosa lentidão, eles se aproximaram. Meu coração pulou dentro de mim. Finalmente, pude reconhecer o manto amarelo que esperava. Ensaiei uns passos de alegria no telhado, mas as pernas não me ajudaram. Apeguei-me fortemente ao muro numa tentativa sem êxito de controlar o tremor dos membros. Nesse momento, tremia mais de excitação do que de fraqueza.

A pequena tropa se aproximou e foi ocultada pelos maiores edifícios da Aldeia de Shö, situada abaixo. Ouvia o ruído das patas dos cavalos, o arranhar dos arreios e o estalo ocasional de uma sacola de couro, talvez espremida entre o cavaleiro e o cavalo.

Nas pontas dos pés tentei ficar um pouco mais alto. Debruçando-me sobre o

muro, distingui as cabeças e os cavaleiros a abrir caminho lentamente pelos degraus em direção a entrada principal. Por um breve momento, um dos mantos amarelos levantou os olhos, sorriu e agitou as mãos. Comovido demais, não pude retribuir o cumprimento. Fiquei ali e simplesmente olhei, trêmulo de alívio porque, em breve, ele estaria comigo novamente.

A uma palavra, outro lama levantou também os olhos e sorriu. Desta vez, consegui forçar o rosto a entreabrir-se num sorriso leve. Estava emocionado, e a emoção avolumava-se dentro de mim. Senti um horrível medo de começar a chorar e demonstrar que eu não era ainda um homem.

O pequeno grupo subiu mais e mais em direção à entrada principal da Potala como era apropriado a comitiva tão importante. Agora, como bem sabia, haveria uma pequena demora, porque o Meu Guia teria de dirigir-se primeiro ao Mais Sagrado e fazer um relatório. No momento apropriado, iria para o seu próprio quarto, na parte mais alta da Potala, de onde, após um intervalo conveniente, enviaria um rapaz à minha procura.

Deslizei do meu posto, limpei as mãos nos joelhos e tentei fazer com que meu manto ficasse mais ou menos apresentável. Dirigi-me depois para a pequena casa situada no telhado, entrei e, lenta e cuidadosamente, desci a escada até o assoalho inferior. Era preciso que eu estivesse pronto quando o mensageiro chegasse. Queria antes de tudo ter certeza de que estaria tão elegante quanto possível.

As nossas escadas eram umas engenhocas bastante arriscadas para aqueles que tivessem problemas com as pernas. Consistiam de um grosso mastro, bem liso, com entalhes cortados de cada lado, onde púnhamos a perna — ou melhor, o pé — no lado esquerdo, colocávamos o direito num entalhe mais alto e assim por diante, com o mastro entre os joelhos. Se não fôssemos cuidadosos, ou o mastro estivesse frouxo, giraríamos para o lado oposto, frequentemente para grande alegria dos garotos. Éramos obrigados a estar sempre em guarda, porque, frequentemente, os mastros-escadas ficavam escorregadios, melados de manteiga que caía quando alguém subia transportando uma lâmpada nas mãos. Mas não era ocasião de pensar em escadas ou lâmpadas de manteiga. Cheguei ao chão, espanei-me cuidadosamente mais uma vez e removi pequenas manchas de manteiga congelada. Em seguida, dirigi-me para o lado do edifício reservado aos rapazes.

No dormitório, encaminhei-me à janela e olhei para fora, batendo com os tornozelos contra o muro, em sinal de impaciência. Olhei novamente, desta vez de puro tédio, pois nada havia que me interessasse do lado de fora. A pessoa que eu queria estava aqui dentro!

No Tibete não usávamos espelhos — pelo menos, não oficialmente, pois eram

considerados sinal de vaidade. Se uma pessoa fosse surpreendida olhando-se num espelho, julgava-se que ela pensava mais em coisas carnais do que espirituais. Constituía grande ajuda na manutenção dessa atitude o fato de não termos espelhos! Nesta ocasião especial, contudo, eu queria saber urgentemente como estava. Dirigi-me dissimuladamente a um dos templos, onde havia uma placa de cobre muito brilhante. Era tão brilhante que depois de esfregá-la algumas vezes com a bainha do manto pude ter uma ideia do meu aspecto. Tendo me observado atenta e longamente, sentindo-me altamente desencorajado com o que vira, recoloquei a placa no lugar, e fui procurar o monge, barbeiro, pois eu parecia um "Cabeça Preta".

No Tibete, os "Cabeças Pretas" são pessoas que não pertencem às Ordens Sagradas. Monges e todos os classificados como acólitos, *trappas*, ou membros das ordens monásticas raspam a cabeça e são frequentemente conhecidos como "Cabeças Vermelhas", pois é assim que ficamos quando o sol faz bem o seu trabalho. Os leigos, por outro lado, usam a cabeça coberta de cabelo preto, e daí o nome. Devo acrescentar também que usávamos a expressão "Manto Amarelo" quando nos referíamos aos lamas de maior categoria. Jamais dizíamos "o usuário do manto amarelo", mas apenas "o Manto Amarelo". Do mesmo modo, falávamos em "Mantos Vermelhos" ou "Mantos Cinzentos", pois, para nós, o manto era o símbolo que indicava o status da pessoa que o usava. Era claro, para nós, segundo a lógica tibetana, que devia haver uma pessoa dentro do manto, pois, de outra maneira, o manto não poderia se mover!

Desci os inumeráveis corredores inclinados da Potala até finalmente aproximar-se da sala, bastante grande, onde trabalhava o monge-barbeiro. Nós o chamávamos de monge por cortesia, pois, segundo sabia, jamais deixava a sala e certamente jamais comparecia aos serviços no templo. Percorri lentamente o corredor e entrei. Como habitualmente, o lugar transbordava de indolentes, monges que não tinham o que fazer, monges-cozinheiros, enfim de todos aqueles que simplesmente queriam desperdiçar o seu tempo e o dos demais. Hoje, porém, notava-se uma atmosfera de excitação no lugar. Procurei descobrir a razão.

Sobre um banco baixo havia uma pilha de revistas rasgadas, aos pedaços. Aparentemente, um dos monges havia feito algum serviço para um grupo de mercadores e estes, bondosamente, haviam-no presenteado com uma braçada de revistas e jornais que, por vários motivos, trouxeram da Índia. Havia agora grande número de monges na barbearia, esperando por um colega que passara algum tempo na Índia e que se presumia que pudesse ler as revistas.

Dois monges riam e tagarelavam olhando uma ilustração. Um deles disse risonhamente para o outro:

— Devíamos consultar o Lobsang. Ele deve ser um especialista nestas coisas. Venha aqui, Lobsang!

Aproximei-me. Estavam sentados no chão. Apanhei a revista. Um deles disse:

— Espere! A revista está de cabeça para baixo. Você nem mesmo sabe como segurá-la.

Infelizmente, para vergonha minha, ele tinha razão. Sentei-me entre eles e examinei a notável figura. Era de cor marrom, penso que sépia é a palavra apropriada, e mostrava uma mulher de aspecto estranho. Ela se sentava numa mesa alta, em frente de uma mesa ainda mais alta. Numa peça emoldurada em cima da mesa alta havia uma ilustração, a imagem de outra mulher.

O vestido da mulher intrigou-me, pois me pareceu mais longo do que os nossos mantos. Parecia ter uma cintura muito estreita, apertada para parecer ainda mais fina, não obstante os braços muito gordos. Olhando-lhe o busto, senti que corava de embaraço pois o vestido era muito decotado — perigosamente decotado, diria — e descobri envergonhado que me perguntava o que aconteceria caso ela se inclinasse para a frente. Nesta ilustração, porém, ela mantinha as costas rigidamente retas.

Olhávamos a ilustração quando se aproximou outro monge, que se postou em pé atrás de nós. Nós o ignoramos. Uma das pessoas em volta perguntou:

— O que é que ela está fazendo?

O monge que acabara de entrar inclinou-se um pouco, leu o que estava escrito, e disse com ares importantes:

— Oh, ela está fazendo a maquilagem, pondo batom e, quando tiver terminado, usará lápis de sobrancelhas. Isto é um anúncio de cosméticos.

Tudo isso me causou uma confusão indescritível. Maquilando o rosto? Pondo batom? Aplicando lápis de sobrancelhas? Voltei-me para o monge que sabia inglês e disse:

— Por que ela quer marcar o lugar onde está a boca? Será que ela não sabe?

Ele riu e respondeu:

— Algumas colocam cores vermelha ou alaranjada nos lábios. Supõe-se que isto as faça mais atraente. E quando acabam de fazer isso, fazem outras coisas nas sobrancelhas e, talvez, nas pálpebras. Depois de terminado isso, põem pó no rosto, pó de várias cores.

Tudo isso me parecia muito estranho. Retomei a palavra:

— Mas por que não usa um vestido que cubra a parte superior do corpo?

Riram todos de mim, mas todos aproveitaram a oportunidade para examinar

bem aquilo a que eu me referia. O monge que sabia inglês riu mais alto do que os outros-e esclareceu:

— Se você visse essas ocidentais numa festa, descobriria que usam muito pouca coisa no busto, mas muito abaixo da cintura!

Examinei atentamente as ilustrações, procurando descobrir o que significavam. Não entendia como uma mulher podia andar com roupas tão incômodas. Não parecia ter pés e o vestido descia até o chão, formando uma cauda. Mas logo esqueci tudo, quando o monge começou a falar sobre revistas.

— Olhe para esta. A data é 1915 e há uma grande guerra no Ocidente, que talvez envolva todo o mundo. As pessoas estão lutando, matando-se. Cavam buracos no chão, metem-se neles e quando chove quase se afogam.

— Qual é o motivo da guerra? — perguntou outro monge.

— Não importa saber a razão. O povo do Ocidente não precisa de motivos para brigar. Eles simplesmente lutam. — Folheou outras revistas até que selecionou uma. A ilustração mostrava uma coisa notável. Parecia uma grande caixa de ferro e, segundo o desenho, corria pelo chão atropelando soldados que tentavam escapar. — Isto — prosseguiu o monge — é a última invenção. Chamam-na de tanque e talvez seja a arma que vença a guerra.

Olhei, pensando na guerra, nas almas que seriam prejudicadas quando seus corpos físicos fossem destruídos. Pensei em quantas varetas de incenso teriam de ser queimadas para salvar todas essas almas errantes.

— Os britânicos estão formando outro batalhão de Jurkhas — prosseguiu o monge. — Eles, porém, jamais pensam em solicitar qualquer ajuda espiritual do Tibete.

Fiquei satisfeito porque não o faziam, porquanto não via sentido algum em todo o massacre, no derramamento de sangue, no sofrimento. Parecia-me tão estúpido que homens adultos discutissem e chegassem às vias de fato porque um grupo não concordava com outro. Suspirei e balancei a cabeça exasperado, sabendo que era meu infeliz destino viajar mais tarde para o mundo ocidental. Tudo fora pré-ordenado. Contaram-me o futuro com extrema clareza. Eu não gostava, porém, de coisa alguma do que me disseram, pois implicava sofrimento demais, dificuldades demais!

— Lobsang! — berrou uma voz. Levantei a vista e lá estava o monge-barbeiro acenando-me para tomar lugar no banco de três pernas. Sentei-me, ele atrás de mim, tendo nas mãos a grande lâmina com que raspava nossas cabeças. Não usava água ou sabão, naturalmente. Simplesmente amolou, em dois ou três movimentos, a

lâmina num pedaço de pedra e iniciou o doloroso processo de arrancar a penugem da minha cabeça. Nenhum de nós gostava disso e todos temíamos terminar com uma cabeça sangrenta — cortada, arranhada e cheia de talhos. Nós, tibetanos, porém, não somos moles, e não saímos gritando ao primeiro sinal de dor. Continuei sentado, portanto, enquanto o monge raspava.

— Acho que deve ajeitar também o pescoço, não? — disse ele. — Soube que o seu Guia chegou. Está com pressa, não?

Com essas palavras, empurrou minha cabeça até quase os joelhos e raspou laboriosamente os longos cabelos que nasciam na parte onde a cabeça se fundia com o pescoço. Durante toda a operação, soprava-me, removendo o cabelo que cortara e (todas as vezes, quando eu podia calcular corretamente a ocasião!) prendia a respiração, pois o hálito do barbeiro não era… bem, agradável. Os seus dentes estavam apodrecendo, ou algo assim. Finalmente, terminou e começou a enxugar o sangue dos numerosos arranhões. Alguém ofereceu um conselho:

— A maneira mais fácil de parar o sangue é colocar um pedaço de papel em cada arranhão. Vamos experimentar.

Terminei parecendo um espantalho, com três pequenos pedaços triangulares de papel pregados em cima dos sangrentos cortes.

Como não tinha nada melhor para fazer durante algum tempo, fiquei na barbearia ouvindo a conversação. Parecia que as coisas estavam muito difíceis no Mundo Ocidental, como o mundo mais ou menos em chamas. Parecia haver problemas na Rússia, na Inglaterra, agitação na Irlanda — e somente nós, no Tibete, gozávamos de paz. Fiquei silencioso, recordando as profecias que foram feitas sobre o Tibete há centenas de anos. Eu sabia que em nossa época, durante a minha vida, realmente, nós, no Tibete, teríamos os nossos próprios problemas. Sabia também que o nosso amado Dalai Lama seria o último Dalai Lama real e que, embora houvesse mais um, não teria a mesma importância espiritual.

Preguiçosamente, virei uma página e vi uma ilustração extraordinária. Parecia consistir de numerosas caixas, com os lados abertos, de onde pessoas espiavam para fora. As caixas estavam juntas e pareciam ser rebocadas por algum monstro que vomitava fumaça. Havia coisas redondas sob as caixas e duas linhas entre elas. Não entendi o que aquilo significava. Não sabia, então, que eram rodas e que eu via um trem, pois no Tibete as únicas rodas eram as de Oração. Voltei-me para o monge que sabia inglês e puxei-lhe o manto. Finalmente, deu-me atenção e eu lhe perguntei o que dizia a legenda. Ele traduziu: um trem militar inglês levando soldados para os campos de Flandres.

Outra ilustração fascinou-me e excitou-me de um modo que não consigo descrever: uma engenhoca parecida com uma pipa, mas sem nenhum barbante que a prendesse ao chão. Esta pipa parecia uma estrutura coberta de tecido. Na parte da frente havia uma coisa que pela ilustração, devia estar girando. Observei que havia duas pessoas na pipa, uma sentada na frente e a outra imediatamente atrás. O gentil monge explicou-me que era um aeroplano, coisa de que eu nunca ouvira falar antes. Resolvi que se fosse expulso definitivamente da lamaseria, ou da Ordem, não mais seria barqueiro, mas uma dessas pessoas que voavam nessas estranhas coisas do Ocidente. Folheando as páginas, vi outra coisa que me deixou mudo de medo durante algum tempo — e isto era, em si mesma, uma coisa extraordinária — pois parecia ser um longo tubo coberto de pano ou algum tipo de material, voando sobre uma cidade e despejando grandes coisas pretas do céu. Outras figuras mostravam a queda das coisas pretas, relâmpagos e edifícios que explodiam no ar. O monge disse-me que era uma coisa chamada zeppelin, usada para bombardear a Inglaterra e que a bomba era um recipiente de metal cheio de altos explosivos, que destruíam tudo quando caíam. Pareceu-me que essas revistas nada tinham de paz e tratavam apenas de guerra. Pensei que já havia olhado demais para as ilustrações, que serviam meramente para inflamar as emoções. Pus de lado a revista, agradeci ao monge e ao barbeiro e voltei ao dormitório, lá em cima, onde sabia que dentro em breve chegaria um mensageiro.

O dia interminável continuou a arrastar-se. Mais uma vez chegou a hora do *tsampa*. Desci até o refeitório, almocei com os demais. O dia parecia interminável. Não sentia muito apetite, mas pensei que devia aproveitar e comer enquanto havia tempo.

Limpando a tigela, deixei o refeitório, subi novamente para o dormitório e lá fiquei durante algum tempo olhando da janela a agitação em torno de nossos edifícios.

10

Logo depois, apareceu no corredor um garoto gritando:

— LOBSANG! LOBSANG!

Atravessei rapidamente o dormitório e encontrei-o à porta.

— Psiu! — exclamou ele. — Procurei você EM TODA PARTE. Estava escondido? Seu Guia quer falar com você.

— Como é que ele está? — Perguntei, algo ansioso.

— Como é que ele está? COMO está? Como é que você quer que ele esteja. Você o viu há alguns dias. O que é que há com você? Está doente?

O rapaz foi embora murmurando alguma coisa a respeito de pessoas estúpidas… Endireitei o manto e verifiquei se a tigela e a caixa de amuletos estavam em posição. Em seguida, subi o corredor.

Era um prazer deixar a ala dos rapazes, com as paredes caiadas cobertas de manchas, e entrar nos aposentos muito mais elegantes dos lamas. Andando silenciosamente pelo corredor, olhei para a maioria dos quartos por onde passava. A maioria dos lamas mantinha as portas abertas. Num deles, um velho passava as contas de um rosário pelos dedos e recitava interminavelmente, "Om! Mani pad me Hum!" Outro folheava reverentemente as páginas de um livro muito antigo, procurando incessantemente mais outro significado nas escrituras. Incomodava-me bastante ver essas pessoas idosas tentando "ler nas entrelinhas" — procurando ler no texto mensagens que, para começar, lá não haviam sido postas. Logo depois, anunciariam em altos brados, "Uma Nova Interpretação das Escrituras, de autoria do Lama Fulano de Tal". Um homem muito idoso, com uma barba branca rala, girava suavemente uma Roda de Orações e recitava baixinho. Outro declamava para si mesmo — treinando para o próximo debate teológico, em que seria figura importante.

— Não venha daí sujar meu assoalho limpo, seu jovem coisa alguma! — Disse um velho e irritado monge-varredor inclinado sobre a vassoura, a olhar-me malignamente. — Eu não trabalho aqui o dia inteiro para gente de sua laia!

— Despenque-se da janela, Velho! — respondi rudemente, passando por ele.

Estendeu a mão e tentou agarrar-me, mas, tropeçando no longo cabo da vassoura, caiu no chão com um estrondo. Estudei o passo para colocar distância entre mim e ele antes que pudesse se levantar. Ninguém prestou atenção. As Rodas de Oração continuaram a girar e a estalar, o Declamador declamava ainda, e vozes ainda entoavam mantras.

Em algum quarto próximo, um velho pigarreava e limpava a garganta com sons horríveis. "Hrruk! Hrrruk! Uahha!" — continuou numa tentativa interminável de encontrar alívio. Continuei o caminho. Os corredores eram longos e teria de caminhar dos aposentos das Formas Mais Inferiores da Vida Lamaísta até quase as mais altas — as dos lamas mais categorizados. Agora, à medida que chegava às áreas "mais importantes", via mais e mais portas fechadas. Finalmente, saí do corredor principal e entrei num pequeno anexo, o domínio dos "Especiais". Aqui, neste lugar de honra, residia o meu Guia quando estava na Potala.

Com o coração batendo descompassadamente, parei e bati à porta.

— Entre! — disse uma voz querida.

Entrei e fiz as mesuras rituais para a brilhante personagem que se sentava com as costas voltadas contra a janela. O Lama Myngiar Dondup sorriu bondosamente e observou-me cuidadosamente para ver como eu passara os últimos sete dias.

— Sente-se, Lobsang, sente-se! — disse, indicando-me uma almofada colocada à sua frente.

Durante algum tempo, ele me fez perguntas — algumas delas muito difíceis de responder. Este grande homem despertava-me os mais profundos sentimentos de amor e devoção. Eu nada mais queria senão estar continuamente em sua presença.

— O Mais Sagrado está muito satisfeito com você — observou indolentemente — e eu acho que isto exige certo tipo de comemoração.

Estendeu a mão e sacudiu uma pequena campainha de prata. Um monge-auxiliar entrou com uma mesa baixinha, um desses objetos talhados e pintados com várias camadas de tinta. Eu sempre tinha medo de arranhar ou deixar uma marca nessas coisas horríveis. A mesa foi colocada ao lado direito de meu Guia. Endereçando-me um sorriso, o Lama voltou-se para o monge e disse:

— Tem por acaso uma mesa simples para Lobsang?

— Sim, Mestre — respondeu o homem. — Irei buscá-la agora. — Voltou em seguida com uma mesa muito simples, mas decorada com os melhores de todos os "ornamentos": coisas da Índia, bolos, doces pegajosos, cobertos com alguma espécie de calda borrifada de açúcar, nozes em conserva, castanhas especiais trazidas de um país muito distante e numerosas outras coisas que me deliciavam o coração. O

monge-atendente sorriu e colocou ao meu lado uma grande jarra de ervas, que usávamos quando tínhamos ingestão.

Outro monge-atendente entrou trazendo pequenas xícaras e um grande jarro de chá indiano fumegante. A um sinal de meu mestre, eles se retiraram. Finalmente, pude variar um pouco a dieta eterna de *tsampa*! Não me dei ao trabalho de pensar nos outros acólitos que provavelmente jamais em suas vidas haviam provado coisa alguma, salvo *tsampa*. Sabia perfeitamente que, com toda probabilidade, o *tsampa* seria o único alimento que comeriam enquanto vivessem. Consolei-me lembrando que se eles subitamente provassem esses estranhos alimentos indianos isto provavelmente os tornaria insatisfeitos. Sabia que ia sofrer muito na vida, que dentro de breve provaria alimentos muito diferentes e, com a fácil indulgência dos garotos, pensei nada haver de mau em provar antecipadamente coisas agradáveis para compensar as desagradáveis que eu já suportara. Comi, por conseguinte, mais do que devia e em completa tranquilidade. O meu Guia permaneceu silencioso. Tomou apenas chá — da variedade indiana. Finalmente, com o maior pesar, cheguei à conclusão de que não aguentava sequer mais uma migalha. De fato, o simples aspecto da comida começava a parecer-me desagradável, modificava-me as ideias e eu me sentia — bem como se inimigos lutassem dentro de mim. Notei certos pontos flutuando diante de meus olhos. Parei e, antes de muito tempo, fui obrigado a retirar-me para outro lugar, pois o alimento distendera-me dolorosamente o estômago.

Ao retornar, algo mais pálido consideravelmente mais leve e um tanto trêmulo, encontrei o meu Guia sentado ainda, calmo, benévolo. Ele me endereçou um sorriso quando me acomodei, dizendo:

— Muito bem! Você bebeu e perdeu a maior parte do seu chá. De qualquer modo, resta a recordação e ela poderá lhe ser útil. Temos agora de falar a respeito de vários assuntos.

Sentei-me confortavelmente. Os olhos de meu Guia examinavam-me. Ele sem dúvida se perguntava como iam os meus ferimentos. Finalmente, disse:

— Conversei com O Mais Sagrado, que me falou a respeito de seu… hum… voo sobre o Telhado Dourado. Sua Santidade contou-me tudo a respeito do fato. Disse-me o que havia visto e que você se arriscou à expulsão contando-lhe a verdade. Ele está muito satisfeito com você, com os relatórios a seu respeito, e com o que viu, pois ele observou também enquanto você me esperava. Mas tenho ordens especiais a seu respeito.

O lama fitou-me, sorriu levemente, possivelmente divertido com a minha expressão. Mais problemas, pensei, mais histórias de sofrimentos futuros, mais

dificuldades agora para que elas não parecessem, em comparação, tão más no futuro. Estou cansado de sofrimentos, pensei comigo mesmo. Por que não poderia ser como aqueles que voavam naquelas pipas nas batalhas ou dirigiam aquelas tonitruantes caixas de vapor cheias de soldados? Gostaria igualmente de dirigir uma daquelas coisas de metal que flutuavam na água e transportavam pessoas entre países. Minha atenção divagou e matutei sobre o assunto. Como poderiam ser de metal? Todos sabiam que o metal era mais pesado do que a água e que afundava. Deveria haver nisso qualquer coisa misteriosa, concluí. Não podiam ser absolutamente de metal. Aquele monge devia ter-me contado uma mentira. Levantei a vista e vi o meu Guia sorrindo. Ele seguira meus pensamentos telepaticamente e estava realmente divertido.

— Aquelas pipas são aeroplanos, o dragão de vapor é um trem e aquelas coisas de ferro são navios. Sim, navios de ferro flutuam realmente. Eu lhe falarei a respeito do assunto mais tarde. No momento, tenho outras coisas em mente.

Tocou novamente a campainha. Um monge-atendente entrou, removeu a mesa diante de mim, sorrindo pesarosamente do estrago que eu fizera nos alimentos indianos. Meu Guia pediu mais chá. Esperamos.

— Prefiro o chá indiano ao chinês — disse o meu Guia. Concordei. O chá chinês sempre me provocava náuseas. Não sabia por que, pois estávamos evidentemente mais acostumados a ele. O indiano, porém, parecia mais agradável. A nossa discussão sobre o chá foi interrompida pelo atendente que nos trouxe novo suprimento da bebida. Retirou-se enquanto meu Guia enchia as xícaras.

— Sua Santidade determinou que você fosse retirado das classes comuns. Na verdade, você vai ser transferido para um apartamento próximo ao meu e será educado por mim e pelos principais lamas especialistas. Cabe-lhe a tarefa de preservar grande parte dos conhecimentos antigos. Mais tarde, você verterá grande parte desses conhecimentos em livros, pois os nossos Videntes mais penetrantes prognosticaram que nosso país será invadido e que grande parte do que se encontra nesta lamaseria e em outras será devastada e destruída. Graças à sabedoria do Mais Sagrado, certos registros já estão sendo copiados. As cópias permanecerão aqui e serão destruídas enquanto os originais serão transportados para muito longe, onde o invasor não os poderá tocar. Em primeiro lugar, você deve ser extensamente instruído nas artes metafísicas.

Ele parou por um momento, levantou-se e dirigiu-se para outra sala. Ouvi-o mexendo em qualquer coisa. Em seguida, voltou trazendo nas mãos uma caixa de madeira muito simples, que colocou sobre a mesa ornamental. Sentou-se diante de mim e durante um momento ou dois ficou silencioso.

— Há muitos, muitos anos, as pessoas eram muito diferentes do que são agora. Há muitos e muitos anos podiam valer-se das leis e utilizar sentidos que a humanidade perdeu, salvo em casos raros. Há centenas de séculos o homem era telepata e clarividente. Ao usar tais poderes para fins condenáveis, porém, a humanidade em geral os perdeu; eles se atrofiaram. Ainda pior. Os seres humanos em geral negam a existência de tais poderes. Você descobrirá, ao visitar países diferentes, ao deixar o Tibete e a Índia, que não será sábio falar em clarividência, viagens astrais, ou telepatia, pois as pessoas simplesmente dirão: "Prove-o! Você fala em enigmas, diz absurdos. Não há tais coisas, pois, se houvesse, a ciência as teria descoberto".

Permaneceu silencioso por alguns momentos e uma sombra cruzou-lhe o semblante. Ele viajara extensamente embora parecesse jovem; na verdade, não parecia ter idade definida. Não se poderia dizer que era um velho ou jovem. Possuía carnes firmes e feições lisas, irradiando saúde e vitalidade. Não obstante, eu sabia que viajara à Europa, Japão, China e Índia. Sabia, igualmente, que passara por espantosas experiências. Às vezes, lendo alguma revista trazida da Índia através das montanhas, suspirava de tristeza com a loucura da humanidade belicosa. Havia uma revista que realmente o interessava e em todos os casos possíveis mandava trazê-la da Índia. Era um tipo peculiar de revista, intitulada *London lllustrated*. Descobri que certos exemplares constituíam uma grande fonte de informação. Estavam cheias de desenhos de coisas situadas inteiramente além de minha compreensão. Interessava-me o que se denominavam de "Anúncios". Sempre que possível, procurava interpretar as ilustrações e, quando a oportunidade se apresentava, buscava alguém que conhecesse suficientemente a estranha língua para ler-me as palavras.

Continuei a fitar o meu Guia. Ocasionalmente, examinava a caixa que ele trouxera, perguntando-me o que poderia conter. Era uma caixa de uma madeira de tipo totalmente desconhecido para mim. Possuía oito lados, o que lhe dava uma aparência quase circular. Fiquei matutando sobre o assunto, perguntando-me o que poderia haver dentro dela, porque ele emudecera repentinamente. Em seguida, falou:

— Lobsang, você precisa desenvolver o seu grau já muito alto de clarividência natural e alcançar um estado ainda mais elevado. E a primeira coisa a fazer é conhecer isto.

Indicou-me com um rápido movimento a caixa de oito lados como se isso explicasse tudo. O fato é que fiquei ainda mais confuso.

— Tenho aqui um presente que lhe é entregue por ordem do Mais Sagrado. É-lhe dado para que você o use e com ele possa praticar o bem.

Inclinou-se e com as mãos levantou a caixa. Examinou-a por um momento antes de colocá-la nas minhas mãos, cuidadosamente, ficando ao meu lado para que eu — irrefletidamente — não a deixasse cair. A caixa pareceu-me surpreendentemente pesada. Pensei que para pesar tanto assim devia conter um pedaço de pedra.

— Abra-a, Lobsang! — disse o lama Mingyar Dondup. — Você não descobrirá coisa alguma justamente olhando para ela.

Desajeitadamente virei a caixa nas mãos. Não sabia bem como abri-la, pois tinha oito lados e não podia ver como a tampa se ajustava. Em seguida, segurei a parte superior e dei-lhe uma meia torção. A tampa ficou-me nas mãos. Olhei para ela. Apenas uma tampa sem nada de especial. Coloquei-a ao lado enquanto examinava o conteúdo. Vi apenas um pedaço de tecido. Segurei-o e procurei tirá-lo, mas o peso era surpreendente. Espalhei cuidadosamente o manto para que, caso houvesse alguma coisa solta do lado de dentro, não caísse no chão. Em seguida, inverti a caixa e recolhi o conteúdo nas mãos. Depositei a caixa vazia ao lado e dediquei atenção ao objeto esférico envolvido no tecido preto brilhante.

Desembrulhando a coisa, vi boquiaberto e fascinado um cristal maravilhoso, absolutamente sem jaça. Era realmente cristal, e não o vidro usado pelos adivinhos. Tão puro que mal se podia ver onde começava e terminava. Era quase uma esfera de vazio que eu tinha nas mãos — isto é, até que pensava no peso, realmente formidável. Pesava tanto quanto uma pedra do mesmo tamanho.

O meu Guia fitou-me sorrindo. Entreolhamo-nos e ele me disse:

— Você tem o toque certo, Lobsang. Você o está segurando da maneira correta. Mas você terá de lavá-lo antes de usá-lo, e lavar também as mãos! — exclamou.

— Lavá-lo, Honrado Lama! — respondi algo espantado. — Por que devo lavá-lo? Está perfeitamente limpo.

— Sim, mas é necessário que todos os cristais sejam lavados quando mudam de mão. Esse cristal foi manuseado por mim e pelo Mais Sagrado. Ora, você não quer perquirir o meu passado e o meu futuro e, naturalmente, é proibido perquirir o passado, o presente, ou o futuro do Mais Sagrado. Por isso mesmo, vá ao outro quarto — e ele me indicou com a mão a direção que eu devia tomar — e lave as mãos e o cristal. Assegure-se de que usa água corrente na lavagem. Esperarei aqui até que você termine.

Cuidadosamente, envolvi o cristal. Levantei-me da almofada, coloquei-o bem no centro dela para que não caísse no chão. De pé, firmando-me nas pernas, inclinei-me, apanhei o volume e deixei a sala. Era belo segurar o cristal na água.

Esfregando-o, pareceu-me que brilhava de vida, como se fosse parte de mim, me pertencesse, como de fato me pertencia agora. Suavemente, coloquei-o ao lado e lavei as mãos, certificando-me de que usava bastante areia fina. Em seguida, enxaguei-as, lavei novamente o cristal, colocando-o sob uma jarra que inverti enquanto a água descia provocando pequenos arco-íris quando as gotas eram atingidas pela luz do sol. Com o cristal e as mãos limpas voltei ao quarto do meu Guia, o Lama Mingyar Dondup.

— Você e eu seremos muito mais íntimos no futuro. Viveremos em aposentos contíguos, pois assim determinou o Mais Sagrado. A partir de hoje, já não dormirá no dormitório. Estão sendo tomadas providências para que, quando voltarmos a Chakpori amanhã, você tenha um quarto ao lado do meu. Você estudará sob a minha orientação e de Lamas cultos que muito sabem, muito fizeram e que viajaram no astral. Você manterá igualmente o cristal no seu quarto e ninguém deverá tocá-lo, pois isto lhe daria uma influência diferente. Mude agora a almofada e sente-se com as costas contra a luz.

Voltei-me e sentei-me da forma indicada, bem perto da janela, segurando cuidadosamente o cristal nas mãos. O meu Guia, porém, não ficou satisfeito.

— Não, não. Cuidado para que nenhum raio de luz caia sobre o cristal, pois, neste caso, você provocará falsos reflexos no interior. É necessário que não haja pontos de luz no cristal. Você deve estar consciente dele, mas não consciente de sua circunstância exata.

Levantou-se, fechou a cortina de seda impermeável da janela, amortecendo a luz. O quarto encheu-se de um brilho azul-pálido, quase como se o Sol se tivesse posto.

É preciso dizer que havia muito pouco vidro em Lhasa ou, melhor, em todo o Tibete, pois o artigo teria de vir através das montanhas nas costas dos mercadores ou dos animais cargueiros. Além disso, nas tempestades súbitas que caíam com tanta frequência em nossa cidade, o vidro seria imediatamente espatifado pelas pedras trazidas pelo vento. Usávamos rótulos feitos de material diferente, de madeira ou seda impermeável, que impediam a entrada do vento e da poeira. A seda impermeável era melhor porque permitia a passagem dos raios solares.

Finalmente, coloquei-me na posição julgada conveniente pelo meu Guia. Sentei-me com as pernas sob o corpo — não na posição de lótus, pois as pernas, muito feridas, isto não me permitiam — com os pés projetando-se para a direita. Segurei o cristal no regaço de modo a ocultar as mãos. Inclinei a cabeça e fitei-o, ou melhor, tentei penetrá-lo com o olhar, sem realmente vê-lo, sem fixar a vista. Para ver corretamente, teria de focalizar um ponto no infinito, pois se me concentrasse

automaticamente veria manchas, pontos de sujo, ou reflexos, o que usualmente destruía o efeito. Fui instruído, por conseguinte, a concentrar-me num ponto no infinito sem aparentemente fitar o cristal.

Lembrei-me da experiência no templo, das almas errantes, dos cânticos dos nove lamas, marcando as referências às varetas de incenso com o som das campainhas de prata.

O meu Guia endereçou-me um sorriso e disse:

— Não há tempo agora para espreitar ou tentar adivinhar. Você será instruído devidamente, e neste caso, a pressa é inimiga da perfeição. Você aprenderá a segurar a esfera, como está realmente fazendo agora, mas é preciso aprender os diferentes modos de segurá-la, segundo as ocasiões. Se você quiser investigar assuntos mundanos, usará o cristal sobre uma base. Para descobrir algo a respeito de alguma pessoa, é preciso que ela o segure inicialmente. Após, receber de volta o cristal, se estiver devidamente treinado, verá aquilo que quer descobrir.

Justamente nesse momento, um pandemônio explodiu acima de nós. Ouvimos um profundo, tonitruante e discordante som de conchas, parecendo iaques mugindo, um som ululante que subia e descia a escala sonora como um monge excessivamente gordo a gingar. Eu jamais pude discernir música alguma nas conchas; outros podiam, e diziam que ocorria isso comigo porque eu era praticamente surdo aos sons! Após o ruído das conchas, ouvimos o clangor das cornetas, o soar de sinos e as batidas de tambores de madeira. Meu Guia fitou-me e disse:

— Bem, Lobsang, faríamos bem em comparecer ao serviço porque O Mais Sagrado estará presente e constitui cortesia imensa estarmos presentes em nossa última noite aqui na Potala. Irei na frente, mas você pode ir com a rapidez que lhe for possível.

Cuidadosamente, muito cuidadosamente, embrulhei o cristal e depositei-o na caixa octogonal. Coloquei-o na mesa ao lado do assento do meu Mestre, o Lama Mingyar Dondup. Em seguida, desci também o corredor.

Acólitos, monges e lamas corriam em todas as direções. O movimento lembrou-me um formigueiro agitado. As pessoas pareciam apressadas, ansiosas para conseguirem os melhores locais relativos às suas próprias classes. Não me apressei. Tudo que eu queria era alcançar um lugar onde pudesse sentar-me sem ser visto.

Cessou o ruído das conchas. Extinguiu-se o clangor das cornetas. A essa altura, a fila que entrava no templo havia-se reduzido bastante e eu fui um dos últimos a chegar. Estávamos no Grande Templo, o templo frequentado pelo O Mais Sagrado

quando os deveres mundanos lhe davam oportunidade de privar da companhia dos lamas.

Os grandes pilares em que se apoiava o teto pareciam mergulhar na escuridão da noite. Acima de nós, as eternas nuvens de incenso, cinzentas, azuis e brancas, rodopiando, mas jamais se misturando, e sim adquirindo uma tonalidade especial, pois todas pareciam, de alguma maneira, reter a própria individualidade.

Garotos corriam com tochas acendendo mais lâmpadas de manteiga que crepitavam, chiavam e se acendiam. Aqui e ali, notava-se uma lâmpada apagada pois era preciso inicialmente derreter a manteiga para que ela se tornasse líquida como óleo. De outro modo, o pavio que devia simplesmente flutuar, queimava em brasa e a fumaça nos fazia espirrar.

Finalmente, foram acesas lâmpadas em número suficiente. Grandes varetas de incenso foram trazidas e acesas e, logo depois, extinguidas para que apenas as brasas produzissem grandes nuvens de fumaça. Em tomo de mim, os lamas, formando um único grupo, postavam-se em fileira, uma em frente da outra. A fileira seguinte dava-lhes as costas, e assim por diante. Mais adiante, os monges sentavam-se de maneira similar. Além, os acólitos. Ao lado dos lamas, pequenas mesas de mais ou menos trinta centímetros de altura, onde repousavam vários pequenos artigos, incluindo as eternas campainhas de prata. Alguns possuíam tambores de madeira. Logo depois, iniciado o serviço, o Leitor, postado na sua estante de leitura, leu passagens dos nossos Livros Sagrados com o acompanhamento em uníssono dos lamas e dos monges. Ao fim de cada passagem os lamas agitavam as campainhas, enquanto os demais tamborilavam nos tambores com os dedos. Mais uma vez, marcando o término de algum trecho especial do serviço, ouvia-se o som arrastado das conchas a distância, em alguma parte mais sombria do templo. Continuei a observar a cena, que era meramente um espetáculo para mim, meramente uma disciplina religiosa. Resolvi que logo que tivesse tempo perguntaria ao meu Guia por que era necessário comparecer à cerimônia. Perguntei-me se ela tornava o homem melhor, pois conhecera numerosos monges muito devotos, realmente devotos no cumprimento de seus deveres, mas que, fora dos templos e das cerimônias, eram grosseiros e sádicos. Outros, porém, que jamais se aproximavam dos templos mostravam-se bondosos e cheios de consideração e sempre faziam algo para ajudar o pobre garoto confuso que não sabia o que fazer e que temia sempre meter-se em dificuldades, pois tantos eram os adultos que odiavam ser interrogados pelos garotos.

Examinei o centro do Templo, onde se postava o grupo de lamas, e fitei o nosso reverenciado e amado Mais Sagrado, calmo e sereno, envolvido numa

poderosa aura de espiritualidade. Resolvi que tentaria sempre imitá-lo e ao meu Guia, o Lama Mingyar Dondup.

Prosseguiu o serviço e sinto dizer que adormeci por trás de um dos pilares, pois nada mais ouvi até o soar das campainhas, e o tonitruar das conchas e o ruído da multidão que se levantava, acompanhada do som indefinível de pessoas à procura da saída. Esfreguei os olhos com os nós dos dedos, e tentei parecer inteligente e desperto, como se estivesse prestando atenção.

Cansadamente acompanhei o grupo, mais uma vez na extremidade da fila, tomando o caminho do dormitório coletivo, feliz porque, após aquela noite, não mais dormiria cercado por uma multidão de garotos que dilaceravam a noite com roncos e choros. Na noite seguinte, poderia dormir sozinho.

No dormitório, enquanto me envolvia num cobertor, um rapaz tentava dizer-me como era maravilhoso ter um lugar próprio. Ele, porém, bocejou pesadamente em meio da frase e caiu simplesmente no chão, profundamente adormecido. Fui até a janela, envolvido no cobertor, olhei novamente a noite estrelada, a espuma de neve que o vento soprava dos picos montanhosos, belamente iluminados pelos raios da Lua nascente. Deitei-me também e dormi. Em nada pensei. O sono foi tranquilo e sem sonhos.

11

Juntos descemos os corredores até chegar ao pátio interno onde monges-palafreneiros seguravam dois cavalos, um para o meu Guia, o Lama Mingyar Dondup, e o segundo para este infeliz cavaleiro! O meu Guia, com um gesto, disse ao rapaz que me ajudasse a montar. Senti-me grato, ferido como estava, pois um cavalo e eu jamais chegávamos juntos ao mesmo lugar. Se tentava montar, o cavalo movia-se e eu caía no chão ou, se esperava que ele se movesse e tentava subir com um salto, ele não fazia o mesmo e eu ultrapassava a miserável criatura. Desta vez, porém, com a desculpa das pernas feridas, fui ajudado e, imediatamente, fiz uma dessas coisas que Não se Faz! Comecei a cavalgar à frente de meu mestre. Ele riu alto, sabendo que eu não conseguia controlar o infeliz animal. O cavalo deixou o pátio e desceu o caminho enquanto eu me agarrava nele, procurando defender a vida, temeroso de rolar montanha abaixo.

Costeei a muralha externa. Uma face gorducha e cordial apareceu numa janela imediatamente acima e gritou:

— Adeus, Lobsang, volte breve! Teremos cevada fresca na semana que vem, boa coisa, melhor do que a que tivemos ultimamente. Venha ver-me logo que aparecer.

O monge-cozinheiro ouviu o ruído do segundo cavalo, voltou os olhos para a esquerda e gritou:

— Oh! Ai! Honrado Lama-Médico, perdoe-me!

Surgindo o meu Guia no caminho, o pobre monge-cozinheiro pensou haver cometido uma "impertinência". O cordial sorriso do meu Guia, porém, imediatamente colocou-o à vontade.

Desci a montanha, com o meu Guia rindo atrás de mim.

— Devemos passar cola no cavalo quando você montar, Lobsang! — disse, rindo à socapa.

Devolvi-lhe o olhar sombriamente. Para ele, não havia problema. Era um homem de alta estatura, de mais ou menos um metro e oitenta e noventa quilos de peso. Possuía músculos, cérebro e eu não tinha dúvida de que, se quisesse, podia levantar o cavalo e conduzi-lo montanha abaixo, em vez de ser conduzido por ele.

Eu, por outro lado, sentia-me como uma mosca pousada sobre a criatura. Pouco podia fazer para controlá-la e, com grande frequência, por pura perversidade e sabendo que estava gelado de medo, o cavalo aproximava-se da beira do caminho, olhando diretamente para um bosque de salgueiros lá em baixo, relinchando, presumivelmente divertido enquanto assim agia.

Chegamos ao sopé da montanha e tomamos a Estrada Dopdal, pois, antes de prosseguir até Chakpori, teríamos de fazer uma visita a uma das repartições do governo na Aldeia de Shö. Em lá chegando, o meu Guia, revelando grande consideração, amarrou-me o cavalo e levantou-me da sela, dizendo-me:

— Fique por aqui, Lobsang. Não demorarei mais de dez minutos. — Apanhou uma sacola e dirigiu-se a uma das repartições, deixando-me sentado sobre um monte de pedras.

— Muito bem! Muito bem! — disse uma voz contrita atrás de mim. — Vimos o Lama do Manto Amarelo apear-se e aqui está o seu auxiliar para cuidar dos animais. Como vai, jovem senhor?

Voltei-me e notei um pequeno grupo de peregrinos, de línguas estiradas, fazendo o cumprimento tibetano tradicional com que os inferiores saúdam os superiores. O meu peito inchou de orgulho. Desfrutei sem pejo da glória de ser "o acompanhante do Lama do Manto Amarelo".

— Oh! — repliquei. — Vocês jamais devem abordar assim de surpresa um sacerdote. Estamos sempre entregues à meditação, vocês sabem, e um choque súbito prejudica-nos muito a saúde. — Fiz uma carranca de desaprovação, olhei-os de cima para baixo, e continuei: — Meu mestre e Guia, o Lama Mingyar Dondup, o Manto Amarelo, é um dos lamas mais importantes daqui. É realmente um grande homem. E eu não os aconselharia a se aproximarem do seu cavalo, que é também importante, pois conduz um cavaleiro tão ilustre. Mas, andem, andem, e não se esqueçam de percorrer o circuito da Estrada do Círculo, pois isto lhes fará um grande bem! — Com essas palavras, dei-lhes as costas, alimentando a esperança de ter agido como um autêntico monge e de ter provocado uma impressão favorável.

Uma risadinha fez-me levantar a vista, sentindo-me algo culpado. Ao meu lado, um mercador palitava os dentes com um pedaço de palha, com uma mão nos quadris e a outra muito ocupada na boca.

Apressadamente, olhei em torno e notei que os peregrinos, como eu ordenara, continuavam em seu caminho.

— Bem? O que é que o senhor quer? — perguntei ao velho mercador, que me observava através dos olhos apertados. Ele tinha uma face marcada e enrugada pelos

anos. — Não tenho tempo a perder!

O velho sorriu benevolentemente:

— Ora, ora, Jovem Senhor, não seja assim tão rude com um velho mercador, que tem tanta dificuldade em sobreviver nestes tempos tão difíceis. Terá por acaso alguns adereços, alguma coisa que trouxe da Casa Grande lá em cima? Posso oferecer-lhe um bom preço por um cabelo ou um fragmento do manto de um lama. Posso oferecer-lhe ótimo preço por alguma coisa que tenha sido abençoada por um dos grandes lamas, como o seu Mestre do Manto Amarelo. Fale, Jovem Senhor, fale antes que ele volte e nos surpreenda.

Dei uma fungadela enquanto olhava. Não. Mesmo que tivesse uma dúzia de mantos, em absoluto os venderia para serem negociados por falsários e charlatães. Nesse momento, para minha alegria, o meu Guia aproximou-se. O velho mercador notou-o também e afastou-se gingando.

— O que é que você estava tentando fazer? Entrar para o comércio? — perguntou-me o meu Guia.

— Não, Honrado Mestre — respondi. — Ele queria comprá-lo, ou alguma coisa sua, fios de cabelos, mantos, pedaços de manto, ou qualquer coisa que, pensa ele, eu pudesse roubar.

O Lama Mingyar Dondup sorriu, mas havia uma nota de desalento em seu riso, quando se voltou para o mercador, que se afastava apressado.

— É uma pena que esses indivíduos estejam sempre procurando tirar proveito. É uma pena que estejam sempre tentando conseguir algo e atribuir-lhe um falso valor. Afinal de contas não é o manto amarelo que importa, mas a alma de quem o veste. — Com essas palavras, ergueu-me com um fácil movimento e colocou-me na sela. O cavalo pareceu tão surpreso como eu próprio. Desatou as rédeas (como se eu soubesse o que fazer com elas). Montando o seu próprio animal, partimos.

Descemos o Mani Lhakhand, passamos pelas últimas casas da Aldeia de Shö, pelo Pargo Kaling e cruzamos a pequena ponte sobre o tributário do Kaling Chu. Dobramos à esquerda, passando pelo pequeno Kundu Park e tomamos a estrada que conduzia ao nosso próprio Chakpori.

A estrada, acidentada, pedregosa e difícil, exigia um cavalo de pés firmes. A Montanha de Ferro, onde se erguia o Chakpori, é mais alta do que a montanha onde se situa a Potala. O pico rochoso, porém, era menor, mais íngreme e difícil. O meu guia liderou o caminho. O seu cavalo deslocava pequenas pedras, que rolavam pelo caminho em minha direção. O meu cavalo seguia, escolhendo cuidadosamente o caminho. Olhei para a direita — para o sul — para onde corria o Rio Feliz, o Kyi

Chu. Abaixo, o Parque das Joias, o Norbu Linga, onde O Mais Sagrado desfrutava de seus raros momentos de recreação. No momento, o parque estava deserto. Vi apenas alguns monges-jardineiros arrumando o lugar após a recente tempestade. Nenhum dos lamas mais categorizados estava à vista. Lembrei-me que antes de ferir as pernas eu gostava de deslizar pela encosta da montanha, cruzar a Estrada de Lingkor e penetrar no Parque das Joias, ou Norbu Linga, usando o que julgava ser o meu caminho supersecreto.

Chegamos ao cume da montanha, à área pedregosa, pouco antes das muralhas de Chakpori, que envolvia nossa lamaseria. O monge de guarda no portão deu-nos as boas vindas e dois outros apareceram rapidamente para tomar as rédeas de nossos cavalos. Despedi-me do meu animal com a maior das alegrias, embora gemendo um pouco quando senti o peso voltar-me às pernas.

— Preciso examinar as suas pernas, Lobsang. Elas não estão sarando tão bem como eu esperava, — disse o Meu Guia. Um monge encarregou-se da bagagem do lama e afastou-se rapidamente. O meu mestre entrou na Lamaseria avisando-me: — Vê-lo-ei dentro de uma hora.

A Potala era demasiadamente pública para mim, demasiadamente "majestosa". Éramos obrigados a andar sempre alerta com receio de incomodar acidentalmente um monge categorizado ou um lama principiante. Os lamas mais categorizados jamais se importavam. Eles tinham coisas mais importantes com que se preocupar do que se uma pessoa os olhava ou aparentemente os ignorava. Como sempre, são os indivíduos inferiores que criam casos. Os superiores são bondosos, cheios de consideração e compreensão.

Vagueei pelo pátio, pensando que seria oportuno fazer uma refeição. Nesta fase de minha carreira o alimento era uma das coisas mais importantes, pois o tsampa, a despeito de todas as suas vantagens, deixava-nos bastante esfomeados!

Percorrendo os corredores, encontrei diversos contemporâneos, rapazes que haviam ingressado na lamaseria mais ou menos na minha mesma época. Agora, porém, havia uma grande diferença. Não era mais um rapaz comum, outro jovem a ser treinado ou controlado. Estava sob a proteção especial do Grande Lama Mingyar Dondup, o usuário do Manto Amarelo. Já se espalhava o boato de que eu receberia instrução especial, que teria um quarto na ala dos lamas, que faria isto ou aquilo. Alegrou-me notar que minhas façanhas, reais ou imaginárias, já eram conhecidas. Um dos garotos disse alegremente a outro que me vira ser erguido por uma grande lufada de vento e transportado até o Telhado Dourado.

— Eu vi com os meus próprios olhos, — disse ele. — Eu estava aqui mesmo e o vi lá, sentado no chão. Caiu a grande ventania de pó e eu vi Lobsang subir nos

céus. Ele me deu a impressão de que lutava contra demônios no telhado. Em seguida, — o garoto parou dramaticamente e rolou os olhos, dando ênfase às palavras. — Em seguida… ele caiu diretamente nos braços de um dos lamas guardiões do templo. — Ouvi um suspiro de admiração, de espanto e inveja, e o garoto continuou: — Lobsang foi em seguida apresentado ao O Mais Sagrado, o que trouxe distinção e honra à nossa classe!

Abri caminho entre os amantes das sensações, a horda de garotos e jovens monges, todos esperançosos de que eu fizesse alguma declaração extraordinária, uma espécie de Revelação dos Deuses. Eu queria comida. Abri caminho a cotoveladas, e desci o corredor em direção a um lugar muito conhecido… a cozinha.

— Ah! Então voltou, eh? Muito bem, sente-se, sente-se. Vou lhe dar uma boa refeição. Pelo que vejo não o alimentaram bem na Potala. Sente-se.

O velho monge-cozinheiro aproximou-se, acariciou-me a cabeça e fez-me sentar sobre uma pilha de sacos vazios de cevada. Enfiou a mão no meu manto e retirou minha tigela. Afastou-se, limpou-a cuidadosamente (não que isso fosse necessário) e aproximou-se do caldeirão mais próximo. Voltou logo depois, derramando *tsampa* e chá por toda parte, fazendo-me encolher as pernas para evitar sujar o manto.

— Muito bem, rapaz! — disse ele, pondo-me a tigela nas mãos. — Coma logo, porque logo vão lhe chamar. O Abade quer saber o que aconteceu. — Felizmente, outra pessoa entrou e ele me deixou em paz e eu pude comer o meu *tsampa*.

Resolvido o assunto, agradeci-lhe cortesmente. Ele era um bom homem. Julgava que os garotos eram uns trastes incômodos, mas não tão incômodos se alimentados devidamente. Dirigi-me para o grande depósito de areia fina, limpei cuidadosamente a tigela. Tomei da Vassoura e varri a areia que caíra no chão. Voltei-me e fiz-lhe uma mesura, que o surpreendeu agradavelmente, e saí.

Fui até o fim do corredor, descansei os braços contra a parede e olhei para fora. Lá embaixo, o pântano e, mais além, o rio. Eu, porém, observava o Kashya Linga. O barqueiro parecia-me inusitadamente ocupado naquele dia. Curvado sobre os remos, de pé, ele os empurrava vigorosamente. O barco de pele de iaque parecia transbordar de pessoas e embrulhos. Perguntei-me por que todo aquele movimento em direção à nossa Cidade Sagrada. Lembrei-me em seguida dos russos, que vinham exercendo bastante pressão sobre o nosso país, e dos ingleses, que faziam também considerável agitação. Os russos enviaram atualmente numerosos espiões a Lhasa, disfarçados em mercadores, pensando que nós, pobres nativos ignorantes, jamais os descobriríamos. Eles esqueciam, ou talvez nem mesmo soubessem, que numerosos lamas eram telepatas e clarividentes e que sabiam o que eles pensavam quase no

exato momento em que os pensamentos se formavam em suas mentes.

Agradava-me observar os diferentes tipos de pessoas e adivinhar-lhes os pensamentos, procurando descobrir se eram boas ou más. Com a prática, isto se tornava fácil, mas a ocasião não era oportuna para observar os demais. Queria voltar a ver o meu Guia e descansar um pouco. As pernas me doíam e eu estava realmente cansado. Meu Guia iria à Cerca da Rosa Selvagem antes que eu ficasse realmente bom para caminhar sem dificuldade. Na verdade, eu devia passar mais uma semana deitado, repousando, pois Chakpori — embora fosse um bom lugar — não era exatamente o ideal para garotos com ferimentos que custavam a sarar e que perturbavam a rotina regular. Por isso mesmo, fora obrigado a ir à Potala onde, estranhamente, havia mais facilidades para tais atenções do que em nosso próprio "Templo da Cura".

Em Chakpori, os bons estudantes eram treinados na arte da cura. Aprendíamos tudo a respeito do corpo e do funcionamento dos vários órgãos. Ensinavam-nos acupuntura, a arte da introdução de delgadas agulhas no corpo a fim de estimular certos centros nervosos. Instruíam-nos a respeito de ervas, como colhê-las, depois de devidamente identificadas, prepará-las, armazená-las e secá-las. Possuíamos em Chakpori grandes edifícios em que os monges, sob a supervisão dos lamas, preparavam incansavelmente unguentos e ervas. Lembrei-me da primeira ocasião em que os havia visto.

Espiei por uma porta, hesitante, temeroso, sem saber o que havia lá e se seria visto. Estava curioso por que meus estudos não havia alcançado ainda fase do tratamento com ervas. Profundamente interessado, continuei a examinar o local.

A sala era espaçosa, com um teto alto, formado de caibros. De grandes vigas, que se estendiam de um lado a outro, pendiam armações triangulares de cordas. Observei a cena durante algum tempo, incapaz de entender a finalidade das cordas. Em seguida, focalizei os olhos na sombria parte interior do aposento e notei que outras cordas estavam presas a sacos de couro que, graças a tratamento apropriado adquiriam a consistência da madeira. Sobre os sacos, palavras pintadas, que nada significavam para mim. Continuei a observar, ignorado, até que um velho lama voltou-se e me viu. Sorriu bondosamente e disse:

— Entre, rapaz, entre. É um prazer ver que um menino tão novo já demonstra interesse. Entre.

Relutantemente, dirigi-me a ele. Pondo a mão no meu ombro, ele, para minha surpresa, começou a explicar-me o que se fazia ali, indicando as diferentes ervas, falando da diferença entre pó, chá, e unguentos. Simpatizei com o velho. Ele parecia ter sido notavelmente suavizado pelas ervas.

Exatamente em frente de nós estendia-se uma longa mesa de pedra, muito áspera. Não sei exatamente que tipo de pedra, mas, provavelmente, granito. Era plana, de cerca de quatro metros e meio de comprimento por um metro e oitenta de largura, formando uma lage sólida. Nos lados da mesa, os monges espalhavam molhos de ervas. Esta é a palavra exata, porque pareciam realmente molhos, uma massa de vegetação marrom. Espalhavam as ervas, e, com pedaços chatos de pedra, parecendo tijolos, comprimiam-nas com um movimento lateral. As ervas estavam sendo maceradas — reduzidas a pedaços. Continuaram o trabalho até que restou somente uma polpa fibrosa. Terminada essa fase, outros monges aproximaram-se com baldes de couros e pedras com gume serrilhado. Cuidadosamente, rasparam a mesa de pedra e colocaram a matéria fibrosa nos baldes. Finda essa parte, os primeiros monges espalhavam areia fina sobre a mesa e começaram a esfregá-la com pedras, limpando-a e, ao mesmo tempo, preparando-se para recomeçar o processo de maceração.

Os monges encarregados dos baldes de couro levaram o material fibroso até a extremidade da grande sala, onde havia caldeirões de água fervente. Um após outro, esvaziaram o conteúdo nos caldeirões. Os caldeirões borbulhavam e fumegavam, mas, logo que o material fibroso foi depositado, parou o borbulhar. O velho lama conduziu-me até lá, examinou o caldeirão, apanhou um bastão e mexeu o material, dizendo:

— Olhe! Estamos fervendo o material. Vamos mantê-lo fervendo até que a água se evapore e consigamos um xarope grosso. Vou lhe mostrar o que faremos com ele.

Levou-me a outra parte da sala. Vi grandes jarros cheios de xarope, com rótulos diferentes.

— Este — observou, apontando para determinado jarro — é o que damos aos que sofrem de infecções catarrais. Tomam uma pequena quantidade do remédio e, conquanto o gosto não seja bom, é muito mais agradável do que o catarro. De qualquer modo, cura-os!

Riu de bom humor e levou-me a outra mesa, numa sala contígua. Um grupo de monges trabalhava num banco de pedra, parecendo uma fossa rasa. Com grandes colheres, misturavam grande número de ingredientes sob a supervisão de outro lama. O velho lama que me servia de amável cicerone explicou:

— Temos aqui óleo de eucalipto, misturado com óleo de cânfora. Misturamos esses ingredientes com azeite de oliveira importado, muito caro. Em seguida, os monges o misturam com manteiga. A manteiga forma uma base fina para o

unguento. Pessoas que sofrem de doenças do peito sentem grande alívio quando o unguento é esfregado no peito e nas costas.

Cautelosamente, estendi um dedo e apanhei uma bolha do preparado na borda da fossa. Ainda mais cautelosamente, cheirei-a. Senti que os olhos se me cruzavam. O cheiro parecia queimar-me, destruir-me os pulmões por dentro. Contive a tosse, embora quisesse fazer isso urgentemente, temeroso de explodir. O velho lama riu gostosamente e disse:

— Se você puser isso no nariz vai perder a pele das narinas. É material concentrado e vai ser ainda diluído em mais manteiga.

Mais adiante, alguns monges cortavam as pontas de certas folhas secas, peneirando-as cuidadosamente através de um pedaço de tecido que me pareceu uma malha muito fina.

— Esses monges estão preparando chás especiais. Por chá entendemos uma infusão de ervas que podem ser bebidas. Este tipo especial de chá — ele se voltou para mim e indicou-me o material — é antiespasmódico e produz alívio em caso de convulsões. Quando chegar a sua ocasião de trabalhar aqui, você julgará tudo isso extremamente interessante. — Nesse momento, alguém o chamou e ele me disse antes de partir: — Olhe à vontade, rapaz, veja à vontade. Fico muito satisfeito em ver alguém tão interessado em nossas artes. — Com essas palavras, voltou-se e dirigiu-se apressadamente para outra sala.

Andei de um lado para outro, cheirando isto e aquilo. Cheirei tanto um tipo especial de pó que ele me desceu pelas narinas e garganta fazendo-me tossir como um desgraçado, até que outro lama apareceu e me deu um gole de chá. Chá péssimo, aliás.

Recuperei-me e dirigi-me até uma parede distante onde havia um grande barril. Surpreendi-me porque parecia estar cheio de casca de árvore, uma casca estranha, que eu jamais vira antes. Segurando um pedaço, notei que se esfarinhava nas mãos. Fiquei algo espantado porque não conseguia atinar para o possível uso desses pedaços sujos de casca, muito mais sujos e ásperos do que tudo o que eu vira em nossos parques. Um lama aproximou-se e disse-me:

— Então não consegue atinar com o que é isto, eh?

— Não, Honrado Lama Médico, — repliquei. — Parece-me simplesmente uma coisa sem utilidade.

Ele riu, altamente divertido, e respondeu:

— Isto, jovem, é uma casca usada na doença mais comum do mundo moderno, uma casca que proporciona alívio e que já salvou numerosas vidas. Será

que não consegue imaginar o que é? Qual é a doença mais comum?

Senti-me realmente confuso. Pensei, pensei e não cheguei a uma conclusão sensata. Confessei-lhe minha ignorância. Ele sorriu e explicou-me:

— Prisão de ventre, jovem, prisão de ventre. A maior maldição do mundo. Isto é casca sagrada, que importamos da Índia. É denominada casca sagrada porque vem de um país muito distante, o Brasil, onde é chamado de cascara sagrada. Usamo-la como chá ou, em casos excepcionais, fervemo-la até conseguir um destilado que misturamos com certos tipos de greda e açúcares e transformamos em pílulas, especialmente para pessoas que não suportam o gosto acre do chá. — Sorriu bondosamente, por certo satisfeito com o meu interesse. Tudo aquilo me pareceu realmente interessante.

O primeiro lama que me havia atendido reapareceu apressadamente e perguntou-me como ia minha exploração. Sorriu quando viu que eu tinha ainda nas mãos um pedaço de cascara sagrada.

— Mastigue-a, rapaz, mastigue-a. Far-lhe-á um grande bem. Curá-lo-á de qualquer tosse, pois você ficará com receio de tossir depois de mastigá-la! — Riu como um pequeno duende, pois, embora fosse um importante Lama Médico, era também um homem de pequena estatura.

— Aqui, aqui — disse ele — veja aqui, isto é do nosso próprio país. Elmo escorregadio, nós o chamamos, a casca do elmo escorregadio. Muito útil para as pessoas que sofrem de perturbações gástricas. Misturamo-la, fazemos uma pasta, o pobre doente toma o remédio e ele lhe alivia a dor. Mas tenha paciência, rapaz, tenha paciência. Quando você vier trabalhar conosco, temos a certeza de que descobriremos que você tem um grande futuro.

Agradeci-lhe e ao outro lama pela bondade e parti, encerrando a primeira de muitas visitas ao local.

Ouvi passos apressados. Um garoto informou-me de que meu Guia, o Lama Mingyar Dondup, esperava-me em seus aposentos, agora quase meus, pois eu teria um quarto junto ao seu. Apertei o manto contra o corpo, tentando parecer elegante, e estuquei o passo, ansioso para descobrir que tipo de lugar me haviam destinado.

12

O quarto era agradável, pequeno, mas, ainda assim, bastante amplo para as minhas necessidades. Notei realmente satisfeito duas pequenas mesas baixas, uma delas coberta por um número considerável de revistas e jornais. Na outra, guloseimas elegantemente dispostas — os doces de que eu tanto gostava. Ao entrar, um monge-atendente sorriu e disse:

— Os Deuses da Fortuna certamente o protegem, Lobsang. No quarto ao lado, reside o Excelso Lama Myngiar Dondup. — Eu sabia disso e ele nada me contava de novo. — Há uma porta de comunicação entre os aposentos. Mas você deve lembrar-se de que jamais deve cruzar a porta sem permissão de seu Guia, pois ele talvez esteja entregue a profunda meditação. Passará ainda algum tempo até que você o possa ver e por isso sugiro que experimente aqueles alimentos. — Com essas palavras, voltou-se e deixou o quarto. MEU quarto! As palavras soavam bem. Era maravilhoso possuir um quarto particular depois de ter dormido com tantos outros rapazes.

Dirigi-me à mesa, curvei-me e examinei cuidadosamente os alimentos. Após uma angustiante incerteza, decidi experimentar algo rosado, com uma cobertura branca. Apanhei-o com a mão direita e, para não perder a oportunidade, outro com a mão esquerda. Aproximei-me em seguida da janela procurando descobrir onde se localizava exatamente o quarto no edifício.

Descansei os braços sobre a pedra do caixilho da janela recuada, enfiei a cabeça pela abertura, murmurando uma palavra impublicável ao deixar cair um dos bolos. Apressadamente, segurei o outro com cuidado para que não tivesse a mesma sorte e voltei a examinar a passagem.

Encontrava-me ao extremo da ala meridional do edifício, no último quarto à direita da esquina do anexo. Descortinava perfeitamente o Parque das Joias — o Norbu Linga. No momento, havia lá certo número de monges agitados, aparentemente em um debate, com abundância de gesticulação. Observei-os durante alguns ociosos momentos. Pareciam-me bastante divertidos. Um deles sentava-se no solo enquanto outro declamava. Em seguida, trocavam de posição. Oh! — sim, eu sabia o que faziam. Ensaiavam para os debates públicos, de cujos

trabalhos participaria o próprio Dalai Lama. Convencido de que não perdera coisa alguma que precisasse saber, voltei a atenção para outros assuntos.

Alguns peregrinos perambulavam pela Estrada Lingkor — zanzando como se esperassem encontrar ouro debaixo de cada arbusto ou de cada pedra. Formavam um grupo variado. Alguns eram peregrinos ortodoxos, realmente sinceros. Outros, via-se claramente, eram espiões, russos, que espionavam os chineses e a nós mesmos, e chineses que espionavam os russos e a nós. Pensei comigo que enquanto se espionassem mutuamente eles nos deixariam em paz! Diretamente abaixo da minha janela, havia um pântano, cortado por um rio que desembocava no Rio Feliz. Uma ponte fazia ligação com a Estrada Lingkor. Distraí-me com a cena, pois havia lá um pequeno grupo de garotos da cidade — Cabeças Pretas, como os chamávamos, pois não raspavam a cabeça como nós, monges. Brincavam na ponte, atirando pequenos gravetos de um lado e correndo para o outro para vê-los reaparecer. Um rapaz, precariamente equilibrado com a pouca ajuda de um dos companheiros, caiu e mergulhou de cabeça na água. O incidente, porém, não foi sério e ele conseguiu arrastar-se para a margem, coberto da cabeça aos pés com um tipo de lama especialmente pegajosa com que, por azar, eu travara conhecimento naquele mesmo rio. Em seguida, os garotos correram para a praia e ajudaram o colega a limpar-se pois sabiam o que os pais lhes diriam se voltassem para Lhasa e deixassem o amigo naquele estado horrendo.

Mais além, o barqueiro continuava na sua faina, com grande demonstração de esforço, na esperança de extrair mais um pouco de dinheiro dos passageiros que transportava de uma margem para outra. O assunto realmente me interessava, pois eu jamais estivera em um barco. Naquela ocasião, isso constituía realmente o auge de minhas ambições.

Um pouco mais distante da estrada que conduzia ao ancoradouro havia outro parque, o Kashya Linga, ladeando o caminho que conduzia à Missão Chinesa. Eu via claramente as paredes da missão e o jardim, embora bem protegido pelas árvores. Nós, rapazes, pensávamos sempre que horríveis atrocidades eram cometidas na Missão Chinesa. E quem sabe? Era bem possível que tivéssemos razão.

Mais adiante, estendia-se o Khati Linga, um parque bastante agradável, embora algo úmido, situado em terreno pantanoso. Mais adiante ainda, a Ponte Turquesa, cujo aspecto me enchia de satisfação. Gostava de ver as pessoas entrarem na estrutura coberta a emergirem do outro lado.

Além da Ponte Turquesa, divisava-se a Cidade de Lhasa, o Palácio da Prefeitura e, naturalmente, o telhado dourado de Jo Kang, a Catedral de Lhasa, talvez o edifício mais antigo do país. Mais adiante ainda, erguia-se a cordilheira, pontilhada

de eremitérios e das grandes estruturas das diferentes lamaserias. Sim, agradava-me o quarto. Ocorreu-me, então, que não podia distinguir a Potala. Simultaneamente, cruzou-me pela mente a ideia de que os altos servidores da Potala tampouco podiam me ver. Se eu lançasse pedras ou torrões de tsampa sobre os descuidados peregrinos ninguém me veria e as vítimas atribuiriam às aves as travessuras!

No Tibete não há camas. Dormimos no chão. Na maioria das vezes, não possuíamos almofadas nem colocávamos coisa alguma sobre o assoalho. Simplesmente nos envolvíamos em cobertores e nos deitávamos, às vezes usando o manto como travesseiro. Não era tempo ainda de recolher-me, porém. Sentei-me com as costas contra a janela, com a luz sobre os ombros, e apanhei uma revista. O título pouco significava para mim. Poderia ser inglesa, francesa ou alemã. Não podia lê-las. Esta revista, porém, pareceu-me ser indiana. Apresentava numa espécie de mapa na capa e eu reconheci alguns dos homens, algumas das formas das palavras.

Folheei as páginas. As palavras nada significavam para mim. Dediquei toda a atenção às ilustrações. Senti-me contente, julgando que o meu destino mudara para melhor. Sentia-me perfeitamente feliz ali sentado, examinando as ilustrações enquanto meus pensamentos divagavam. Preguiçosamente, virei as páginas, parei surpreso e ri comigo mesmo. Nas duas páginas centrais havia um grupo de ilustrações mostrando homens equilibrados sobre a cabeça, dando todos os tipos possíveis de nós no corpo, fazendo contorções, e coisas assim. Eu sabia o que era — exercícios de ioga, uma espécie de culto na Índia. Ri alto diante de algumas das expressões. Interrompi-me, porém, bruscamente, ao levantar os olhos e notar o meu Guia, o Lama Mingyar Dondup, sorrindo-me através da porta de comunicação.

Antes de poder levantar-me, ele me deteve com um gesto.

— Não. Não queremos formalidades aqui, Lobsang. A formalidade é conveniente em ocasiões formais, mas este quarto é o seu lar, como aquele é o meu. — Disse, fazendo um gesto em direção à porta. — Mas por que é que você estava rindo tanto?

Controlei a jovialidade e apontei para as poses de ioga. O meu Guia entrou no quarto e sentou-se ao meu lado.

— Você não deve rir das crenças do próximo, pois você também não gostaria que fizessem o mesmo com você. Esses homens — ele indicou as ilustrações — estão praticando a ioga. Eu não pratico ioga nem tampouco os lamas mais categorizados. Somente os que não têm capacidade de realizar coisas metafísicas a praticam.

— Mestre! — disse eu, algo excitado. — Pode me contar algo a respeito da

ioga, o que é, como se pratica? Sinto-me muito confuso a respeito desse assunto.

O meu Guia examinou os dedos durante alguns momentos e em seguida respondeu-me:

— Bem, você tem de aprender essas coisas. Podemos falar a respeito delas agora. Dir-lhe-ei algo sobre o assunto.

Permaneci sentado, escutando as palavras de meu Guia. Ele havia estado em toda parte, visto e feito muito! Eu nada almejava tanto como imitá-lo. Escutei-o com mais atenção do que um garoto o faria normalmente.

— Eu não estou interessado em ioga — começou ele — porque a ioga é meramente um meio para disciplinar o corpo. Se a pessoa já domina o corpo, a ioga transforma-se em mero desperdício de tempo. Em nosso país, ninguém, salvo as classes muito baixas, praticam-na. Os indianos transformaram praticamente a ioga em culto. Lamento isso profundamente, pois desvia o homem das Verdades reais. Admito que, antes de poder fazer as várias práticas metafísicas, o homem deve controlar o corpo, a respiração, as emoções e os músculos. Mas — ele sorriu — sou contrario à ioga porque ela simplesmente tenta conseguir pela força bruta o que se deve alcançar por meios espirituais.

Enquanto falava, eu examinava as ilustrações. Pareceu-me realmente notável que pessoas quisessem se dar nós e pensassem que isto era ser espiritual. Meu Guia, porém, continuou:

— Numerosos indianos de tipos inferiores podem realizar certas formas de truques mediante emprego de ioga. Conseguem hipnotizar e fazem vários outros truques, convencendo-se de que isso constitui algo autenticamente espiritual. Mas são puros truques, e nada mais. Jamais ouvi falar de alguém que alcançasse os Paramos Celestiais graças à habilidade de dar nós no corpo — disse rindo.

— Mas por que as pessoas fazem essas coisas tão estranhas? — perguntei.

— Há certas coisas, certas manifestações físicas, que podem ser alcançadas pela ioga. Não há dúvida de que, se praticá-la, o homem poderá talvez desenvolver certos músculos, mas isso não o ajudará a desenvolver-se espiritualmente. Numerosos indianos fazem exibições. São chamados de faquires. Viajam de aldeia a aldeia, de cidade a cidade, dando espetáculos, talvez se atando nós, como você diz, mantendo o braço sobre a cabeça durante longos períodos, ou fazendo outras coisas estranhas. Adotam uma pose sagrada, como se estivessem praticando a coisa mais maravilhosa do mundo e, porque constituem uma minoria barulhenta, que se nutre da publicidade, convencem as pessoas de que a ioga é um caminho fácil para alcançar as Grandes Verdades. Isto constitui um erro clamoroso. A ioga simplesmente ajuda a

pessoa a desenvolver, controlar, ou disciplinar o corpo, e não a alcançar a espiritualidade.

Riu, e continuou:

— Você talvez não acredite, mas, quando era muito jovem, eu tentei a ioga. Descobri que desperdiçava muito tempo tentando fazer alguns exercícios infantis e que não me sobrava tempo para dedicar-me ao progresso espiritual. Aconselhado por um ancião muito sábio, renunciei à ioga e entreguei-me a coisas sérias. — Fitou-me e, em seguida, estendeu o braço na direção de Lhasa, movendo-o em círculo para incluir a Potala, e disse: — Em nosso país os lamas mais evoluídos não a praticam. Eles se dedicam ao que é realmente importante. — Ele alçou uma sobrancelha e fitou-me, dizendo: — Você descobrirá que os iogues fazem grande agitação pública, dizem que são maravilhosos, importantes, e que possuem as chaves para a salvação e a espiritualidade. Ainda assim, o autêntico iniciado em metafísica jamais fala sobre o que pode realmente fazer. Infelizmente, os iogues constituem uma minoria barulhenta que tenta influenciar a opinião pública. Meu conselho a você, Lobsang, é o seguinte: jamais se preocupe com a ioga. Ela é inteiramente inútil a você. Você nasceu com certos poderes, clarividência, telepatia, etc, e não tem absolutamente necessidade de perder seu tempo com ela. Ela pode ser mesmo nociva.

Enquanto falava, eu folheava as páginas, distraído. Apurei em seguida a vista porque vi o que me pareceu um ocidental da expressão contorcida, tentando fazer um exercício. Chamei a atenção do meu Guia, que examinou a ilustração e disse:

— Ah, sim, uma vítima da ioga, um ocidental que tentou praticar um exercício e, no processo, deslocou um osso. Os ocidentais não devem praticar a ioga, pois os seus ossos e músculos não são suficientemente flexíveis. Deve-se praticar a ioga (se a pessoa realmente o quiser!) apenas se houver treinamento desde idade bem tenra. No caso de pessoas de meia idade… bem, é tolo e realmente prejudicial. É ridículo, porém, dizer que a prática da ioga provoca doenças. Não provoca. Exercita apenas certos músculos e, ocasionalmente, a pessoa desloca um osso ou distende um músculo. Mas isso é culpa da própria pessoa, que não deve se intrometer nessas coisas. — Riu, dobrou o papel, e continuou. — Os iogues que conheci foram todos uns excêntricos. Julgavam-se as pessoas mais inteligentes do mundo, mais sábias, e pensavam que a prática da ioga constituía a salvação do mundo. Mas em vez disso, é apenas um exercício, como quando garotos sobem numa árvore, andam com pernas de pau, ou correm para empinar uma pipa. Ioga? Apenas um exercício físico, nada mais. Nada espiritual. Possivelmente, pode ajudar, pois melhora a condição física e permite que a pessoa a esqueça e se preocupe com as coisas que realmente importam, as coisas do espírito. Afinal de contas, após alguns anos, todas as pessoas

deixam o corpo e pouco importa se o corpo possui músculos rígidos e ossos fortes. A única coisa que conta é o estado do espírito.

Ele retomou o assunto, dizendo:

— Oh, devo adverti-lo ainda do seguinte: numerosos praticantes da ioga esquecem que se trata apenas de um culto de treinamento físico. Em vez disso, aprendem algumas de nossas práticas ocultas de cura e dizem que elas constituem um apêndice da ioga. Isto é inteiramente falso. Todas as artes da cura podem ser praticadas por pessoas inteiramente ignorantes da ioga e, frequentemente, muito melhor. Por isso mesmo — e ele apontou-me o dedo severamente — jamais sucumba à publicidade da ioga. Ela pode realmente desviá-lo do Caminho.

Voltou-se, dirigiu-se ao seu quarto, de onde regressou em seguida, esclarecendo-me:

— Oh! Tenho aqui alguns diagramas, que quero que você afixe na parede. Venha buscá-los.

Aproximou-se de mim, ergueu-me para poupar-me o trabalho. Acompanhei-o até o quarto e sobre uma mesa vi três pergaminhos enrolados. Ele me mostrou um deles, explicando:

— Trata-se de um desenho chinês que, há muitas centenas de séculos, foi feito em madeira laqueada. Constitui um presente da cidade de Pequim. Nesta cópia, quero que você estude cuidadosamente como os órgãos do corpo são imitados por monges, que executam várias tarefas. — Parou por um momento e indicou-me certo detalhe. — Aqui — disse — os monges misturam alimento com fluido. Isto é o estômago. Os monges preparam o alimento, que deverá passar por vários tubos antes de chegar a outros monges. Se você estudar estes desenhos, obterá uma ideia bastante exata do funcionamento básico do corpo humano.

Enrolou o pergaminho novamente e o atou cuidadosamente com pequenas fitas nele presas. Em seguida, apanhou outro e me mostrou:

— Aqui — continuou — há uma representação da espinha, com os vários chacras. O diagrama mostra os diferentes centros de poder, situados entre a base da espinha e a parte superior da cabeça. Este diagrama deve ficar colocado diretamente à sua frente, para que seja a primeira coisa que veja quando levantar-se pela manhã e deitar-se à noite.

Cuidadosamente enrolou o pergaminho, atou-o e passou ao terceiro. Desatou o nó e estendeu-me o desenho.

— Temos aqui uma representação do sistema nervoso, indicando as coisas que você deve estudar, tais como o gânglio cervical, o vago simpático, o plexo cardíaco, o

plexo solar, e o plexo pélvico. Você deve aprender bem estas coisas, porque elas são absolutamente essenciais aos futuros médicos lamas.

Olhei para os papéis sentindo-me profundamente desanimado, pois me pareceu que jamais absorveria todos esses conhecimentos, todas as partes e recessos do corpo humano, os coleantes fios dos nervos e as grandes bolhas dos chacras. Mas, pensei, sobra-me tempo, basta que eu estude no meu próprio ritmo. Se não conseguir aprender tanto quanto eles pensam que devo — bem, ninguém pode fazer mais do que é capaz.

— Agora, sugiro que saia e respire um pouco de ar fresco. Coloque os pergaminhos no quarto e terá o resto do dia livre… Mas cuidado para não fazer alguma traquinada! — acrescentou com um sorriso.

Curvei-me respeitosamente, e apanhei os três pergaminhos. Voltei ao meu quarto, fechando a porta de comunicação. Durante alguns momentos, fiquei no centro do quarto, perguntando-me como afixaria os pergaminhos. Depois, observei que havia projeções convenientes na parede. Cuidadosamente, puxei uma mesa e a coloquei sob as projeções. Subindo nela, ganhei mais meio metro de altura. Consegui finalmente colocar a corda do primeiro diagrama em torno da projeção. Recuei até o lado oposto do quarto e olhei com aprovação o meu trabalho. Não estava correto. Observei o mapa criticamente e apressei-me, para deixar as coisas tão corretas como deviam ser. Convencido de que um deles estava pendurado corretamente, passei a ocupar-me dos outros dois. Finalmente, satisfeito, limpei o pó das mãos com um ar de complacência. Sorrindo de auto-satisfação, deixei o quarto, pensando aonde ir. Passando pela porta do meu Mestre, encontrei o monge-atendente no fim do corredor. Ele me cumprimentou cordialmente e disse:

— Este é o caminho mais fácil para sair. É a entrada privada dos lamas, mas fui informado de que você pode usá-la. — Indicou-me a porta, agradeci-lhe, e logo depois ganhava o ar livre.

O término do caminho montanhoso estava exatamente sob os meus pés. À direita, um grande grupo de monges trabalhava ativamente. Pareceu-me que eles limpavam a estrada. Não me demorei. Não queria que me atribuíssem alguma tarefa. Caminhei diretamente para a frente e, sentado numa rocha, observei a cidade, bem próxima, bastante perto para que, no claro ar do Tibete, eu pudesse distinguir as vestimentas dos mercadores, monges e lamas entregues aos seus afazeres.

Logo depois, caminhei mais alguns passos e sentei-me sobre outra rocha, ao lado da qual crescia um pequeno e belo arbusto. Minha atenção desviou-se em seguida para o pântano lá em baixo, onde a relva era luxuriante e verde e onde eu

podia distinguir bolhas que os peixes soltavam nas profundidades. Subitamente, ouvi um som atrás de mim e uma voz áspera e gutural, "Miau! Miau!". — Senti logo depois um vivo golpe nas costas. Uma sólida cabeça peluda me cumprimentava. Estendi a mão e acariciei o velho gato. Ele me lambeu a mão com uma língua tão áspera como o cascalho no chão. Em seguida, com um movimento rápido, subiu-me no colo, saltou para os lados, meteu-se entre os arbustos. Parou mais adiante e virou-se para mim. Parecia a própria imagem da interrogação, ali, de cauda ereta, orelhas retas, com os olhos azuis a brilhar. Fiquei imóvel. Ele subiu rapidamente a ladeira em minha direção, miando novamente, "Miau! Miau!". Como eu continuasse imóvel, estendeu uma das patas, fisgou a bainha do meu manto e puxou-me gentilmente.

— Oh, gato, o que é que há com você? — perguntei exasperado. Lentamente, ergui-me e olhei em torno de mim, procurando descobrir o que o agitava. Nada vi. O gato, porém, correu para um arbusto distante, voltou até junto de mim, puxando-me o manto. Comecei então a descer lentamente o declive, cautelosamente, enquanto o gato praticamente dançava de excitação, correndo em círculos, saltando no ar e arremetendo em minha direção.

Desci segurando-me nos arbustos e cheguei finalmente ao local onde o gato se voltara para me encarar. Nada vi, porém.

— Gato, você é um idiota! — disse eu, irritado. — Arrastou-me até aqui apenas para brincar.

"Miau! Miau!" — continuou o gato, com as patas novamente a arranhar-me o manto, circulando em torno dos meus pés, mordendo-me os dedos nus através da sandália.

Com um suspiro de resignação, caminhei um pouco mais, abri caminho pelos arbustos, segurando-me nervosamente, pois havia ali uma saliência, e, se eu não me segurasse bem, poderia despencar montanha abaixo. Voltei-me para dizer umas palavras nada bondosas ao amigo gato, que estava agora num frenesi de excitação. Correndo rapidamente em torno de mim, ele saltou da saliência. Meu coração quase parou de choque, pois o velho gato era um bom amigo e eu pensei que houvesse COMETIDO SUICÍDIO!

Cautelosamente, pus-me de joelhos e, segurando-me aos arbustos, olhei para baixo. A cerca de três metros vi o corpo de um idoso monge. Com olhos horrorizados, notei que a cabeça lhe sangrava e que o manto estava também sujo de sangue. Observei a perna do monge dobrada em um ângulo estranho. Senti o coração palpitar de medo, excitação e esforço. Olhei em torno de mim e descobri que, imediatamente à esquerda, havia um pequeno declive, que desci, aproximando-

me do monge.

Cautelosamente, quase a ponto de saltar da pele, tal o medo que sentia, toquei-o. Estava vivo. Bateu as pálpebras fracamente e gemeu. Notei que ele havia caído e batido com a cabeça numa rocha. O gato se sentou, olhando-me atentamente.

Suavemente, acariciei a cabeça do monge, descendo os dedos pelo pescoço, das orelhas até o coração. Após algum tempo, ele abriu os olhos e olhou sem expressão em volta. Lentamente, focalizou os olhos, fitando-me:

— Está tudo bem!— disse eu, acalmando-o. — Vou buscar ajuda. Não demorarei.

O ancião tentou sorrir e cerrou novamente os olhos. Voltei-me e, sobre as mãos e os joelhos, que me pareceu o sistema mais seguro e rápido, subi o declive e alcancei rapidamente o caminho que conduzia à porta oculta dos lamas. Quase colidi com o monge-atendente.

— Depressa! Depressa! — disse eu. — Há um monge ferido lá entre as rochas. — Eu repetia a mensagem quando o meu Guia apareceu, procurando descobrir a origem da agitação.

— Mestre! Mestre! — continuei. — Acabei de descobrir, com a ajuda do Honrado Gato, um velho monge ferido. Ele tem um corte na cabeça e sua perna está curvada de maneira estranha. Precisa urgentemente de ajuda.

Rapidamente, meu Guia deu instrução ao monge-atendente e voltou-se para mim.

— Mostre o caminho, Lobsang. Eu o seguirei.

Juntos, deixamos Chakpori e cruzamos o pequeno caminho. Guiei-o ao longo do declive, notando consternado o sujo que se acumulava no seu manto amarelo. O meu estava tão imundo que mais algumas manchas nenhuma diferença fariam! O Honrado Gato continuava a dançar em nossa frente, parecendo realmente aliviado em ver o Lama Mingyar Dondup em minha companhia.

Logo depois alcançamos o velho monge, que mantinha ainda os olhos cerrados. Ajoelhando-se ao seu lado, o meu Guia tirou vários embrulhos da parte interna do manto, ataduras e algum ingrediente que colocou num pedaço de tecido e pôs sob o nariz do monge. O monge espirrou violentamente e abriu os olhos, fatigados e lacerados de dor. Ele me pareceu muito aliviado quando viu quem o atendia.

— Está tudo bem, amigo. A ajuda está a caminho, — disse-lhe o meu Guia. Ouvindo-lhe as palavras, o monge fechou novamente os olhos e suspirou de alívio.

O meu Guia levantou o manto do monge e observou pedaços de ossos que se projetavam através da pele da perna, imediatamente abaixo do joelho:

— Segure-lhe as mãos, Lobsang, segure-as fortemente — instruiu-me o meu Guia. — Faça peso nele para que ele não possa se mover. Vou reduzir a fratura.

Segurou o tornozelo do monge e com um puxão rápido, endireitou a perna. Vi os ossos desaparecerem na parte interna da pele. Foi um gesto tão súbito, tão bem feito, que o velho nem teve tempo de gemer.

Rapidamente, o meu Guia estendeu a mão para dois ramos que se projetavam, muito convenientemente de um arbusto próximo. Com uma faca, cortou-os, cobriu-os com um pedaço de seu próprio manto, e os colocou como talas na perna do monge. Em seguida, sentamo-nos e esperamos.

Pouco depois, ouvimos um arrastar de pés e um grupo de monges apareceu, liderado por um lama. Gritamos e os orientamos até ao lugar onde nos encontrávamos. Cuidadosamente, reuniram-se em torno do velho monge. Um monge jovem, descuidado, tentou exibir-se, mostrar como tinha pés seguros. Escorregou nas pedras frouxas, porém, e começou a deslizar montanha abaixo. Um arbusto prendeu-o pela bainha do manto. Com o manto acima da cabeça, ele parecia uma banana descascada, balançando-se nu diante dos olhos dos peregrinos que perambulavam pela Estrada do Círculo, lá embaixo. Meu Guia soltou uma pequena gargalhada e ordenou a dois outros que o ajudassem sem demora. Puxado para cima, pareceu-me muito envergonhado e muito vermelho. Observei também que ele teria de permanecer de pé durante alguns dias, pois o lugar que entrara em contato com o chão fora também bastante ralado pelas pedras!

Cuidadosamente, os monges viraram o ferido e o puseram, puxando-o pelos lados, numa forte maca de lona. Desviraram-no e o ajeitaram. Envolveram-no num cobertor, formando uma espécie de tubo e, em seguida, introduziram um forte varapau na parte interior, prendendo-o com largas faixas. Felizmente ele estava inconsciente. Dois monges levantaram as extremidades da vara e, com a ajuda dos demais, que os empurravam e apoiavam, abriram caminho lenta e cuidadosamente pelos arbustos, subindo a trilha da montanha em demanda da segurança da Chakpori.

Acariciando o Honrado Gato, contei ao meu Guia, o lama Mingyar Dondup, que ele me conduzira até o lugar onde encontrara o ferido.

— O pobre homem teria provavelmente morrido se você não nos tivesse avisado, Honrado Gato — disse meu Guia, alisando-lhe a cabeça. Em seguida, voltou-se para mim: — Bom trabalho, Lobsang. Você começou bem. Continue assim.

Juntos, subimos com dificuldade a trilha, invejando o Honrado Gato que

dançava e brincava à frente. O meu Guia entrou em Chakpori. Eu, porém, fiquei sentado na rocha, arreliando o Honrado Gato com um pedaço de casca de árvore, um belo e flexível pedaço de casca de que ele fingia ser um feroz inimigo. Saltou, rosnou, rugiu e atacou a casca. Um sentimento de profunda amizade nos envolveu.

13

Era bom estar de volta a Chakpori, entre pessoas que conhecia tão bem. Os Mestres eram homens dedicados, totalmente voltados à preparação dos Lamas Médicos. Meu Guia sugeriu-me que eu frequentasse aulas sobre ervas, anatomia e medicina. Chakpori era o próprio CENTRO de tal saber.

Em companhia de vinte e cinco outros garotos — moços como eu, o mais velho, e um ou dois jovens monges de outras lamaserias — sentávamos no chão nas salas de aula. O Lama Professor sentia interesse pelo trabalho e queria que aprendêssemos.

— A água! — disse ele. — A água é a chave da boa saúde. As pessoas não bebem água suficiente para que o corpo funcione bem. Comemos — e ingerimos uma massa pegajosa que não pode percorrer o longo caminho pelos intestinos. O resultado é um sistema entupido, má digestão e total incapacidade de empreender o estudo e a prática da metafísica. — Parou e encarou-nos, como se nos desafiasse a pensar de outra maneira!

— Mestre — disse um dos jovens monges das lamaserias inferiores — por certo, se bebermos quando comermos diluiremos os sucos gástricos, segundo me disseram.

O jovem lama calou-se abruptamente e olhou em volta como se confuso com a audácia.

— Boa observação! — disse ele. — Numerosas pessoas têm sua impressão, mas cometem um ENGANO! O corpo tem capacidade de produzir sucos digestivos altamente concentrados. Tão concentrados, na verdade, que em certas condições podem começar a digerir o próprio corpo! — Ficamos boquiabertos de espanto. Senti um medo terrível, pensando que talvez estivesse me digerindo a mim mesmo. O Lama sorriu, observando a agitação que produzira. Permaneceu silencioso por alguns minutos para que o impacto de sua palavra calasse fundo sobre nós. — As úlceras gástricas, as irritações do estômago… como serão provocadas? — Perguntou, olhando-nos um a um, esperando uma resposta.

— Mestre! — respondi audaciosamente. — Quando o homem se preocupa, ele

provoca o aparecimento de úlceras, mais ou menos da mesma maneira que consegue uma dor de cabeça.

O Mestre sorriu e replicou:

— Boa resposta! De fato. O homem se amola, os sucos gástricos concentram-se mais ainda até que a parte mais fraca do estômago é atacada. À medida que os ácidos, que normalmente digerem os alimentos, corroem a parte mais fraca e produzem finalmente um orifício, as dores agitam o conteúdo do estômago e provocam uma concentração ainda maior dos sucos. Finalmente, os ácidos gotejam através do orifício aberto e saturam as camadas do estômago, ocasionando o que chamamos de úlceras gástricas. Um suprimento adequado de água aliviaria profundamente a situação e poderia até mesmo IMPEDIR o aparecimento das úlceras. Moral do caso: — Quando estiverem preocupados, bebam água e reduzam o perigo de apanhar uma úlcera!

— Mestre! — interrompeu um garoto tolo. — Tenho a esperança de que ninguém dê muita importância a esse conselho. Eu sou um dos que transportam água montanha acima e o trabalho é muito difícil.

A maioria das pessoas raramente pensa nos problemas de um país como o Tibete. Nós temos água em abundância, embora a maior parte nos lugares errados! A fim de atender às necessidades de lamaserias como a Potala e Chakpori, grupos de monges-trabalhadores e rapazes transportam a água até em cima em recipientes de couro. Cavalos e iaques são usados também no mesmo serviço. Incansavelmente, grupos de trabalhadores esforçam-se arduamente para encher os tanques, colocados em locais acessíveis. Nós não abríamos uma torneira e víamos a água jorrar — quente ou fria. A nossa água tinha de ser tirada do tanque com um caneco. Areia do leito do rio, muito fina, era igualmente transportada e usada na limpeza de utensílios e dos assoalhos. A água era PRECIOSA! A nossa lavanderia ficava situada às margens do rio. Levávamos as roupas ao rio em vez de levar o rio à montanha.

O Lama-Mestre ignorou a observação idiota e prosseguiu:

— A pior doença da humanidade é — parou por um momento, procurando criar um efeito dramático, enquanto pensávamos em pragas e cânceres — a PRISÃO DE VENTRE! A prisão de ventre produz mais má saúde do que qualquer outra doença. E cria as condições para doenças mais sérias. Torna a pessoa indolente, mal-humorada e miseravelmente doente. A prisão de ventre pode ser CURADA! — Mais uma vez, interrompeu-se e olhou em volta.

— Não por doses maciças de Cascara Sagrada, nem por litros de Óleo de Rícino, mas por água em volume suficiente. Pensem no assunto. Comemos.

Ingerimos alimentos que têm de fazer um longo percurso através do estômago e dos intestinos. Nestes últimos, pelos curtos, denominados "vill" (eles se parecem com tubos ocos) extraem os elementos nutritivos dos alimentos digeridos e em processo de digestão. Se o alimento é excessivamente pastoso, demasiado "sólido", não pode penetrar no "villi". Os pelos ficam entupidos com torrões duros. Os intestinos devem "contorcer-se". É isso que chamamos de ação peristáltica, que empurra o alimento ao longo do canal alimentar, abrindo espaço para mais alimento. Mas, se o alimento for SÓLIDO, a peristalse produz simplesmente dor e nenhum movimento. A água, por conseguinte, é MUITO necessária para amolecer a massa.

É um triste fato que todos os estudantes de medicina imaginam apresentar todos os sintomas que estudam. Pressionei o abdômen — sim! — eu estava CERTO de que constituía uma única e dura massa. Devia fazer algo a respeito, pensei.

— Mestre! — perguntei. — Como funcionam os laxativos? — O olhar do Lama fixou-se em mim. Vi uma sombra de sorriso nos seus lábios. Imaginei que ele observava a maioria apalpando-se para descobrir se tínhamos algumas "massas duras".

— A pessoa obrigada a tomar um laxativo tem deficiência de água no organismo. Sofre de prisão de ventre porque não tem fluidos suficientes para amolecer a escória da alimentação. É PRECISO água e o laxativo faz com que o corpo inunde inteiramente os "villi" de modo a tornar a massa mole e flexível, fortalecendo a peristalse. A dor é provocada por bolos fecais que aderem às superfícies interiores — e o corpo fica desidratado. Deve-se beber SEMPRE muita água após tomar um laxativo. — Sorriu, e acrescentou: — Evidentemente, no caso de nosso amigo carregador, os sofredores devem postar-se à margem do rio e beber abundantemente!

— Mestre! Por que os sofredores de prisão de ventre têm peles tão estragadas e tantos caroços? — Perguntou um rapaz com uma pele MUITO má. Ele corou profundamente quando todas as cabeças se voltaram em sua direção.

— Devemos livrar-nos do material inútil de forma preconizada pela natureza, — replicou o Mestre. — Mas, se o homem ignora o método, o refugo penetra no sangue, entupindo vasos vitais. O corpo, em consequência, tenta libertar-se do refugo através dos poros da pele. Mais uma vez, a questão consiste em não haver fluido suficiente para atravessar os finos tubos dos poros. Há entupimentos e disso resulta a "pele suja". Beba bastante água, faça um volume razoável de exercício — e não teremos de prestar tanta atenção à Cascara Sagrada, ao Xarope de Figo e ao Óleo de Rícino. — Riu, e prosseguiu: — Bem, terminemos a aula para que vocês possam beber bastante litros de água! — Fez um gesto de despedida e dirigiu-se para

a porta quando um mensageiro entrou apressadamente.

— Honrado Mestre! Há nesta classe um rapaz chamado Rampa… Terça-Feira Lobsang Rampa? — O mestre fitou-me e chamou-me com um aceno do dedo. — Você, Lobsang, o que é que fez desta vez? — perguntou suavemente.

Relutantemente, dei um passo à frente, apresentando a minha melhor e mais patética manqueira, perguntando-me, ao mesmo tempo, que problemas me aguardavam. O mensageiro dirigiu-se ao lama:

— O garoto deve procurar imediatamente o Senhor Abade. Tenho de levá-lo… Não sei por quê.

Oh! Pensei. O que seria AGORA? Será que alguém me vira jogando *tsampa* nos monges? Observara alguém quando eu pusera sal no chá do Mestre dos Acólitos? Ou, talvez — sombriamente a minha mente passou em revista aos vários "pecados" que eu cometera. O que ocorreria se o Senhor Abade tivesse descoberto VÁRIAS das minhas faltas? O mensageiro tomou a frente e descemos os frios e nus corredores de Chakpori. Nenhum fluxo aqui, nenhum cortinado complicado como na Potala. O edifício era funcional. À porta, guardada por dois monges-policiais, o mensageiro parou e murmurou: — Espere! — antes de entrar.

Fiquei inquieto, num pé e no outro, enquanto os monges-policiais me encaravam como se eu fosse alguma forma inferior de vida. O mensageiro reapareceu: — Entre! — ordenou-me, com um empurrão.

Relutantemente, transpus a porta, que foi fechada sobre mim. Entrei e… involuntariamente, parei, surpreso. AQUI não havia austeridade! O Senhor Abade, envergando ricas vestimentas de vermelho e ouro, sentava-se numa plataforma a cerca de noventa centímetros de altura. Quatro lamas o atendiam. Recuperando-me do choque, fiz tão entusiasticamente uma mesura, da maneira prescrita, que minhas juntas estalaram e a tigela e a caixa de amuletos chocalharam em uníssono. Por trás do Senhor Abade, um lama fez-me um gesto para adiantar-me, elevando a mão quando cheguei ao ponto onde devia parar.

Silenciosamente, o Senhor Abade fitou-me, de alto a baixo, observando-me o manto, as sandálias e, presumivelmente, a cabeça bem raspada. Voltou-se para um dos lamas, dizendo:

— Arrumph? Então é este o rapaz, eh?

— Sim, Meu Senhor — replicou o Lama a quem ele havia dirigido a palavra. Mais uma vez, o olhar fixo, a avaliação duvidosa.

— Arrumph. Urrahh! Meu rapaz, então foi você que levou ajuda ao monge Tangli? Uurrmph? — O monge que me havia dado o sinal moveu os lábios em

minha direção. Compreendi.

— Tive esta sorte, Meu Senhor Abade — repliquei com o que, esperei, fosse humildade suficiente.

Mais uma vez o olhar, inspecionando-me como se eu fosse alguma espécie de inseto sobre uma folha. Finalmente, retomou a palavra:

— Err, ahhh! Sim. Oh! Você será elogiado, meu rapaz. Arrumph! — Voltei os olhos para outro lado e o lama, por trás dele, fez-me sinal para curvar-me e partir. Fiz mais três mesuras, bati uma cautelosa retirada, e enviei um "muito obrigado" telepático ao lama que me havia guiado com sinais tão claros. A porta bateu nas minhas costas. Tateei em busca do ferrolho. Cruzei o patamar e encostei-me a uma parede com um "UFFFU" de grande alívio. Ergui os olhos e vi o gigantesco monge-policial.

— Então? Vai por acaso para os Paramos Celestiais? Não se derreie aí, rapaz! — berrou-me ele no ouvido. De mau humor, arrebanhei as fraldas do manto e desci o corredor, enquanto os dois monges-policiais me olhavam malignamente. Em alguma parte, uma porta bateu e ouvi uma voz.

— PARE!

Meu Deus. Pelo Dente de Buda, o que é que eu fiz agora? — Perguntei-me desesperado, detendo-me e voltando-me. Um lama aproximou-se e — felizmente — sorria. Reconheci o lama que me havia feito sinais por trás do Senhor Abade.

— Você se portou muito bem, Lobsang! — murmurou ele num sussurro de prazer. — Você procedeu exatamente como devia. Eis aqui um presente para você… O Senhor Abade os aprecia também!

Enfiou-me nas mãos um presente agradavelmente volumoso, deu-me uma palmadinha nos ombros e afastou-se. Fiquei estupidificado, e alisando o embrulho com os dedos, procurando imaginar-lhe o conteúdo. Levantei a vista — e os dois monges-policiais olharam-me agora benevolentemente — pois havia ouvido as palavras do lama.

— Oh! — disse eu, fitando-os. Um monge-policial sorridente era coisa tão rara que me amedrontei. Sem mais bulha, afastei-me tão rapidamente quanto podia.

— O que é que você tem aí, Lobsang? — disse uma voz aguda e infantil. — Olhei em volta e vi um garoto, aceito recentemente. Era menor do que eu e sentia dificuldade em ajustar-se ao meio.

— Comida… penso! — repliquei.

— Dê-me um pouquinho, — pediu ele gulosamente. — Eu sinto falta de comida de casa. — Examinei-o e ele parecia realmente faminto. Conduzi-o a um

depósito situado num dos lados, sentamo-nos contra a parede mais distante, por trás de sacos de cevada. Cuidadosamente, abri o embrulho e mostrei-lhe as "comidas indianas".

— Oh! — disse o garoto. — Eu jamais provei comida como essa. — Passei-lhe um dos bolos rosados com cobertura branca. Ele mordeu um bocado e arregalou os olhos. Subitamente, lembrei-me que tinha outro bolo na mão esquerda — que havia agora DESAPARECIDO! Ouvi um som, soltei-me, e lá estava um dos gatos… comendo o MEU bolo! E gostando! Com um suspiro de resignação, enfiei a mão no embrulho e tirei outro bolo.

— Rarrh? — ouvi uma voz atrás de mim. Uma pata cutucou-me o braço. — Rarrh? Miau. — Repetiu a voz. Voltei-me para olhar… e lá se foi o segundo bolo.

— Oh! Seu ladrão MISERÁVEL! — exclamei mal-humorado. Lembrei-me logo, porém, de que os gatos eram meus bons amigos e que me consolavam.

— Sinto muito, Honrado Gato Guardião, — disse contritamente. — Você trabalha para viver e eu não. — Coloquei o bolo no chão e passei os braços em torno do gato, que começou a ronronar alto.

— Oh! — disse o garoto. — Eles não me deixam sequer tocá-los! Como é que você consegue fazer isso? — Estendeu a mão e "acidentalmente" apanhou outro bolo de açúcar. Permaneci calado. Ele se relaxou, encostou-se na parede e começou a saboreá-lo confortavelmente. O gato continuava a ronronar e a empurrar-me com a cabeça. Dei-lhe meio bolo, mas ele comera o suficiente. Simplesmente ronronou mais alto, esfregou o focinho no bolo e lambuzou de mel os bigodes. Convencido de que eu lhe compreendera os agradecimentos, afastou-se displicentemente, subiu no caixilho de uma janela, e ficou a esquentar-se ao sol. Desviando a vista, observei que o garoto havia apanhado o bolo em que o gato se lambuzara e que o enfiara na boca.

— Você acredita em religião? — perguntou o garoto. — Se acredito? pensei. Que pergunta estranha. Estávamos sendo educados para sermos Lamas Médicos e Sacerdotes budistas e alguém perguntava: "Você acredita em religião?" Pergunta maluca, pensei, totalmente MALUCA. Em seguida, pensei um pouco mais no assunto. ACREDITAVA eu realmente na religião? Em que ACREDITAVA eu?

— Eu não queria vir para cá. — Explicou-me o garoto. — Mas eles me forçaram. Rezei para a Santa Mãe Dolma. Rezei muito para não vir, mas acabei vindo. Rezei para que minha mãe não morresse, e ela morreu. Vieram os coveiros, levaram-lhe o corpo e o entregaram aos abutres. Nenhuma oração minha foi jamais atendida. E as suas, Lobsang? — Continuávamos no depósito, encostados nos sacos de cevada. Na janela, o gato se lambia interminavelmente. Lambia a pata, passava-a

pelo focinho, lambia-a novamente, passava pela parte superior da cabeça, por trás das orelhas, descendo novamente até os lados do focinho. Era quase hipnótico vê-lo lamber e limpar, lamber e limpar, lamber e limpar…

Oração? Bem, agora que pensava no assunto, a oração também não produzia efeito no meu caso? E, se não funcionava, por que orar?

— Eu acendi numerosas varetas de incenso, — disse humildemente o garoto. — Apanhei-as na caixa especial da minha Honrada Avó, mas as orações jamais foram atendidas. Veja-me agora. Estou aqui em Chakpori estudando para ser algo que eu não quero ser. POR QUÊ? POR QUE devo ser um monge quando não me interesso por essas coisas?

Contraí os lábios, franzi o cenho, e armei uma carranca, exatamente como o Senhor Abade fizera recentemente. Finalmente, respondi:

— Vou-lhe dizer uma coisa. Vamos deixar o assunto morrer por ora. Vou pensar nele e lhe direi depois a minha opinião. O meu Guia, o Lama Mingyar Dondup, sabe de tudo e pedir-lhe-ei que me explique a questão.

Levantei-me penosamente e vi o embrulho de alimentos indianos, agora pela metade. Impulsivamente, refiz o embrulho e o entreguei ao surpreendido rapaz.

— Tome. Esses bolos o ajudarão a pensar em outras coisas que não as espirituais. Agora, deixe-me só porque eu preciso pensar.

Levei-o pelo cotovelo até a porta e o empurrei para fora. Ele partiu alegre, temendo que eu mudasse de ideia e quisesse de volta os alimentos.

Despachando o garoto, preocupei-me com assuntos mais importantes… Vira em um dos sacos um belo pedaço de barbante.

Curvei-me e cuidadosamente tirei-o do pescoço do saco. Dirigi-me para a janela, e o gato e eu divertimo-nos a valer, ele caçando a ponta do barbante, pulando sobre os sacos, mergulhando entre eles e, de modo geral, distraindo-se muito. Por fim, cansamo-nos quase simultaneamente. Ele se aproximou de mim, empurrou-me com a cabeça, com as pernas distendidas e a cauda ereta no ar, soltou um "Miau"! Saltou pelo caixilho da janela e desapareceu em uma de suas misteriosas jornadas. Enfiei o barbante na parte da frente do manto, cruzei a porta e percorri preguiçosamente o corredor até ao meu quarto.

Durante algum tempo, fiquei examinando de pé um desenho extremamente importante. Era uma figura masculina, com as vísceras à mostra. Notei logo a traqueia e, do lado esquerdo, dois monges enchendo ativamente, com um abano, os pulmões de ar. No lado direito, dois outros monges repetiam a mesma operação, muito ocupados, segundo pude observar. Examinei depois um desenho do coração.

Neste caso, os monges bombeavam ativamente sangue ou, melhor, algum fluido, pois não se podia ver se era mesmo sangue. Mais abaixo, uma grande câmara, o estômago. Um monge, evidentemente categorizado, sentava-se atrás de uma mesa, enquanto cinco outros traziam ativamente volumes de alimentos. O monge-chefe controlava o volume trazido.

Mais adiante, um grupo de monges tirara bílis da vesícula biliar a fim de diluir o alimento e facilitar a digestão. Ainda mais além, outros trabalhavam no que era obviamente uma fábrica de produtos químicos — o fígado — onde dissolviam várias substâncias com garrafões de ácido. Fiquei fascinado com o desenho, pois o alimento percorria em seguida uma infinidade de serpentinas, que representavam os intestinos. Os monges colocavam numerosas substâncias dentro do intestino. Um pouco mais atrás, nos rins, separavam diferentes fluidos e providenciavam para que se encaminhassem na direção certa. Abaixo da bexiga, o desenho mais interessante de todos: dois monges sentados em lados opostos de um tubo, obviamente controlando a saída do líquido. Em seguida, olhei o rosto da figura e pensei que não era de surpreender que parecesse tão triste com todas aquelas pessoas nas suas entranhas, cutucando-o e fazendo as coisas mais esquisitas! Permaneci ali por alguns momentos, com o cérebro transbordante de pensamentos e fantasias sobre os homenzinhos no lado de dentro do corpo.

Finalmente, ouvi uma pequena batida na porta de comunicação, que se abriu logo depois, dando passagem ao meu Guia, o Lama Mingyar Dondup. Ele sorriu satisfeito ao ver-me estudando a figura.

— Trata-se de uma figura realmente muito antiga. Foi feita, na sua forma original, por grandes artesãos chineses. A figura original tem exatamente o tamanho natural e foi feita com vernizes de diferentes tipos de madeira. Vi o original e é de fato muito real. Lobsang, sei que você causou excelente impressão ao Senhor Abade. Ele me disse ainda julgar que você revela potencialidades notáveis. — E acrescentou com voz algo irônica: — Pude assegurar-lhe que O Mais Sagrado era da mesma opinião!

A cabeça zunia-me com pensamentos sobre religião. Perguntei humildemente ao Mestre:

— Mestre, posso fazer-lhe uma pergunta a respeito de uma questão que me preocupa muito?

— Certamente. Se eu puder ajudá-lo, fá-lo-ei. O que é que o preocupa? Mas, antes vamos até ao meu quarto, onde podemos sentar confortavelmente e tomar chá.

Dirigiu-se para a porta, após notar de relance que meu pequeno suprimento de alimentos estava diminuindo rapidamente. Chamou um atendente e o chá foi posto à nossa frente. Terminada a refeição, o lama sorriu e perguntou:

— Bem, qual a dificuldade agora? Mas não tenha pressa. Conte-me tudo, pois você está dispensado do serviço hoje à tarde. — Sentou-se na posição de lótus, com as mãos dobradas no regaço. Eu também me sentei, ou melhor, reclinei-me sobre um dos lados, e tentei pôr em ordem os pensamentos de modo a explicar o assunto tão claramente quanto possível sem me atrapalhar.

— Honrado Mestre! — disse eu finalmente. — Estou preocupado com a questão da religião. Não consigo perceber-lhe a necessidade. Rezo, outros rezam e nada resulta de nossas preces. Parece que clamamos no deserto. Tenho a impressão de que os Deuses não prestam ouvidos às orações e que, como este é o Mundo da Ilusão, a religião e as preces devem ser também ilusões. Sei também que numerosos peregrinos solicitam a ajuda de lamas na solução dos problemas que os afligem, mas jamais ouvi dizer que um deles sequer tivesse sido solucionado. Meu pai, igualmente… — quando eu tive um pai! — empregava um sacerdote em tempo integral, mas isto não parece ter resultado em bem algum em nosso caso. Mestre, poderá dizer-me qual a utilidade da religião?

O meu Guia conservou-se silencioso durante certo tempo, com os olhos postos nas mãos cruzadas. Finalmente, exalou um profundo suspiro e fitou-me.

— Lobsang, — começou — a religião é realmente coisa muito necessária. É absolutamente necessário, absolutamente essencial, que haja religião e que ela imponha disciplina espiritual aos seus adeptos. Sem religião, o homem seria pior do que um animal selvagem. Sem ela, não haveria a voz da consciência. Digo-lhe que não importa absolutamente se a pessoa é hindu, budista, cristã, ou judia. Todos os homens sangram vermelho e a fé que professam é, nos pontos essenciais, a mesma. — Interrompeu-se, olhou-me tentando apurar se eu compreendia suas palavras, o significado que encerravam. Acenei com a cabeça e ele continuou:

— Neste mundo, a maioria das pessoas parece-se muito com crianças na escola, que jamais veem o Diretor, ou conhecem coisa alguma a respeito do mundo exterior. Imagine agora que o edifício é inteiramente cercado por um alto muro. Há diversos mestres, mas o Diretor jamais é visto pela classe. Os alunos teriam motivos para julgar que não havia um Diretor se por acaso não tivessem inteligência bastante para compreender que existe algo superior ao mestre comum. Passando nos exames, deixam a escola, cruzam os muros e talvez finalmente encontrem o Diretor e conheçam o mundo exterior. Com excessiva frequência, o homem exige provas, provas de tudo, da própria existência de Deus. A única maneira de consegui-la é

viajar pelo astral, desenvolver a clarividência, pois quando o homem pode aventurar-se além dos confins desta classe murada em que vivemos, discerne finalmente a Grande Verdade situada mais além. — Mais uma vez interrompeu-se, algo preocupado, procurando ver se eu lhe acompanhava satisfatoriamente as palavras. Na verdade, eu o fazia e percebia que havia inteiro sentido no que dizia.

— Imaginemos uma sala de aula e um Diretor que julgamos chamar-se Fulano de Tal. Há outra classe próxima, porém, e conhecemos seus alunos. Eles discutem conosco e dizem que o Diretor tem outro nome. Uma terceira classe, com que travamos também conhecimento, porém, interrompe-nos asperamente, chama-nos de idiotas e diz que não há Diretor algum. Se houvesse, nós o teríamos encontrado ou ouvido, e não haveria sombra de dúvida sobre o seu nome. Ora, Lobsang — sorriu o meu Mestre —, uma das classes pode ser composta de hindus, que dão ao Diretor um nome; a outra, de cristãos, que o chamam de outra maneira. Mas, logo que estudamos o assunto em profundidade, quando extraímos a essência de todas as religiões, descobrimos que todas elas possuem características básicas, comuns. E isto é que Deus existe, que há um Ser Supremo. Podemos adorá-lo de várias formas, mas enquanto o fizermos com fé, isto é o que realmente importa.

Um monge-atendente entrou nesse momento, trazendo mais chá. Satisfeito, meu Guia derramou um pouco na taça e bebeu, pois estava sedento com o longo discurso e — bem — quanto a mim, convenci-me de que devia beber também porque estava sedento de tanto escutar. Uma desculpa era tão boa quanto a outra!

— Lobsang, suponhamos que não houvesse uma pessoa na Lamaseria da Cerca da Rosa Selvagem responsável pela disciplina dos acólitos, monges e lamas. Aquela lamaseria possui sete mil habitantes. Na suposição de que não se exigisse disciplina, não se concedessem recompensas nem se aplicassem punições, de que cada homem fizesse o que bem entendesse sem que isso lhe pesasse na consciência, declarar-se-ia logo a anarquia, haveria assassinatos e tudo poderia acontecer. Esses homens são mantidos em ordem graças à disciplina, disciplina espiritual e física. É essencial que todos os povos do mundo possuam religião, pois ambas as disciplinas são necessárias. Se houver a primeira apenas, predominará a lei da força em que os mais fortes sempre vencem, mas, se prevalecer a segunda, haverá mais da regra do amor. O mundo moderno necessita urgentemente de religião, não de uma delas em especial, mas de qualquer uma, a mais apropriada ao temperamento de cada pessoa.

Fiquei matutando nas palavras do meu Mestre. Entendia a necessidade da disciplina, mas continuei a perguntar-me por que as preces jamais eram atendidas.

— Honrado Mestre — perguntei-lhe — tudo isso está muito bem, mas se a religião é coisa tão boa para nós, por que as nossas orações jamais são atendidas?

Rezei para não vir para este monturo — eu — quero dizer, esta lamaseria, mas, a despeito de todas as minhas preces, fui forçado a vir. Se a religião é uma boa coisa, por que me enviaram aqui, por que minhas preces jamais foram atendidas?

— Lobsang, como é que você sabe que suas preces jamais foram atendidas? Você tem uma ideia completamente errônea da prece. A maioria das pessoas pensa que basta cruzar as mãos e pedir a um misterioso Deus que lhe conceda uma vantagem sobre o próximo. Há pessoas que rezam pedindo dinheiro. Outras vezes, que um inimigo lhes seja entregue nas mãos. Nas guerras, os adversários rezam pela vitória, dizem que Deus está com eles e pronto a destruir o inimigo. Deus não é nenhuma Excelsa Figura que se senta a uma mesa ouvindo requerimentos sob a forma de preces e concedendo tudo o que se pede. — Riu e continuou: — Imagine que você fosse ao Senhor Abade e lhe dissesse que rezou pedindo para sair da lamaseria ou que lhe daria por isso uma grande soma de dinheiro. Você pensa que ele deferiria sua petição como você queria? Com toda probabilidade, ele responderia exatamente de um modo que você não apreciaria!

Isto fazia sentido para mim, mas não parecia haver lá muito sentido em continuar a rezar se não houvesse quem respondesse ou concedesse favores. Disse isto ao meu mestre.

— Mas, neste caso, a sua ideia de oração é inteiramente egoísta. Tudo o que você quer, em todos os momentos, é algo para você. Você acha que pode orar e pedir a Deus que lhe envie uma caixa de nozes em conserva? Pensa que pode rezar e que lhe será entregue um grande pacote de doces indianos? A oração deve ser feita pedindo o bem do próximo. A prece deve constituir um hino de agradecimento a Deus, consistir de uma declaração daquilo que você deseja para o próximo, e não para você mesmo. Quando rezamos, transmitimos certo poder aos pensamentos e, se for possível ou conveniente, deve-se orar em voz alta porque isto fortalece os pensamentos. Mas é preciso ter a certeza de que os pensamentos são altruístas e que não contrariam as leis naturais. — Continuei a acenar duvidosamente, pois me parecia que as orações não eram, afinal de contas, tão boas assim.

Meu Guia sorriu diante da minha visível falta de atenção e continuou:

— Sim. Sei o que você pensa. Julga a oração um puro desperdício de tempo. Mas suponha que uma pessoa acabou de falecer, ou que está morta há alguns dias, e que a sua prece é atendida. Suponha que pediu que a pessoa ressuscitasse. Pensa você que seria bom trazer de volta à vida uma pessoa morta já há algum tempo? Há pessoas que rezam para que Deus destrua aquelas que, no momento, as desagradam. Você pensa que seria razoável esperar que Deus destruísse uma pessoa porque outra, insensata e tolamente, pediu alguma coisa nesse sentido?

— Mas Honrado Mestre, os lamas rezam em uníssono nos templos e pedem várias coisas. Neste caso, qual o objetivo dessas orações?

— Os lamas rezam em uníssono no templo com certas finalidades em mente. Eles rezam — orientam os pensamentos, em outras palavras — para ajudar aqueles que se encontram em dificuldades. Rezam para que os cansados se apresentem para receber auxílio, assistência telepática. Oram para que os que vagueiam perdidos no deserto além desta vida venham e sejam guiados, pois se a pessoa morre sem nada saber do outro lado da morte poderá perder-se num pântano de ignorância. Os lamas, por conseguinte, rezam — enviam pensamentos telepáticos — para que os que precisam de auxílio compareçam e sejam auxiliados. — Olhou-me severamente e acrescentou: — Os lamas não oram pedindo o seu próprio progresso nem solicitam promoção. Não rezam para que o Lama Fulano de Tal, que lhes causa certas dificuldades, caia de um telhado ou coisa parecida. Rezam apenas para ajudar aos demais.

Minhas ideias estavam ficando um tanto desconexas, pois sempre pensara que um Deus ou a Santa Mãe Dolma responderiam às preces pronunciadas com suficiente fervor. Eu não quisera ingressar na lamaseria, por exemplo, e rezara até quase perder a voz. Mas, por mais que rezasse fui, ainda assim, obrigado a entrar. Parecia, portanto, que a oração era algo que simplesmente ajudava a outras pessoas.

— Percebo exatamente os seus pensamentos e não concordo inteiramente com suas ideias sobre o assunto. — Observou o meu mestre. — Para ser espiritual, o homem deve fazer pelo próximo aquilo que quer que lhe seja feito. Você deve orar pedindo forças e sabedoria para transmitir força e sabedoria aos demais, e não orar em proveito próprio, pois isso é um desperdício e um exercício inútil.

— Então, — perguntei — a religião é apenas algo que temos de fazer em benefício do próximo?

— Não, absolutamente, Lobsang. A religião é algo que VIVEMOS. É um padrão de conduta que voluntariamente nos impomos para que o nosso Eu Superior seja purificado e fortalecido. Mantendo puros os pensamentos, excluímos os pensamentos impuros, fortalecemos aquilo para onde voltaremos quando deixarmos o corpo. Mas, quando você se tornar mais proficiente em viagens astrais, você descobrirá a verdade por si mesmo. Atualmente — durante mais algumas semanas — deve aceitar as minhas palavras. A religião é muito real e necessária. Você reza e pensa que suas orações não são atendidas. Mas elas talvez tenham sido atendidas, afinal de contas, pois quando estamos para descer à terra fazemos um plano definido das vantagens e desvantagens que esperamos encontrar. Planejamos a vida na terra (antes de chegar aqui) da mesma maneira que um estudante numa grande

universidade planeja os cursos que, ao fim dos estudos, permitir-lhe-á exercer esta ou aquela profissão — isto é, aquilo para o que se preparou.

— Julga que alguma religião é superior às demais, Honrado Mestre? — Perguntei algo timidamente.

— Nenhuma religião é melhor do que os homens que a professam. Temos aqui, monges budistas. Alguns deles são muito bondosos; outros, nem tanto. A religião é pessoal, cada pessoa a aborda de diferente maneira e nela encontra coisas diferentes. Pouco importa se o homem for budista, hindu, judeu, ou cristão. O que importa é que pratique a religião segundo a sua melhor crença e como melhor puder.

— Mestre — perguntei novamente — será certo mudar de religião? Será certo um budista tornar-se cristão ou um cristão aceitar o budismo?

— A minha opinião pessoal, Lobsang, é que, exceto em circunstâncias especiais, a pessoa não deve mudar de religião. Se a pessoa nasceu na religião cristã e vive no mundo ocidental, deve manter a antiga fé, pois todos nós absorvemos crenças religiosas como absorvemos os primeiros sons da língua. Ora, ocorre que se o cristão subitamente se torna hindu ou budista, certos fatores hereditários, certas condições inatas, tendem a debilitar a aceitação da nova fé e, com excessiva frequência, para compensar o fato, ele se entrega fanaticamente a nova religião, permanecendo, sob a superfície, todos os tipos de dúvidas e conflitos não solucionados. O resultado dificilmente é satisfatório. Minha própria recomendação é que, da mesma forma que a pessoa nasce, ela aceite uma fé religiosa e, por conseguinte, a mantenha.

— Hmmmm! — disse eu meditativamente. — Parece que todas as minhas ideias a respeito da religião estavam invertidas. A pessoa deve dar e nada pedir. Realmente, alimentara esperança de que alguém peça algo em nosso nome.

— Pode-se pedir compreensão e pedir na prece o poder de ajudar ao próximo, pois ajudando-se, aprende-se, ensinando-se, aprende-se, e salvando-se o próximo, salvamo-nos. É preciso dar antes de receber, dar de si mesmo, dar de sua compaixão e de sua misericórdia. Até que seja capaz de dar-se, o homem não poderá receber. Não se recebe piedade antes de demonstrar piedade. Não se consegue compreender sem primeiro ter demonstrado compreensão para os problemas do próximo. A religião é coisa importante demais, Lobsang, para ser esclarecida numa curta palestra como esta. Mas, pense no assunto. Pense no que pode fazer pelo próximo, dar prazer e promover o progresso espiritual dos demais. E quero perguntar-lhe uma coisa, Lobsang. Você ajudou a salvar a vida de um pobre monge idoso e acidentado. Se você examinar o caso atentamente, descobrirá que sentiu prazer e grande satisfação

com o ato. Não foi assim?

Pensei no assunto. Sim, foi exatamente isso. Senti grande satisfação em seguir o Honrado Puss Puss e levar ajuda ao ancião.

— Sim, Honrado Mestre, o senhor tem toda a razão. Senti grande satisfação. — Respondi finalmente.

Caíam as sombras da tarde e o manto púrpura da noite começava a estender-se gradualmente sobre o vale. Na distante Potala, as luzes começavam a bruxulear e pessoas a moverem-se por trás das cortinas de seda impermeável. Abaixo de nossa janela, um dos gatos soltou um lamentoso miado, respondido por outro gato, bem perto de nós. Meu Guia levantou-se e espreguiçou-se. Parecia ter os membros um pouco rígidos. Levantando-me com esforço, quase caí de bruços, pois estivera sentado ouvindo durante tempo mais longo do que pensara. Eu tinha também os membros rígidos. Juntos olhamos da janela por alguns momentos. Disse-me, então, o meu Guia:

— Talvez seja uma boa ideia ter hoje um sono reparador porque amanhã — quem sabe? — talvez seja um dia muito ocupado. Boa noite, Lobsang, boa noite.

— Honrado Mestre — respondi — muito obrigado pelo tempo que me dedicou e pelas explicações que me deu. Eu sou um pouco lento, acho, um pouco lerdo, mas estou começando a compreender um pouco. Obrigado. Boa noite.

Curvei-me diante dele, voltei-me e encaminhei-me para a porta de comunicação.

— Lobsang, — chamou o meu Guia. Voltei-me e fitei-o. — O Senhor Abade ficou realmente satisfeito com você e isto é um assunto que será registrado nos assentamentos. O Senhor Abade é um homem severo e austero. Você percebeu bem. Boa noite.

— Boa noite, — respondi novamente, e voltei ao quarto. Rapidamente, fiz os preparativos, muito simples, para a noite e deitei-me. Não dormi imediatamente. Fiquei pensando nas numerosas coisas que ele me havia dito e, cismando sobre o assunto, concluí que — sim — a correta prática da religião de cada um poderia proporcionar-lhe uma excelente e adequada disciplina espiritual.

14

— Oh! Aaaghii — Cansadamente, rolei para o lado e fiquei imóvel durante momentos, perguntando-me onde me encontrava. Relutantemente, despertei… bem… quase. O céu no leste apresentava tons ligeiramente rosados. Cristais de gelo, suspensos nas alturas pelas correntes ascendentes produzidas pelos picos das montanhas, luziam com relâmpagos prismáticos de tonalidades de arco-íris. Diretamente acima de mim, os céus conservavam ainda a cor púrpura profunda, uma cor que desmaiava à medida que eu a observava. Meu Deus! Como fazia frio! O chão de pedra parecia um bloco de gelo. Tremi. O delgado cobertor era uma medíocre proteção contra a frígida cama. Bocejando, esfreguei os olhos com os nós dos dedos, tentando afastar o sono, adiar por mais alguns minutos o esforço de levantar-me na fria manhã.

Irritadamente, ainda meio sonolento, apalpei desajeitadamente o meu "travesseiro", que durante o dia me servia de manto. Ainda sob os efeitos do sono profundo, continuei a tatear procurando descobrir qual lado era o de "cima". Desesperado — não conseguia despertar inteiramente — segui um palpite e puxei o trajo em torno de mim. Com crescente irritação, descobri que o vestira pelo avesso. Resmungando, sem querer, rasguei-o. Literalmente, rasguei-o, pois o velho trajo apodrecido rompeu-se de cima a baixo nas costas! Sombriamente, examinei os estragos, nu no ar gelado, tão frio que a respiração formava nuvens brancas em frente à boca. Bem, agora "ia ter". O que DIRIA o Mestre dos Acólitos? O dano à propriedade lamaísta — o descuido injustificável — seu garoto estúpido — eu sabia tudo o que ele diria, como fazia com tanta frequência.

Nós não recebíamos novos mantos. Se o garoto crescia demais, herdava o manto de um garoto mais velho. Todos os mantos eram velhos. Alguns eram mantidos inteiros mais pela fé do que pela resistência do material. Ora, o meu manto estava LIQUIDADO, concluí, examinando os tristes restos. Entre os dedos, senti o tecido delgado, vazio, destituído de "vida". Melancolicamente, sentei-me e envolvi-me no cobertor. O QUE FAZER AGORA? Prudentemente, rasguei-o um pouco mais e, em seguida, envolvido no cobertor à guisa de manto, saí a procura do

Mestre dos Acólitos. No escritório, encontrei-o dizendo coisas horríveis a um garoto, candidato a um novo par de sandálias.

— Os pés foram feitos antes das sandálias, rapaz, foram feitos antes das sandálias, — dizia ele. — Se eu pudesse fazer o que penso, vocês andariam todos descalços. Mas, TOME, eis um novo par. Cuide-os bem. Bem, e VOCÊ o que é que quer? — perguntou-me quando me viu envolvido no cobertor esmolambado.

Oh, como me olhou! Oh! como lhe fuzilaram os olhos ao pensamento de outro acólito que queria algo de seus preciosos suprimentos!

— Honrado Mestre — comecei possuído de grande receio. — Meu manto rompeu-se de alto a baixo. Mas estava muito esgarçado e há longo tempo não servia mais de tão estragado estava.

— ESTRAGADO? — berrou. — Eu sou aqui a pessoa que diz quando alguma coisa está estragada, e não você, seu garoto miserável. Saia e vá cuidar de seus afazeres vestido de molambos como punição pela audácia. — Um dos monges-atendentes curvou-se e murmurou-lhe qualquer coisa. O Mestre dos Acólitos fez uma careta e berrou: — O quê? O quê? Fale alto. NÃO SABE FALAR ALTO?

O monge-atendente mugiu de volta:

Disse que este garoto foi recentemente convocado pelo Mais Sagrado. Disse também que fora levado à presença do Senhor Abade aqui mesmo, e que ele é o chela do Honrado Mestre o Lama Mingyar Dondup.

— Ulp! Urragh! — Ofegou o Mestre dos Acólitos. — Por que, em nome de Buda, não me disse antes quem era ele? Você é um palerma, um imbecil, pior do que qualquer dos acólitos! — O Mestre dos Acólitos voltou-se para mim com um sorriso nas feições bem marcadas. Eu via a agonia que lhe causava querer parecer agradável. Disse, finalmente: — Deixe-me ver o manto, meu rapaz.

Silenciosamente, passei-lhe o manto com as costas para cima, para que ele visse logo os rasgões. Segurou o trajo esfarrapado e suavemente puxou uma das pontas. Para meu deleite, o rasgão aumentou e, com um puxão afinal, dividiu-se em dois. O Mestre dos Acólitos, olhou-me boquiaberto, dizendo:

— Sim. Rasgou-se facilmente, não foi? Venha comigo, rapaz, você ganhará um novo manto. — Pôs a mão no meu cotovelo e, neste momento, apalpou o cobertor. — Hmm! Está muito esgarçado. Você deve ter se sentido tão infeliz com o cobertor quanto com o manto. Vou lhe dar também um novo.

Juntos, entramos numa sala lateral.. bem… ou seria mesmo uma sala? Parecia mais um salão. Mantos de todos os tipos pendiam de ganchos presos à parede, mantos desde os usados pelos lamas mais categorizados aos trajos mais humildes dos

trabalhadores braçais. Continuando a segurar-me pelo braço, conduziu-me pelo aposento com os lábios contraídos, parando aqui e ali para apalpar um traje. Parecia que ele os amava a todos, sem exceção.

Chegamos ao local onde havia trajes de acólitos. Paramos. Passou os dedos pelo queixo e, em seguida, puxou os lóbulos da orelha.

— Então, você é o rapaz que o vento levou abaixo e acima da montanha até o Telhado Dourado? Humm! Então você é o rapaz que compareceu perante o Mais Sagrado por ordens expressas, eh? Hmm! E você é o rapaz de quem ouvi pessoalmente dizer que conversou com o Senhor Abade desta lamaseria? Hmmm! E você — bem, bem, isto é o mais extraordinário — conseguiu a proteção do próprio Senhor Abade. Hmmm! — Contorceu o rosto numa carranca e pareceu olhar para um ponto muito distante. Meu palpite era que ele se perguntava se eu iria novamente à presença do Mais Sagrado ou do Senhor Abade e — quem sabe? — até mesmo um garoto pode ser usado para promover os objetivos de um homem ambicioso.

— Eu vou fazer algo muito incomum. Vou lhe dar um manto inteiramente novo, confeccionado na semana passada. Se o Mais Sagrado, o Senhor Abade e o Grande Lama Mingyar Dondup o protegem, é preciso que você compareça perante eles vestido de um modo que não me cause vergonha. Hmm! — Voltou-se e conduziu-me à outra sala, um anexo do grande depósito. Aqui estavam guardados os mantos novos, recém-confeccionados pelos monges, sob a direção dos lamas. Passou os dedos por uma pilha de trajos que não haviam sido postos nos ganchos, escolheu um deles e entregou-o a mim dizendo:

— Vista-o. Vamos ver se serve. — Rapidamente, pus de lado o cobertor, tendo o cuidado de dobrá-lo corretamente, e experimentei o novo manto. Como eu bem sabia, um manto novo em folha indicava aos demais acólitos, e aos monges também, que a pessoa tinha "influência" em alguma parte e que, portanto, era pessoa de certo peso. Fiquei satisfeito de apanhar um novo manto porque, embora o velho fosse ocasionalmente interpretado como uma indicação de que a pessoa era acólito já há algum tempo, um manto novo em folha constituía um sinal de importância.

O manto servia perfeitamente. Era muito mais espesso e nos curtos momentos em que o vesti, ele me trouxe um agradável calor ao corpo, tão trêmulo de frio momentos antes.

— Serve perfeitamente, Mestre — disse-lhe com prazer.

— Hmmm! Penso que conseguiremos algo melhor do que isto. Espere um momento. — Enfiou a mão na pilha, resmungando e murmurando, vez por outra

dedilhando as contas do rosário. Finalmente, dirigiu-se a outra pilha e retirou um trajo de muito melhor qualidade. Deu um suspiro e praticamente gemeu:

— Este é da partida especial, feito por engano com material superior. Experimente este agora. Penso que produzirá uma grande impressão sobre os nossos superiores.

Não havia dúvida a respeito disso. Era um excelente manto. Ajustava-se perfeitamente ao meu corpo. Talvez fosse um pouco comprido, descendo até quase os pés. Mas isto era intencional para que me servisse ainda quando eu crescesse. E este manto novo em folha duraria muito mais. De qualquer modo, um trajo comprido demais podia ser encurtado, fazendo-se um "papo" maior na frente, o que me permitiria conduzir mais coisas. Virei-me diversas vezes enquanto o Mestre dos Acólitos me examinava cuidadosamente. Finalmente, inclinou a cabeça e puxou o lábio superior antes de observar, com considerável tristeza:

— Tendo ido longe, podemos certamente ir um pouco mais adiante. Você terá o manto, meu rapaz, e eu lhe darei outro porque vejo que você não tem uma muda. — Senti dificuldade em entender-lhe as palavras, porque ele as murmurava de costas voltadas para mim, com as mãos enfiadas em outra pilha de mantos. Finalmente voltou com outro, dizendo: — Experimente este para ver se dá também em você. Sei que você é o garoto que recebeu um quarto especial na Ala dos Lamas, de modo que o manto não será surrupiado por um garoto maior.

Senti-me deliciado. Possuía agora dois mantos, um de reserva e o outro para o uso diário. O Mestre dos Acólitos examinou com considerável desgosto o meu cobertor e observou:

— Oh, sim, vamos dar-lhe um novo cobertor. Venha comigo e traga o velho com você.

Seguiu apressadamente à minha frente, entrou no depósito principal e chamou um monge, que se aproximou com uma escada. Rapidamente, o monge subiu a escada e tirou um cobertor de uma das prateleiras. O cobertor, porém, contrastava tanto com o meu manto que, com um gemido de pura angústia, o Mestre dos Acólitos resolveu cuidar pessoalmente do assunto, entrou num quarto lateral, voltando momentos depois, com os olhos meio cerrados e um cobertor de qualidade superior.

— Leve-o, rapaz, leve-o, — disse em voz trêmula. — Este é um dos nossos melhores cobertores, feito por acaso com material superior. Leve-o e lembre-se, quando vir o Senhor Abade ou O Mais Sagrado, que eu o tratei bem e que lhe dei trajes magníficos. — E com toda seriedade afirmo que o Mestre dos Acólitos cobriu

os olhos com as mãos, enquanto gemia com o pensamento de separar-se dos seus materiais de melhor qualidade.

— Sinto-me gratíssimo, Honrado Mestre, — repliquei. — Esteja certo (aqui entrou a minha diplomacia!) — que meu Mestre, o Lama Mingyar Dondup, saberá logo de sua bondade em me dar estes trajes. Muito obrigado! — Tirando esse peso do corpo, voltei-me e saí do depósito. A caminho da porta, um dos monges-atendentes piscou solentemente os olhos para mim e somente a custo pude evitar de soltar uma gargalhada.

Subi novamente o corredor em direção ao reservado dos Lamas. Correndo apressadamente com um manto e um cobertor nos braços, quase colidi com o meu Mestre.

— Oh, Honrado Mestre! — exclamei. — Sinto muito. Mas não o vi.

O meu mestre riu e observou:

— Você parece um caixeiro-viajante, Lobsang. Parece que acaba de cruzar as montanhas vindo da Índia. Estabeleceu-se no comércio por acaso?

Contei-lhe os meus problemas, que o meu manto rasgara-se de alto a baixo. Disse-lhe também que o Mestre dos Acólitos dissera a um garoto que todos eles deviam andar descalços. Meu Guia conduziu-me ao seu quarto, onde nos sentamos. Imediatamente, o meu estômago sinalizou que eu não havia comido ainda coisa alguma. Felizmente, o meu Mestre ouviu o sinal e sorriu, dizendo:

— Então, você também não quebrou o jejum? Então, vamos quebrá-lo juntos. — Estendeu a mão e sacudiu a pequena campainha de prata.

Ingerimos o *tsampa* calados, até terminar a refeição. Removidos os pratos pelo atendente, o meu Guia tomou a palavra:

— Então, você conseguiu impressionar o Mestre dos Acólitos? Você deve ter-lhe causado uma profunda impressão para conseguir dois bons mantos e um cobertor. Vou ver se consigo fazer a mesma coisa!

— Mestre, estou muito curioso a respeito de roupas, pois se o Mestre dos Acólitos diz que devíamos andar sem sandálias, por que não podemos andar sem roupas?

O meu Guia riu e observou:

— Há muitos anos, naturalmente, o homem não usava roupas, e porque não as usava, não sentia falta alguma delas. Além disso, o corpo humano podia compensar uma variação muito mais ampla de temperatura. Hoje, por usar roupas, tornamo-nos fracos e arruinamos nossos mecanismos de regulação de calor, ao usá-los erroneamente. — Silenciou, meditando sobre o problema. Em seguida riu e

continuou: — Poderá você imaginar alguns dos gordos monges andando em pelo por aí? Seria um grande espetáculo! Mas a história das roupas é muito interessante, pois ninguém as usava e, portanto, não havia traições, uma vez que todos podiam ver as respectivas auras. Finalmente, porém, os líderes das tribos daqueles dias decidiram que precisavam de algo que os distinguisse dos demais e começaram a usar um cocar de penas de aves estrategicamente colocados ou algumas camadas de pintura feitas com vários tipos de sementes. Nessa ocasião, porém, as mulheres entraram na dança: queriam enfeitar-se também e usaram ramos de folhas, ainda mais estrategicamente situadas. — O meu Guia riu pensando nessas pessoas. Eu mesmo podia imaginar um quadro bastante aceitável.

— No dia em que o Grande Chefe e a Grande Dama de cada tribo puseram todos esses atavios — prosseguiu — o segundo na linha de sucessão quis também alguns adereços e assim ficou igual ao Grande Chefe e à Grande Dama. Estes tiveram de acrescentar ainda mais ornamentos e assim a questão continuou durante algum tempo, usando os líderes cada vez mais roupas. Finalmente, as mulheres importantes passaram a usar roupas definitivamente sugestivas, adornando coisas que deviam deixar entrever o que não devia ser ocultado, pois — e não me interprete mal — quando as pessoas podiam ver a aura não havia traição, nem guerras, nem falsidade. Somente quando começaram a usar roupas, as pessoas deixaram de ver a aura e de serem clarividentes e telepatas. — Ele me encarou e disse: — Preste bem atenção, porque isto guarda estreita relação com o que você terá de fazer mais tarde. — Inclinei a cabeça para demonstrar que era todo ouvidos.

Prosseguiu o meu Guia:

— O clarividente que pode ver o astral de outra pessoa precisa ver o corpo nu para diagnosticar corretamente uma doença. Quando as pessoas usam roupas, a aura é contaminada. — Endireitei-me no meu lugar, algo espantado, pois não compreendia como uma roupa podia contaminar a aura e disse isto ao meu Mestre. Ele me respondeu: — Quando a pessoa está nua, a aura é dela e de ninguém mais. Ora, se você põe um traje de lã de iaque, você absorve a influência áurica do iaque, da pessoa que o tosquiou, que penteou e cardou a lã e da que teceu o material. Deste modo, se você vai estudar a aura vista através do tecido, você poderá contar a história íntima do iaque e de sua família, o que não é exatamente o que você quer.

— Mas, Mestre — perguntei, preocupado — como pode a roupa contaminar a aura?

— Bem, exatamente como acabei de lhe dizer. Tudo o que existe possui um campo de influência próprio, um campo magnético próprio. Se você olhar pela janela, verá a brilhante luz solar, mas se descer as cortinas de seda impermeável, a luz

será modificada pela influência da tela. Em outras palavras, você verá realmente uma tonalidade azulada de luz e isto em nada o auxiliará a descrever em que consiste a luz solar.

Ele sorriu um tanto ironicamente em minha direção e prosseguiu:

— É notável, realmente, que o senhor se mostre sempre tão contrário a dispensar as roupas… Sempre sustentei a teoria de que as pessoas têm uma memória racial que lhes lembra que, sem a roupa, a aura poderia ser vista e interpretada. E tantas são as pessoas atualmente com pensamentos de culpa que elas sempre se conservam vestidas, o que constitui um sinal de culpa, disfarçado sob o nome de pureza e inocência. — Refletiu durante alguns momentos e observou em seguida: — Numerosas religiões dizem que o Homem é feito à imagem de Deus. O homem, porém, parece envergonhado de seu corpo, o que significa uma vergonha da imagem de Deus. É extremamente confusa a maneira como as pessoas se comportam. No Ocidente, as pessoas exibem um surpreendente volume de carne em certas áreas, mas cobrem outras, o que faz com que a atenção seja automaticamente atraída para elas. Em outras palavras, Lobsang, numerosas mulheres vestem roupas inteiramente sugestivas: usam partes acolchoadas. As almofadas são feitas com a finalidade de levar o homem a pensar que elas têm o que realmente não possuem, da mesma maneira que, há alguns anos, os homens no Ocidente usavam certas coisas nas calças para mostrar que eram avantajados. Isto é, usavam certos artifícios para dar a impressão de que eram generosamente dotados e que seriam parceiros bem viris. Infelizmente, os mais acolchoados eram os menos viris! Outra grande dificuldade com as roupas é que excluem o ar fresco. Se o homem usasse menos roupas e tomasse banhos de ar melhoraria muito a saúde. Haveria menos câncer e muito menor tuberculose pulmonar, pois quando a pessoa está enfaixada com roupas o ar não circula e os germes se multiplicam.

Pensei um momento nas palavras do meu mestre e não consegui entender como os germes se multiplicariam se a pessoa usasse roupas. Manifestei essa opinião. Respondeu-me o meu Guia:

— Lobsang! Se você examinar o chão, talvez não veja muitos insetos, mas se você erguer um tronco podre ou uma grande pedra, você descobrirá embaixo todos os tipos de criaturas. Encontram-se ali insetos, vermes e vários tipos de criaturas que crescem e vivem apenas em lugares escuros e isolados. Da mesma forma, o corpo é coberto por bactérias e germes. A ação da luz impede-os de multiplicarem-se e conserva o corpo sadio. Mas logo que permite que bolsas de ar estagnado permaneçam na escuridão de roupas grossas, as bactérias se multiplicam. — Ele me fitou, com bastante seriedade, e disse: — Mais tarde, quando você for médico e tiver

clientes, descobrirá que, se uma bandagem for deixada por muito tempo numa ferida, formam-se vermes da mesma forma que, debaixo de uma pedra que é deixada no chão, os insetos se reúnem. Mas isto é uma coisa que você estudará no futuro.

Levantou-se, espreguiçou-se, e continuou:

— Mas agora temos de sair. Dar-lhe-ei cinco minutos para preparar-se. Em seguida, vá até os estábulos, pois vamos fazer uma viagem juntos… Com essas palavras, indicou-me com a mão que apanhasse a muda do manto e o cobertor e os levasse para meu quarto. Curvei-me diante dele, apanhei minha trouxa e atravessei a porta de comunicação. Ocupei-me durante alguns minutos preparando-me. Em seguida, desci para os estábulos, como ele me ordenara.

Entrando no pátio, parei espantado: estava sendo organizada uma tropa bem alentada. Durante alguns momentos, apoiado ora num pé ou no outro contra um dos muros, perguntei-me por que tudo aquilo. Por um momento, pensei que um dos Abades preparava-se para viajar. Nessa ocasião, o meu Guia, o Lama Mingyar Dondup, apareceu e olhou rapidamente em volta. Vendo-me, fez-me um sinal. Meu coração se contraiu quando descobri que toda essa agitação era para nós.

Um cavalo fora destinado ao meu Guia e outro, menor, para mim. Além disso, o grupo compunha-se de quatro monges-estudantes, também montados, e mais quatro alimárias carregadas de trouxas e embrulhos. O peso, porém, não era excessivo e duas podiam ser usadas em qualquer momento como cavalos de muda para que os homens mais pesados não cansassem em montarias. Ouvi o resfolegar pesado dos cavalos, patas batendo no chão e o silvo de chicotadas de caudas. Abri caminho com o maior cuidado, pois, certa vez, um cavalo brincalhão atraiu-me para sua traseira e, em seguida, plantou-me um coice com força considerável no meio do peito, derrubando-me e fazendo dar cambalhotas pelo chão. Desde então, tive mais cuidado.

— Bem, vamos subir as montanhas, Lobsang, durante dois ou três dias, e você vai como meu assistente. — Os seus olhos brilharam quando disse estas palavras. Na verdade, constituía outro estágio de meu treinamento. Dirigimo-nos juntos para os cavalos. O que me fora reservado voltou a cabeça e realmente tremeu ao reconhecer-me. Rolou os olhos e relinchou em violento protesto. Ele tinha toda a minha simpatia, pois eu não gostava mais dele do que ele de mim. Um monge-palafreneiro, porém, estendeu as mãos em concha e me ajudou a montar. O meu guia, já montado, esperava. O monge-palafreneiro sussurrou-me:

— Este cavalo é manso e você não deve ter problemas… Nem mesmo você!

Meu Guia inspecionou a cena, verificou se eu estava exatamente atrás dele, os

quatro monges-atendentes também em posição, e as alimárias presas a longas cordas. Alçou a mão e descemos a montanha. Os cavalos que me davam nas viagens pareciam ter uma coisa em comum: em todos os lugares em que havia um trecho especialmente íngreme, a desgraçada besta baixava a cabeça e eu tinha de agarrar-me para não deslizar pelo pescoço. Desta vez, segurei-me pondo os pés atrás das orelhas do cavalo — e ele não gostou, do mesmo jeito que eu não gostava quando ele baixava a cabeça! A estrada terraceada era acidentada, havia bastante tráfego e eu era obrigado a concentrar todas minhas habilidades para conservar-me na sela. Consegui, porém, ao dobrar uma curva, olhar rapidamente para a planície que fora meu lar e que não era mais.

Continuamos a descer a montanha e dobramos à esquerda na Estrada de Linghor. Cruzamos lentamente a ponte do rio e, ao chegar à vista da Missão Chinesa, viramos subitamente à direita, tomando a estrada que conduzia a Kashya Linga. Fiquei a perguntar-me por que um grupo tão grande ia em direção do pequeno parque. Meu Guia não deu outra indicação sobre o nosso caminho, salvo dizer que íamos "às montanhas", e, como estas se achavam por todos os lados, apertando-nos em uma espécie de tigela, não conseguia atinar com o nosso destino.

Subitamente, pulei de alegria, tão inesperadamente que o miserável do cavalo começou a corcovear, pensando que o atacava, ou coisa parecida. Consegui, no entanto, manter-me na sela e puxei tanto as rédeas que a cabeça do animal voltou à posição certa. Essa manobra o aquietou e eu aprendi uma lição — mantenha a rédea curta e você está seguro na sela, ou, pelo menos, esperava que assim fosse. Vimos um grupo de mercadores desembarcando dos barcos. Meu Guia desmontou. O monge-atendente mais graduado desmontou também e dirigiu-se ao barqueiro. Conversaram durante alguns momentos. Em seguida, ele voltou, dizendo:

— Está tudo resolvido, Honrado Lama. Podemos atravessar agora.

Imediatamente houve movimento e confusão. Os monges-atendentes desmontaram e convergiram sobre os animais de carga. As cargas foram retiradas e levadas para a barca. Em seguida, prenderam os cavalos, juntos, com longas cordas. Dois monges montaram e conduziram os cavalos até o rio. Puxaram os mantos até a cintura, enquanto os cavalos, valentemente, mergulhavam na água e nadavam até a outra margem. O meu Guia, notei com algum espanto, já estava na barca, fazendo-me sinal para entrar também. Assim, pela primeira vez na vida, entrei num barco, seguido pelos dois ajudantes. Com uma palavra murmurada ao seu assistente, o barqueiro deu a partida. Durante um momento, senti uma sensação de tontura, pois a barca girou em círculo.

O barco era feito de peles de iaque, cuidadosamente costuradas e tornado a

prova de água. Em seguida, a engenhoca era inflada. Pessoas entravam com suas trouxas, enquanto o barqueiro com longas varas, ou remos, remava lentamente através do rio. Quando havia vento de proa, ele demorava muito, mas sempre compensava na volta, pois a questão se resumia então no guiar o barco e no soprar do vento.

Fiquei excitado demais para gravar aquela primeira viagem pela água. Sei que me agarrei aos bordos do barco, com algum perigo para os meus dedos, pois pregos afiados prendiam as peles. De qualquer modo, eu tinha receio de mover-me porque toda a vez que tentava fazê-lo alguma coisa cedia sob meus pés. Era quase como se repousássemos sobre o nada e nada parecido como descansar sobre um bom e sólido chão de pedra que não balançava. Além disso, o rio estava encapelado e eu cheguei à conclusão de que havia comido demais. Fiquei com medo de enjoar terrivelmente na frente de todas aquelas pessoas. De qualquer modo, prendendo a respiração a intervalos convenientes, consegui manter a compostura. Logo depois o barco arranhou a praia rasa e cheia de seixos, e descemos.

A tropa foi reagrupada com meu Guia à frente, eu a meio cavalo atrás e, em seguida, os quatro ajudantes, cavalgando em parelhas, puxando os quatro animais de carga. Meu Guia olhou em volta para ver se tudo estava em ordem. Em seguida, começou a cavalgar em direção do Ocidente.

Permanecemos na sela horas intermináveis enquanto os cavalos andavam em passo regular. Durante todo o tempo seguimos na direção Oeste, na direção em que desaparecera a manhã, pois dizemos que o Sol nasce no Leste e viajara para Oeste, levando consigo a manhã. Pouco depois, o Sol se emparelhou conosco e começou a bater a pino. Não havia nuvens e os raios realmente queimavam. Mas, logo que ficamos à sombra das grandes rochas, o frio apertou violentamente, pois em nossas altitudes não há ar suficiente para equilibrar os raios quentes do Sol com a frigidez das sombras. Continuamos durante mais meia hora, talvez. Em seguida, chegamos a uma parte do caminho que o meu Guia aparentemente usava como ponto de descanso. Sem qualquer sinal que eu pudesse perceber, os monges apearam e imediatamente começaram a esquentar água, utilizando estrume seco de iaque como combustível. Obtiveram água numa torrente próxima. Meia hora depois, comíamos o nosso *tsampa* e eu, pelo menos, precisava dele realmente. Alimentamos em seguida os cavalos, que foram levados depois à corrente, onde beberam.

Sentei-me de costas contra um calhau, que parecia tão grande quanto os edifícios do Templo de Chakpori. De nossa alta posição, observei o vale de Lhasa. O ar era absolutamente claro, sem neblina ou poeira e se podia ver tudo com a mais absoluta clareza. Víamos os peregrinos cruzando o Portão Ocidental, os mercadores

e, lá, embaixo na estrada, o barqueiro transportando outra leva de passageiros pelo Rio Feliz.

Pouco depois, chegou a hora de partir. Carregamos novamente os cavalos, montamos, e continuamos a subir o caminho da montanha, penetrando mais e mais nos sopés do Himalaia. Logo depois abandonamos a estrada tradicional, que finalmente desembocaria na índia, e dobramos à esquerda onde o caminho — desta vez mais trilha do que estrada — tornou-se mais íngreme. A nossa marcha reduziu-se bastante. Acima de nós, pousada sobre uma saliência, distinguimos uma pequena lamaseria. Observei-a com grande interesse. Ela me fascinava porque eu sabia que pertencia a uma Ordem ligeiramente diferente, uma Ordem em que os monges e lamas casavam e viviam com suas famílias.

Continuamos, hora após hora, e finalmente chegamos ao mesmo nível da lamaseria. Vimos monges e freiras andando juntos. Surpreendi-me bastante ao notar que as freiras tinham também o cabelo raspado. Possuíam faces escuras, brilhantes. O meu Guia segredou-me uma explicação:

— O local é açoitado por numerosas tempestades de poeira e, por isso mesmo, eles usam uma espessa máscara de graxa, que protege a pele. Mais tarde, nós, também, teremos de usar máscaras de couro.

Felizmente, meu cavalo possuía pés seguros e conhecia mais as trilhas da montanha do que eu, que tinha a atenção presa na pequena lamaseria. Vi crianças brincando. Realmente não consegui compreender por que havia monges celibatários e outros casados. Por que deveria haver tal rompimento entre dois ramos da mesma religião? Os monges e freiras simplesmente levantaram os olhos quando passamos e ignoraram-nos, ignoraram-nos mais do que se tivéssemos sido meros mercadores.

Continuamos a subir. Bem acima de nós, notei um edifício branco e ocre, empoleirado sobre o que eu teria julgado uma plataforma rochosa totalmente inacessível. O meu Guia indicou-a com a mão.

— É lá que vamos, Lobsang, aquele eremitério. Chegaremos lá somente amanhã porque o caminho é muito perigoso. Hoje à noite dormiremos aqui, entre as rochas.

Andamos talvez mais uns mil e seiscentos metros e paramos entre um amontoado de pedras, dispostas quase como se formassem um pires. Dirigimos os cavalos para o interior das rochas e desmontamos. Prendemos e alimentamos os animais. Comemos *tsampa*… e logo após a noite caiu sobre nós como uma cortina que se fechava. Enrolei-me no cobertor e espiei entre duas rochas. Podia distinguir lampejos de luz em Chakpori e na Potala. A luz brilhava intensamente e o Rio Feliz

bem poderia ser denominado o Rio Prateado, pois luzia com um brilho puro de prata. Na noite silenciosa, nenhum vento, nenhum movimento, nem mesmo um canto de ave. As estrelas brilhavam intensamente em miríades de tonalidades. Nesse momento, adormeci.

Repousei bastante, sem a interrupção dos serviços no templo, sem nenhuma ordem para fazer coisa alguma. Ao acordar, ao amanhecer, contudo, senti-me como se um rebanho de iaques tivesse passado sobre mim. Os ossos doíam-me todos e julguei que não poderia em absoluto sentar-me. Lembrei-me do miserável cavalo e entreti a esperança de que estivesse também dolorido, embora guardasse as maiores dúvidas a respeito. Pouco depois, recomeçou a azáfama em nosso pequeno acampamento, com os atendentes preparando o *tsampa*. Afastei-me um pouco, enquanto trabalhavam e contemplei o vale de Lhasa. Voltei-me em seguida e observei o eremitério, situado a uns trezentos metros acima. Parecia um lugar estranho, lembrando um ninho de ave preso contra a parede de uma casa, que sempre se espera que caia e se despedace a qualquer momento. Não consegui distinguir caminho ou maneira de alcançar o eremitério.

Voltei ao acampamento e ao *tsampa* e ouvi a conversa dos atendentes. Pouco depois — terminado o desjejum — meu Guia deu ordem de partida:

— Temos de partir, Lobsang. Os cavalos e três dos monges-atendentes permanecem aqui e nós e o quarto subimos.

Meu coração se contraiu. Como é que eu poderia subir aquela encosta? Estava convencido de que se os cavalos não podiam subir, tampouco eu o faria. Não obstante, um dos monges-atendentes retirou as cordas dos cavalos e se enrolou nelas. Em seguida, apanhei uma sacola de não sei o quê, o meu guia tomou a outra, enquanto o troncudo monge se apossava da terceira. Os três monges que ficariam pareciam muito felizes de passarem algum tempo sem supervisão, sem fazerem coisa alguma salvo cuidar dos cavalos. Partimos, abrindo caminho lentamente entre as rochas, encontrando aqui e ali um precário ponto de apoio. Logo depois, piorou o caminho e o monge-atendente tomou a frente, usando uma corda com duas pedras presas à ponta. Lançava a corda, dava uma rápida sacudidela, as pedras giravam e prendiam a corda. Puxava outra vez para ver se ela estava bastante segura. Em seguida, subiu. Alcançando a extremidade, prendia firmemente a corda para que o meu Guia e eu pudéssemos fazer a lenta e perigosa ascensão. O processo foi repetido numerosas vezes.

Finalmente, após um esforço especialmente árduo, alcançamos uma plataforma rochosa, talvez de nove metros de largura, obviamente cortada por antiga avalancha. Dando graças por chegar lá, galguei a plataforma, primeiro sobre os joelhos e, em

seguida, de pé, e voltei os olhos para a direita. A alguns metros, vi o eremitério.

Por alguns momentos paramos ofegantes, recuperando a respiração. A paisagem fascinou-me. Contemplava o Telhado Dourado da Potala e os pátios de Chakpori. Pensei que um suprimento novo de ervas havia chegado justamente naquele momento, pois o lugar parecia uma colmeia assanhada, com monges correndo em todas as direções. Havia muito tráfego, igualmente, em direção ao Portão Ocidental. Suspirei. Isto não era para mim. De minha parte, era obrigado a subir todas as montanhas e encontrar certas pessoas em eremitérios. Quem senão um idiota, teria se emparedado num lugar desses?

Vimos, em seguida, sinais de atividade. Do eremitério três homens caminhavam em nossa direção. Um deles, muito idoso, apoiava-se em dois outros, mais jovens. Vendo-os, apanhamos a nossa bagagem e nos dirigimos ao edifício.

15

O velho era cego — totalmente cego. Examinei-lhe, espantado os olhos. Eles eram ESTRANHOS. Por algum tempo, não consegui atinar com o que me levava a pensar que eram tão estranhos. Lembrei-me, então, como ele perdera a vista.

No Tibete, os eremitas são emparedados em celas profundas. As celas são totalmente privadas de luz. Após três ou sete anos, se o indivíduo desejar sair, ou se pensar que a reclusão auto-imposta deve terminar, o processo demorará tempo considerável. Em primeiro lugar, abre-se um diminuto orifício no teto da cela para que penetre uma diminuta réstia de claridade. Diversos dias depois, o orifício é alargado de modo que, talvez depois de um mês, o eremita possa enxergar novamente. Ocorre isto porque durante o encarceramento as pupilas se abrem completamente. Se a luz entrasse subitamente, o homem ficaria instantaneamente cego. O velho estivera em uma cela cuja parede fora atingida por uma avalancha. Num momento, o eremita estava sentado na cela onde se emparedara durante vinte anos; no seguinte, um terrível barulho, desmoronamento, parede arrancada, e o velho olhando diretamente para o sol candente. Instantaneamente, ficou cego.

O ancião conversava com o meu Guia!

— Assim, de acordo com o costume, fornecemos o alimento no primeiro dia, no segundo e no terceiro. A comida não foi tocada e como o nosso Irmão não responde, acreditamos que sua alma tenha partido da casca vazia do corpo.

Meu Guia segurou o braço do ancião, dizendo:

— Não se preocupe, meu Irmão, pois o assunto será examinado. Talvez nos possa conduzir à cela.

Os demais se voltaram, tomaram à frente e cruzamos o pequeno pátio. À esquerda, notei uma série de pequenas celas, as primeiras que observara, nuas, sem conforto algum, pois eram justamente celas, cavernas de pedras na encosta rochosa da montanha. Não havia mesas, "tankas", coisa alguma. Apenas o chão de pedra, onde o monge se sentaria ou dormiria. Continuamos e entramos num grande aposento sombrio, uma sala pousada precariamente sobre uma projeção rochosa da montanha. Pareceu-me uma estrutura bastante precária, mas aparentemente

sobrevivera aos elementos durante uns duzentos anos.

No centro do grande aposento escuro havia outro. A escuridão aumentou quando nos aproximamos. À luz das lâmpadas de manteiga, penetramos num pequeno corredor, preto como breu, de mais ou menos três metros, e chegamos a uma parede nua. As lâmpadas lançavam um fraco brilho que parecia intensificar a escuridão. Meu Guia tomou uma das lâmpadas e a levantou à altura do peito. Observei que havia um alçapão muito bem fechado. Meu Guia abriu-o e tenteou no que me pareceu o interior de um armário. Bateu fortemente na parte interna do armário e escutou atentamente. Em seguida, introduziu a lâmpada e eu vi o que me pareceu uma caixa enfiada na parede.

Explicou-me o meu Guia:

— Isto é uma caixa, Lobsang, com duas portas, esta e outra, interna. O ocupante da cela espera até um certo tempo, abre a porta, apalpa e remove o alimento e a água colocados para ele. Jamais vê a luz, jamais fala com alguém. Ele está, de fato, sob um voto de silêncio. O problema agora é que ele não se alimenta há diversos dias e nós não sabemos se ele está vivo ou morto.

Os seus olhos vaguearam da abertura para mim. Voltando à abertura, mediu-a com a mão e o braço. Em seguida, mediu-me também, dizendo:

— Parece-me que se tirasse o manto, você poderia introduzir-se através desta abertura e abrir a porta do outro lado. Veria, então, se o monge necessita de atenção.

— Oh! Mestre! — Exclamei apavorado. — O que acontecerá se eu entrar e não puder sair.

O meu Guia pensou um momento e respondeu:

— Em primeiro lugar, você será erguido e apoiado. Em seguida, com uma pedra, destruirá a porta interior. Depois de derrubada, nós o introduziremos jeitosamente e você poderá segurar uma lâmpada nas mãos estendidas. Deverá haver bastante claridade para que você veja se o homem precisa de ajuda.

O meu Guia entrou em outro quarto, apanhou três lâmpadas de manteiga, comparou os pavios de duas delas, reuniu os três, torceu-os e colocou-os numa das lâmpadas, que encheu cuidadosamente de manteiga. Entrementes, um dos monges saíra e voltava com uma pedra de bom peso. Entregando-a a mim, levantei-a no ar procurando calcular-lhe o peso e o equilíbrio.

— Mestre, por que o monge não pode responder a uma pergunta? — perguntei.

— Porque está sob o voto de não falar durante certo tempo. — Ouvi, em resposta.

Relutantemente, despi o manto, tremendo do frio ar da montanha. Chakpori era bastante frio, mas aqui era pior, e o frio cortava a pele. Conservei as sandálias, pois o chão parecia um bloco de gelo.

Entrementes, o monge havia apanhado a pedra e dado uma forte pancada na porta, que pulou dos caixilhos com um grande barulho. Os demais, embora tentassem bastante, não podiam distinguir coisa alguma no interior da cela. O meu Guia pôs-me em posição horizontal. Estendi os braços como se fosse mergulhar. Um dos monges acendeu os três pavios, e pôs a lâmpada cuidadosamente entre as minhas mãos. Fui empurrado para frente. O caixilho do desgraçado armário, ou passagem, era muito áspero, mas, com muitos resmungos e exclamações, consegui penetrar na entrada em forma de caixa, sendo virado para os lados, e para frente e para trás, até que meus braços e cabeça se projetaram do outro lado. Imediatamente, senti uma fedentina insuportável. Era um cheiro absolutamente repugnante, o cheiro de carne podre, de coisa estragada. Sente-se odor semelhante quando se encontra por acaso um iaque ou um cavalo morto que estão ao relento há muito tempo. Pareceu-me que todos os vasos sanitários do mundo haviam se quebrado no mesmo momento! Embora totalmente engasgado com o cheiro, consegui controlar-me e erguer a lâmpada. No tremelicar de luz refletida pelas paredes de pedra pude distinguir o velho monge. Tinha os olhos brilhantes postos em mim, fixando-me tão duramente que, no sobressalto do medo, perdi um bocado de pele dos ombros. Voltei a fitá-lo e notei que os olhos brilhavam na luz refletida, mas que não piscavam nem se moviam. Mexi os pés, indicando que queria sair — e depressa. Gentilmente, fui puxado e vomitei, oh, como vomitei!

— Não podemos deixá-lo lá! — disse o meu Guia. — Teremos de derrubar a parede e tirá-lo de lá.

Recuperei-me da náusea e vesti o manto. Os demais trouxeram um pesado martelo e duas barras de ferro com extremidades chatas. Colocaram as barras nos nichos em uma parte afastada da parede e começaram a bater com força. Gradualmente, removeram um bloco após outro. A fedentina era terrível. Finalmente, abriu-se um buraco suficientemente grande para que um homem entrasse. Um dos monges entrou, levando duas lâmpadas. Logo depois, voltou, pálido como um defunto. Confirmou as minhas palavras, o que muito me agradou.

— Teremos de atar uma corda em torno dele e puxá-lo para fora — disse o monge. — Ele está se desfazendo em pedaços. A carne está quase toda podre.

Silenciosamente, um dos monges deixou o quarto e voltou em seguida com um longo pedaço de corda. Entrando no buraco da parede (onde a porta fora originariamente fechada), ouvi-lhe os movimentos no interior da cela. Voltou,

dizendo:

— Tudo pronto. Podem puxar.

Suavemente, dois monges começaram a puxar. Logo depois apareceu a cabeça do ancião, em um estado horripilante. Os monges o puxaram com cuidado. Foi erguido por ternas mãos e levado para fora.

Do lado mais distante do aposento saía uma pequena trilha que subia a montanha. Conduzindo o fardo, os dois monges subiram a trilha e desapareceram de nossas vistas. Eu sabia que eles levariam o corpo para uma superfície plana onde os abutres logo o devorariam, pois não havia meios de enterrar corpos na montanha dura. Os enterros eram feitos "ao ar livre".

Enquanto isso se fazia, o nosso monge-atendente abriu um pequeno orifício no lado oposto da parede, dando passagem a uma réstia de luz. Em seguida, com baldes de água, lavou a cela dos restos do seu último ocupante. Brevemente — quando? — alguém a ocuparia e lá viveria quantos, quantos anos? Dez? Vinte?

Mais tarde, sentados em conversa, o ancião disse:

— Sinto que temos aqui uma pessoa destinada a viajar muito e a muito ver. Recebi informações a respeito dela quando lhe toquei a cabeça. Rapaz, sente-se diante de mim.

Relutantemente, adiantei-me e sentei-me em frente do ancião. Ele ergueu as mãos — tão frias como gelo — e as colocou na minha cabeça raspada. Com os dedos seguindo levemente as suturas da cabeça, apalpou as várias protuberâncias e falou:

— Está-lhe reservada uma vida muito árdua. — Gemi comigo mesmo. Todo mundo me dizia que iria sofrer e eu estava ficando profundamente enjoado de tudo isso. — Após os sofrimentos, provações e tribulações que apenas poucos sofrem, você alcançará sucesso pouco antes do fim. Você cumprirá a missão que lhe foi destinada neste mundo.

Eu ouvira isso antes. Fora levado a adivinhos, videntes, astrólogos, clarividentes e todos haviam repetido a mesma coisa. Após ter dito isso, simplesmente acenou com as mãos. Levantei-me e afastei-me tanto quanto podia, num gesto que o levou a dar uma casquinada de divertimento.

Meu Guia e os demais empenhavam-se numa longa discussão de assuntos sérios. A conversa não tinha muito sentido para mim. Falavam de profecias sobre coisas que ocorreriam no Tibete, das melhores maneiras de preservar os Conhecimentos Sagrados e diziam que medidas já estavam sendo tomadas para levar vários livros e certos artigos para as montanhas, onde seriam ocultados em cavernas.

Diziam também que coisas falsificadas seriam deixadas nos templos para que os velhos artigos autênticos não caíssem nas mãos dos invasores que viriam mais tarde.

Deixei o recinto fechado, sentei-me numa pedra, contemplando a paisagem lá embaixo. A cidade de Lhasa estava agora oculta pela escuridão da noite que se aproximava. Somente os picos mais altos de Chakpori e da Potala brilhavam ainda na tênue luz do anoitecer. Lembravam duas ilhas flutuando num mar de púrpura, a mais profunda. Gradualmente, as ilhas pareceram submergir na escuridão geral. Um brilhante raio da Lua, descendo pelas encostas da montanha, tocou o telhado da Potala, que se iluminou de réstias douradas. Voltei-me e entrei no recinto. Despi o manto, envolvi-me no cobertor, e adormeci.